



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**  
**ESCOLA DE ARTES**  
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

**Arquitectura militar de Cabo Verde**

A Fortaleza Real de São Filipe e o sistema defensivo da Cidade Velha

**Cristopher Pires Silva Mendonça**

Orientação: Prof. Dr. João Barros Matos

**Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura**

Évora, 2018

*Esta dissertação inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri*



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**  
**ESCOLA DE ARTES**  
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

**Arquitectura militar de Cabo Verde**

A Fortaleza Real de São Filipe e o sistema defensivo da Cidade Velha

**Cristopher Pires Silva Mendonça**

Orientação: Prof. Dr. João Barros Matos

**Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura**

Évora, 2018

*Esta dissertação inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri*





## FICHA TÉCNICA

Estabelecimento de ensino Universidade de Évora

Curso Mestrado Integrado em Arquitectura

Ano 2017-2018

Unidade curricular Dissertação

Orientador Prof. Dr. João Barros Matos

Discente Cristopher Pires Silva Mendonça

Presidente do júri Prof. Dr. João Gabriel Candeias Dias Soares

Arguente Prof. Dr. Nuno Miguel Pinho Lopes

*Esta dissertação inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri*

Dedico este trabalho a todos os meus familiares e amigos em especial ao meu pai Manuel António Andrade Silva Mendonça, que me ajudou ao longo de todo o período de estudo académico e à minha querida mãe Ana Maria Galina Pires Mendonça Silva, falecida logo no meu primeiro ano de curso na Universidade. A vocês, o meu eterno agradecimento, do filho que muito vos ama.

## **Arquitectura militar de Cabo Verde**

A fortaleza real de São Filipe e o sistema defensivo da Cidade Velha



Fig.1

"Aquele ilha aportámos que tomou  
o nome do guerreiro Santiago,  
Santo que os Espanhóis tanto ajudou  
A fazerem nos Mouros bravo estrago.  
Daqui, tanto que Bóreas nos ventou,  
Tornamos a cortar o imenso lago  
Do salgado Oceano, e assim deixamos  
A terra onde o fresco doce achamos."

**Camões**

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. João Barros Matos, por ter aceite o desafio em ajudar-me na realização desta investigação.

Ao meu amigo Francisco Lopes Moreira, Instituto do Património Cultural, por ter se disponibilizado nas visitas à fortaleza e pelas partilhas dos conhecimentos, dando-me a conhecer e compreender melhor a estrutura militar.

Ao Técnico Superior Jaylson Eusébio L. Monteiro, do IIPC, pela cedência das informações

A Sra. Ana Mafalda Gomes Furtado Moreira, do Arquivo Nacional de Cabo Verde, pelos documentos enviados e as funcionárias do respectivo estabelecimento.

Ao Sr. Natalino Semedo da Câmara Municipal da Ribeira Grande e ao Dr. Martinho Brito pela partilha das informações.

Às funcionárias da Biblioteca Nacional de Cabo Verde, pelo atendimento e disponibilidade.

Aos meus amigos Balduino Mendes e Ivandro Cortez, por me terem ajudado no levantamento da fortaleza.

À equipa WDI4U pelas imagens aéreas e pelo vídeo disponível no youtube ([https://www.youtube.com/watch?v=Vvpi8X-f\\_ZY](https://www.youtube.com/watch?v=Vvpi8X-f_ZY)), em especial ao Edivar Mascarenhas.

Ao meu primo Iga Gonçalves, por ter se disponibilizado na visita à Fortaleza e pelas correções.

À amiga Bernadete, pela cedência das informações e um especial agradecimento à professora Maria do Céu pelas correções feitas.

Ao meu amigo Sénio, por ter se disponibilizado em ajudar nas correções, e a todos os meus amigos, que de alguma forma ajudaram na realização dessa investigação.

A todos vocês meu sincero agradecimento.

## RESUMO

A arquitectura militar é um tema que tem despertado o interesse de muitos arquitectos e investigadores, como o caso do arquitecto e investigador, Prof. Dr. João Matos, o investigador Carlos Garcia Penã, o investigador Martinho Robalo de Brito, o investigador Rafael Moreira, o arquitecto e investigador Nuno Lopes, entre outros. O arquipélago de Cabo Verde é rico pela sua diversidade patrimonial, onde se destacam equipamentos que outrora desempenharam papéis estratégicos na defesa do país. Actualmente, quase todos os monumentos encontram-se abandonados pelo que é dever comum dar-lhes o respectivo respeito pelo seu valor histórico e cultural, marcas da memória ao longo dos tempos.

As estruturas militares construídas nas diferentes ilhas de Cabo Verde, estão localizadas em pontos estratégicos com grande relevância na defesa deste território. Após a perda da sua função militar muitas destas estruturas encontram-se hoje em estado de abandono e degradação. Neste âmbito, é de grande pertinência a o estudo das fortificações militares de Cabo Verde, no sentido de contribuir para o conhecimento arquitectónico destas estruturas, tendo em vista a preservação, salvaguarda e futura valorização deste património histórico-militar

Para além de se debruçar sobre um reconhecimento mais geral das principais estruturas defensivas do arquipélago, o nosso estudo tem como foco a Fortaleza Real de São Filipe na Ribeira Grande de Santiago, actual Cidade Velha, a maior e a mais importante estrutura defensiva do arquipélago.

Palavras-chave: Cabo Verde, Arquitetura Militar, Património, Cidade Velha, Fortaleza Real de São Filipe



# ÍNDICE

1.	INTRODUÇÃO	
1.1	Objecto de estudo	001
1.2	Objectivos	002
1.3	Método	003
1.4	Estado da arte	004
2.	O ARQUIPÉLAGO DE CABO VERDE	
2.1	Enquadramento geográfico	006
2.2	Enquadramento histórico	012
2.3	Caracterização sumária das ilhas	016
2.4	Defesa das ilhas e o sistema fortificado	028
3.	A FORTALEZA REAL DE SÃO FILIPE E O SISTEMA DEFENSIVO DA CIDADE VELHA	
3.1	Cidade Velha e a sua evolução histórica	044
3.2	O sistema defensivo da cidade	050
3.3	A Fortaleza Real de São Filipe - História da construção	080
3.4	As Fortificações Filipinas	084
3.5	Descrição	090
3.6	Interpretação	102
3.7	Situação actual	120
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
	BIBLIOGRAFIA	130
	ANEXOS	134

## ABSTRACT

### Military architecture of Cape Verde

### The Royal Fortress of São Filipe and the defensive system of the Cidade Velha

Military architecture is a theme that has aroused the interest of many architects and researchers. The archipelago of Cape Verde is rich for its heritage diversity, highlighting equipment that once played strategic roles in the country's defense. At present, almost all monuments are abandoned so it is a common duty to give them respect for their historical and cultural value, marks of memory over time.

The military structures built in the different islands of Cape Verde, are located in strategic points with great relevance in the defense of this territory. After the loss of their military function, many of these structures are now in a state of abandonment and degradation. In this context, it is of great relevance to the study of the military fortifications of Cape Verde, in order to contribute to the architectural knowledge of these structures, with a view to preserving, safeguarding and future valorization of this historical-military heritage

Besides focusing on a more general recognition of the main defensive structures of the archipelago, our study focuses on the Royal Fortress of São Filipe in Ribeira Grande, Santiago, now as Cidade Velha, the largest and most important defensive structure in the archipelago.

Keywords: Cape Verde, Military Architecture, Patrimony, Cidade Velha, Royal Fortress of São Filipe

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 OBJECTO DE ESTUDO

O presente trabalho tem como objecto de estudo o sistema defensivo da Ribeira Grande de Santiago, actual Cidade Velha, classificada Património Mundial da Humanidade em 2009 pela UNESCO, com destaque a Fortaleza Real de São Filipe, primeira estrutura defensiva construída no arquipélago de Cabo Verde.

### 1.2 OBJECTIVOS

O principal objectivo da presente investigação é aprofundar o conhecimento sobre a arquitectura militar de Cabo Verde, com o reconhecimento e compreensão das principais estruturas defensivas de cada uma das ilhas do arquipélago de Cabo Verde. Neste âmbito, pretendemos ainda aprofundar o conhecimento sobre o caso específico da Fortaleza Real de São Filipe, como elemento chave do sistema defensivo da Cidade Velha, a fim de elaborar um documento que possa ter utilidade prática e operativa no momento de estabelecer estratégias de conservação e valorização do conjunto edificado.

## 1.3 MÉTODO

O estudo assenta essencialmente na recolha e análise de elementos bibliográficos sobre o objecto de estudo, realizada em paralelo com a levantamento e interpretação arquitectónicas de algumas das estruturas construídas existentes. Neste âmbito a investigação desenvolve-se num campo que reúne diferentes áreas de conhecimento, entre as quais a do projecto e da análise arquitectónica, a da história da arquitectura, a da construção e a da conservação do património histórico.

O estudo tem início com uma leitura do sistema defensivo e das diferentes estruturas existentes nas diferentes ilhas do arquipélago de Cabo Verde, tendo por base a análise das imagens aéreas, em conjunto com a interpretação da informação proveniente de fontes escritas e gráficas. Para o desenvolvimento da investigação sobre a Fortaleza Real de São Filipe e o sistema defensivo da Cidade Velha, foi particularmente importante o trabalho de levantamento e interpretação de todo o conjunto, realizado no próprio local.

## 1.4 ESTADO DA ARTE

1- Em relação ao tema das fortificações em Cabo Verde:

O roteiro feito pelo arquiteto Manuel Spencer Lopes Dos Santos com o tema " Fortificações de Cabo Verde– Pontos estratégicos com séculos de História", visa estimular o turismo histórico-cultural e incentivar a preservação e a divulgação do património histórico militar de Cabo Verde.

O livro “Património de origem Portuguesa no mundo – África mar vermelho golfo pérsico” é um projecto iniciado em 2007, financiado pela Fundação Gulbenkian com o objectivo de promover e recuperar o património Português existente. O livro teve a participação do arquitecto José Manuel Fernandes, destacando o património arquitectónico português em Cabo Verde. O livro é um instrumento de referência para pessoas e instituições que pretendam contribuir, pelo estudo e pela acção, para a preservação de uma herança comum.

Importa, ainda, referir o trabalho do arquitecto Luís Benavente na sequência do interesse pelas questões patrimoniais, referentes a documentações legais e teóricas tendo em vista à conservação e proteção do património de Cabo Verde, disponíveis no Instituto dos Arquivos Nacionais/ Torre do Tombo.

2- Em relação ao estudo da Fortaleza Real de São Filipe e ao sistema defensivo da Cidade Velha, destaca-se o trabalho do investigador Carlos Garcia Penã, publicado no ano 2000, com o tema “Fortalezas, gente e paisagem” e o relatório apresentado pelo grupo de trabalho nomeado por despacho de 5 de setembro de 1959, intitulada "Ribeira Grande - Primeira cidade fundada por portugueses no ultramar".

Em 2008, uma equipa de investigadores apresentou um dossier para a UNESCO intitulado: "Cidade Velha, Centro Histórico da Ribeira Grande" para o processo de candidatura ao património mundial devido ao seu valor histórico, arquitectónico e imaterial.

A fortaleza em estudo passou por intervenções de conservação e restauro entre 1968 e 1970, e mais recentemente, em 1999. Esta última registou-se no âmbito do plano de recuperação da Cidade Velha, por iniciativa do Ministério da Cultura de Cabo Verde, sob a coordenação do arquiteto português Siza Vieira, com recursos e execução da responsabilidade da Agência Espanhola de Cooperação Internacional. Tal acção permitiu conhecer com bastante exactidão o aspecto que deveria ter tido a fortaleza durante o século XVI e também a realização do seu restauro à semelhança para com estado original.

Escavações arqueológicas recentes trouxeram à luz os muros dos antigos quartéis e da casa do Capitão-general. É de referir o surgimento de monografias e teses académicas, com maior incidência nos anos 2000, altura da preparação da candidatura da Cidade Velha ao estado de património mundial. Deste modo, destacam-se as seguintes teses de mestrado: "Da cidade da Ribeira grande à Cidade Velha em Cabo Verde", do Arquitecto Fernando Pires, já publicada em livro, a Análise Histórico-Formal do Espaço Urbano Séc.XV – Séc XVIII e o seu mais recente trabalho de doutoramento intitulado "Há vila além da costa. Urbanidade(s) em Cabo Verde no século XIX", publicado em 2017, também o trabalho da Universidade de Cabo Verde edição, 2007, da Socióloga Flávia Santos, "A Construção Patrimonial da Expansão Turísticas na Cidade Velha, Cabo Verde, Uni-CV, Praia. 2009", publicado na revista da Uni-CV, da antropóloga Irosanda Barros, "Turismo e Património: Contributo da Cidade Velha para o desenvolvimento local, (2006)", e do Gestor Turístico Natalino Semedo, " Cidade Velha: Património, Musealização e Desenvolvimento Turístico em Cabo Verde, (2010)" e diversas monografias e teses realizadas na Universidade de Cabo Verde, na Universidade Jean Piaget de Cabo Verde, e em outras Universidades africanas, europeias e americanas.

Também é de referir o trabalho “Reconvenção do Patrimonial do Sítio Histórico – Cidade Velha, Património Mundial - Interpretação da fortaleza real de são filipe", do antropólogo Martinho Robalo de Brito realizado no âmbito do mestrado em Património e Desenvolvimento, na Universidade Pública de Cabo Verde, em 2011.








Fig.3

Cabo Verde é um arquipélago de origem vulcânica, formada por 10 ilhas e 16 ilhéus, localizados na zona tropical do atlântico norte, mais precisamente a 480 km da costa ocidental Africana, de onde lhe vem o nome, com uma área total de terras emersas de (4033.37 km2)<sup>1</sup>. Das 10 ilhas, Santiago é a maior de todas, com uma área total de terras emersas de 991 km² e Santa Luzia a menor, com uma área total de 35 km².

O arquipélago está dividido em 2 grupos, Barlavento e Sotavento. O grupo de Barlavento ocupa uma área total de 2230 km², formada por 6 ilhas e 7 ilhéus. Integra as ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia (a única ilha inabitada), São Nicolau, Sal e Boavista e os ilhéus: ilhéu dos Pássaros (entre a ilha de São Vicente e Santo Antão), ilhéu Branco e Raso (entre a ilha de Santa Luzia e São Nicolau), ilhéu Rabo de Junco (junto a ilha do Sal), ilhéu de Sal Rei, ilhéu Curral Velho e ilhéu do Baluarte (nas costas da ilha da Boavista).

O grupo de Sotavento é formada por 4 ilhas e 9 ilhéus. Integra as ilhas: Maio, Santiago, Fogo e Brava e os ilhéus: ilhéu de Areia (junto das ilhas Fogo e Brava), a 8 km a Norte destas ilhas, os ilhéus: ilhéu Grande, Rombo, de Cima, do Rei, Luís Carneiro, Sapado e frende a praia em Santiago o ilhéu de Santa Maria.

O espaço marítimo do arquipélago de Cabo Verde ultrapassa os (600.000 km2)<sup>2</sup>, pelo que o seu controlo e exploração económica criam desafios importantes para a pequena república. A população de Cabo Verde ronda os 560.000 habitantes, dos quais cerca de metade vivem em Santiago, ilha onde se situa a cidade da Praia, capital e centro governamental e administrativo.

1- Santos, Maria Emília, História concisa de Cabo Verde, 2007:3  
2- Santos, Maria Emília, História concisa de Cabo Verde, 2007:3  
Fig.3 -  - Localização de Cabo Verde | Imagens acervo do autor



- Legenda:
- |                |             |
|----------------|-------------|
| 1- Santo Antão | 7- Maio     |
| 2- São Vicente | 8- Santiago |
| 3- Santa Luzia | 9- Fogo     |
| 4- São Nicolau | 10- Brava   |
| 5- Sal         |             |
| 6- Boavista    |             |

Fig.4- Imagem acervo do autor



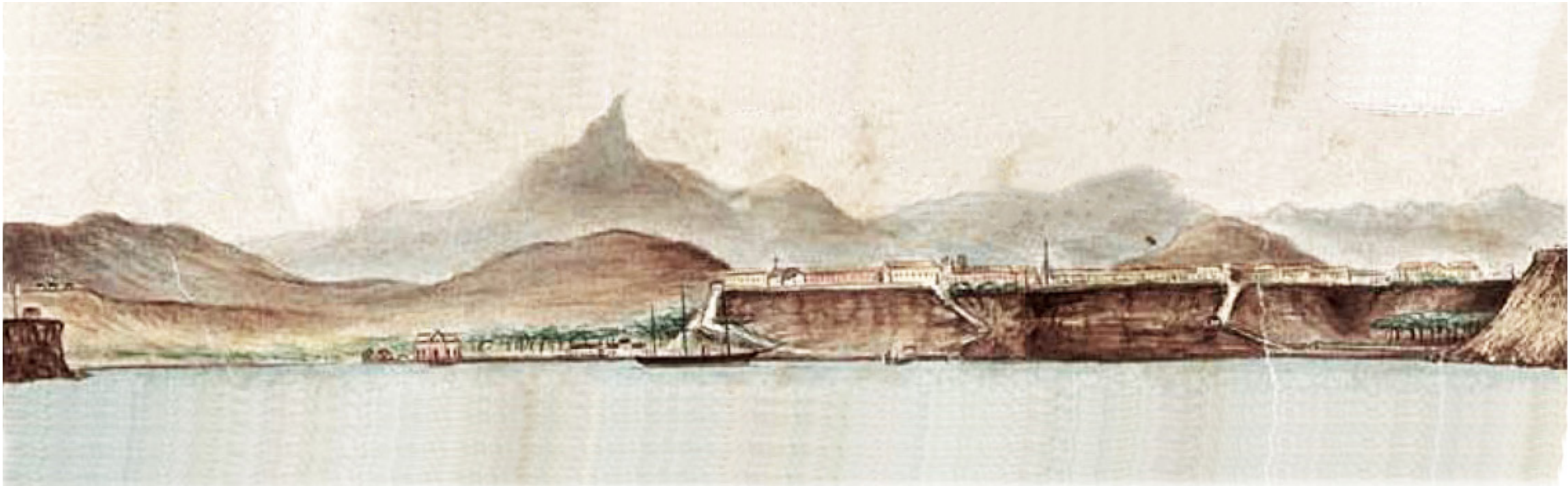


Fig.5

Fig.5- Imagem do IIPC | Data: 1882 | Autores: 2º Tenente Emygdio Fronteira e Guardas Marinhas F.co Assis Camillo J.or. e Hugo de Lacerda da Guarnição da Canhoneira "Rio Lima" do commando do Cap.ao Ten.te. Segismundo Costa; Hugo de Lacerda, g.<sup>a</sup> m.<sup>a</sup>, desenhou, Joannes Van Keulen | IIPC - Instituto do Património Cultural | Mapa de costas e fundos marinhos | Praia, Ilha de Santiago, Cabo Verde.



Fig.6

## CLIMA E RELEVO

O arquipélago fica situado numa zona de transição entre a região tropical, de altas pressões e a região equatorial de baixas pressões, fazendo com que durante grande parte do ano seja atingido por ventos quentes e secos provenientes da África sub-sahariana, responsáveis especialmente entre janeiro e abril, pelo aparecimento da bruma seca<sup>4</sup>. Nestas condições, distinguem-se duas estações climáticas durante o ano, a época seca ou “tempo das brisas”, entre novembro e julho, com tempo seco e fresco, e a estação húmida ou “tempo das águas”, de agosto a outubro, mais quente e com chuvas irregulares. Os meses de julho e novembro podem ser considerados meses de transição, os meses mais quentes são os de agosto, setembro e outubro, com temperaturas médias de 29°C, sendo, no entanto os de maior pluviosidade.

O sol brilha todos os dias do ano e a temperatura é amena, registando uma média anual de 24°C, com poucas oscilações entre as estações e a temperatura da água do mar é quase sempre superior à temperatura atmosférica. O relevo da maior parte das ilhas é acidentado, chegando a atingir os (2.829 metros)<sup>5</sup>, na ilha do Fogo, com o seu majestoso vulcão. As ilhas do Sal, Boavista e Maio são as mais planas.

## CULTURA

Cabo Verde tem na morabeza a característica principal do seu povo, num convite permanente à descoberta das diferentes formas de expressão e manifestação do calor e da raiz, com destaque para a música, a dança, o artesanato e a gastronomia. Na música o país orgulha-se de suas mornas, coladeiras, batuque, funaná e outros ritmos, enquanto na gastronomia conquista a todos com as ofertas de peixe, carne e mariscos, sendo a cachupa o prato principal.

4- Bruma seca é um fenómeno meteorológico que se caracteriza por nuvens de pó arrastadas pelo vento, de tal maneira densas, que obrigam ao enceramento dos aeroportos que não estejam dotados de tecnologias de ajuda à navegação em situações de visibilidade reduzida.

5- Agência Geral do Ultramar, Cabo Verde Pequena Monografia, 1961:8

Fig.6- A cachupa, o funana, Cesária Évora, Bana e Ildo Lobo.



## 2.2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

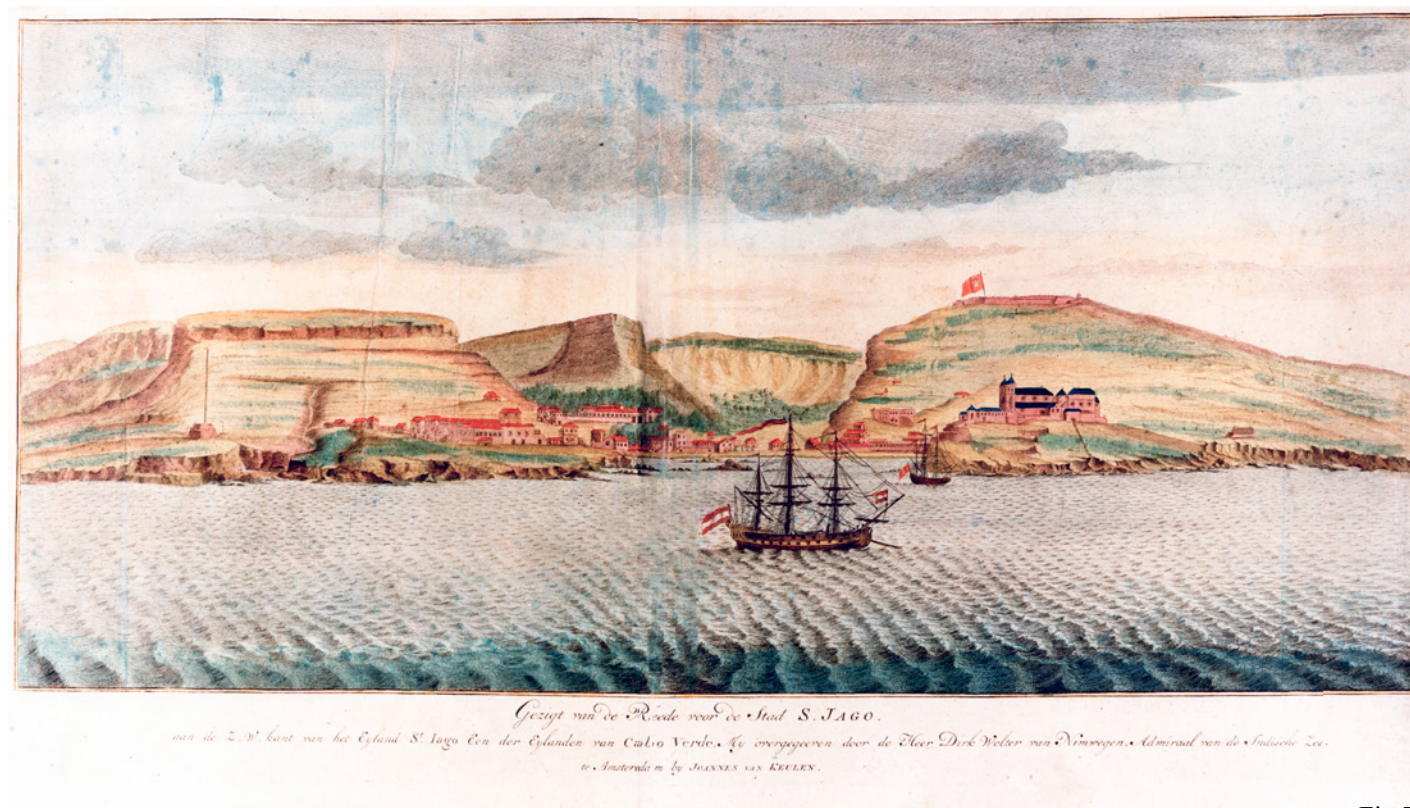


Fig.7

Fig.7- Imagem do IIPC | Data: 1635 | Autor: Joannes Van Keulen | IIPC - Instituto do Património Cultural  
Em 1462, a vila da Ribeira Grande era o único porto de comércio em Cabo Verde .



No âmbito das descobertas no ciclo da navegação Portuguesa, Cabo Verde foi descoberto em 1460, por António da Noli, Diogo Gomes e Diogo Afonso ao serviço da coroa Portuguesa. As ilhas, que inicialmente eram desertas, foram imediatamente povoadas por navegadores Portugueses e escravos trazidos pelos mesmos da Costa Africana. O arquipélago serviu de apoio às rotas marítimas durante séculos, criando-se nas suas ilhas diversos núcleos urbanos, um dos quais, o mais antigo, constitui o berço da nação crioula, Ribeira Grande de Santiago, actual Cidade Velha, lugar onde nasceu o comércio dos escravos e hoje considerado pela UNESCO, Património Mundial da Humanidade.

No contexto dos descobrimentos Portugueses, sob domínio do infante D. Henrique, as primeiras ilhas descobertas foram: Santiago, Fogo, Maio, Boavista e Sal, estando associados nesta fase, António da Noli e Diogo Gomes. Numa segunda fase sob o domínio de D. Fernando, Diogo Afonso quem acompanhava António da Noli numa viagem de reconhecimento para a futura povoação da ilha de Santiago, quando foram avistadas e descobertas as restantes ilhas. Assim, em 1462 todas as ilhas (inabitadas) já haviam sido descobertas, e a colonização das mesmas teve início. Tal qual na Madeira e nos Açores, essas ilhas não eram habitadas por humanos, isso favoreceu a ocupação dessas terras.

O povoamento do arquipélago de Cabo Verde não se deu em simultâneo, algumas ilhas só foram povoadas no séc. XIX. Santiago e Fogo foram as primeiras ilhas povoadas, sendo que Santiago, a lha de maior extensão e mais fértil do arquipélago, abarcava nascentes de água doce ao contrário das ilhas mais áridas que quase não tinham água ou teriam água salobra. Composta por uma paisagem de grandes números de ribeiras que formavam alguns vales verdejantes, continha as melhores condições de abrigo e ancoramento dos navios. A ilha fica próxima da Costa da Guiné, uma posição favorável para o comércio negreiro, fazendo com que seguidamente se povoasse a ilha do Fogo que era considerada uma extensão da ilha de Santiago.

Em suma, podemos resumir o povoamento das ilhas de Cabo Verde em três ciclos: o primeiro ciclo de povoamento os sécs. XV e XVI, com as ilhas Santiago e Fogo. O segundo ciclo de povoamento os sécs. XVII e XVIII, com Santo Antão, São Nicolau e Brava. O terceiro ciclo de povoamento no séc. XVIII, as ilhas de Boavista, Maio, São Vicente, Santa Luzia e Sal.

O modelo adotado pela coroa Portuguesa para o povoamento das ilhas de Cabo Verde foi a doação de terrenos, tendo em vista a exploração da agricultura e a atribuição da carta régia de 1466<sup>3</sup>, na qual oferecia privilégio a quem viesse viver em Santiago. Com isso a colonização do arquipélago tornou-se mais convidativa, estando Cabo Verde numa posição geograficamente estratégica, o arquipélago acaba por se tornar numa escala quase obrigatória à navegação triangular (África, Europa e as Américas), tornando-se num ponto de encontro de várias culturas e miscigenação étnica, originando assim uma sociedade com uma identidade e cultura própria.

3-A carta régia publicada em 1466 pelo rei de Portugal, dava algumas liberdades àqueles que viessem viver em Santiago entre as quais a possibilidade de comercializar todos os produtos em toda a costa da Guiné, excepto na feitoria de Arguim (zona reservada à coroa). (Fernandes, José Manuel, África Arquitectura e Urbanismo de Matriz Portuguesa, 2011:15)



Fig.8- Imagem da Biblioteca Nacional de Portugal  
Data: 1840 | Autor: Manuel Luís da Costa | Fonte: <http://purl.pt/29868>





## 2.3. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DAS ILHAS

Fig.9- Imagem acervo do autor



Fig.10

## SANTO ANTÃO

É a segunda maior ilha do arquipélago e terceira mais populosa, com uma superfície aproximadamente de (779 km<sup>2</sup>)<sup>6</sup> e 47 mil habitantes, é a ilha mais setentrional e mais acidentada, de maiores contrastes na paisagem. Foi descoberta segundo a tradição oral no dia 17 de janeiro de 1462, dia de Santo Antão, uma vez que na altura tinha-se o hábito de atribuir ao lugar descoberto o nome do santo do calendário religioso. Em 1548, começou a ser colonizada, mas com pouco sucesso.

A ilha é marcada pelas grandes elevações das suas montanhas e vales profundos, tendo os seus pontos mais altos, o Topo da coroa, (com 1979 metros)<sup>7</sup> e o Pico da Cruz, com 1585 metros. Com o clima fresco e húmido, os planaltos no maciço central estão cobertos de pinheiros, eucaliptos, ciprestes e acácias. A abundância da chuva na ilha, faz com que a precipitação seja das mais elevadas do arquipélago, sendo na agricultura a principal riqueza da ilha.

Santo Antão, está dividida em três concelhos, o Paul, o Porto Novo e a Ribeira Grande. A Ribeira Grande é a capital da ilha e situa-se a nordeste da mesma, na costa sudoeste fica a maior vila, o Porto Novo, porto por onde entram os produtos necessários e saem as produções agrícolas<sup>8</sup>.

6- Santos, Maria Emília, História concisa de Cabo Verde, 2007:4  
 7- Agência Geral do Ultramar, Cabo Verde Pequena Monografia, 1961:9  
 8 - Agência Geral do Ultramar, Cabo Verde Pequena Monografia, 1961:22  
 Fig.10- Vila do Porto Novo  
 Fonte: Imagem do livro *Viço do ar* - Cabo Verde



Fig.11

## SÃO VICENTE

É a quarta ilha mais pequena do arquipélago, com aproximadamente (227 km<sup>2</sup>)<sup>9</sup> de superfície, e a segunda mais populosa, com mais de 67 mil habitantes. Foi descoberta em 22 de janeiro de 1462, sendo uma ilha montanhosa e relativamente seca, não muito propícia à agricultura, de importância atribuída pelos seus portos e pela pesca. Porto Grande é o porto mais importante da ilha e fica situada na baía do Mindelo, na cidade do Mindelo. Um porto de grande importância para a ilha, uma vez que foi o ponto de partida para o seu povoamento. Construído pelos Ingleses em 1838, após autorização das autoridades portuguesas, foi utilizada como depósito de carvão para o reabastecimento dos navios em rotas transatlânticas.

A cidade do Mindelo é a segunda maior cidade do arquipélago, apresenta ainda hoje muitos traços do seu passado colonial, com um património edificado significativo. Junto a baía do Porto Grande no alto do monte está localizada o fortim D'El Rei, uma arquitectura militar utilizada para a defesa da ilha. O ponto mais alto da ilha é o Monte Verde, com 725 metros, um miradouro natural.

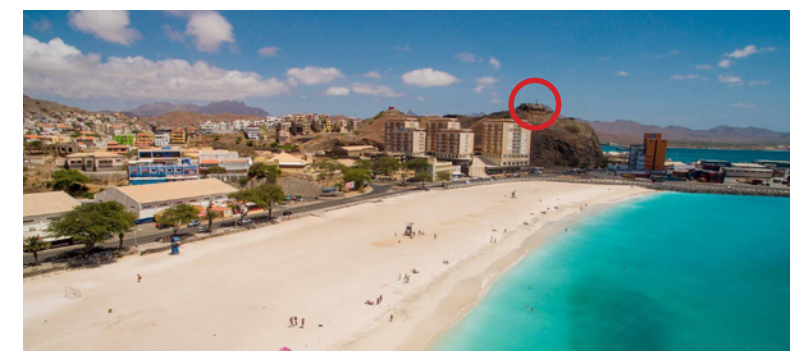


Fig.12

9- Santos, Maria Emília, História concisa de Cabo Verde, 2007:4  
 Fig.11- Cidade do Mindelo  
 Fig.12- Praia da Laginha, no alto do monte está localizado o forte D' El- Rei.  
 Fonte: Imagens do livro *Viço do ar* - Cabo Verde





Fig.13

## SANTA LUZIA

É a ilha mais pequena do arquipélago, com apenas (35 km<sup>2</sup>)<sup>10</sup> de superfície, o seu ponto mais alto tem a altitude máxima de 395 metros (Topona) e um declive que se atenua de norte para sul.

Provavelmente descoberta em 13 de dezembro de 1462, uma vez que na altura tinha-se o hábito de atribuir ao lugar descoberto o nome do santo do calendário religioso, a pequena ilha chegou a ser habitada nos meados do séc. XVIII por um grupo pequeno de pescadores e agricultores que se dedicavam também à criação de gado. Devido ao clima muito seco e a extrema falta de água fez com que ela fosse abandonada encontrando-se hoje desabitada.

Curiosamente, embora várias ilhas de Cabo Verde, tenham nomes de santos, Santa Luzia é a única que tem nome de uma Santa. Em 1990 foi elevada a património público, uma importante reserva natural das mais variadas espécies de aves marinhas, peixes e tartarugas, muitas delas em via de extinção.



Fig.14

## SÃO NICOLAU

A ilha de tamanho médio no conjunto do arquipélago, tem (343 km<sup>2</sup>)<sup>11</sup> de superfície e tem 50 km de comprimento no sentido Leste/Oeste. Descoberta em dezembro de 1461 por Diogo Afonso que lhe deu o nome de São Nicolau em homenagem ao santo do dia, o seu povoamento só começou em 1510 com pessoas vindas da Madeira e escravos trazidos de África, assim como aconteceu com as outras ilhas.

O lado ocidental da ilha é montanhoso, com alguns vales profundos e de clima relativamente chuvoso, com actividade agrícola e pecuária de alguma preponderância no vale de fajã. A vila da Ribeira Brava é a sede administrativa do concelho e ponto mais alto da ilha é o Monte Gordo, (com 1304 metros)<sup>12</sup>, na zona mais húmida existe uma planta característica da ilha chamada de “dragoeiro”, em forma de guarda chuva. O lado Leste da ilha é pobre, árida e pouco habitada. Na vila da Preguiça, localiza-se o forte do Príncipe Real, uma obra de carácter militar utilizada para defesa da ilha.

10- Santos, Maria Emília, História concisa de Cabo Verde, 2007:4  
Fig.13- Ilha de Santa Luzia, visto do ar.  
Fonte: [www.wanacorp.fr/wp-content/uploads/2016/02/santa-luzia.jpg](http://www.wanacorp.fr/wp-content/uploads/2016/02/santa-luzia.jpg)

11- Santos, Maria Emília, História concisa de Cabo Verde, 2007:4  
12- Agência Geral do Ultramar, Cabo Verde Pequena Monografia, 1961:9  
Fig.14- Vista da Ribeira Brava | Fonte: Imagem do livro Visto do ar - Cabo Verde  
Na vila da Preguiça, localiza-se o forte do Príncipe Real.





Fig.15

## SAL

A ilha é uma das mais pequenas do arquipélago, com (216 km<sup>2</sup>)<sup>13</sup> de superfície. Foi descoberta por António da Noli em 1460, e o seu povoamento em massa se iniciou no séc. XIX. António da Noli, nomeou a ilha de Sal devido à descoberta de uma mina de sal mineral no interior de uma antiga cratera na localidade de Pedra de Lume. Apesar da ilha ser de origem vulcânica, ela é bastante diferente das outras ilhas, por ser uma ilha bastante plana, com vegetação escassa e com algumas montanhas apenas no norte da ilha.

A capital da ilha é a cidade de Espargos, no séc. XVIII foi iniciada a extração do sal, onde essa actividade hoje se encontra praticamente inactiva.



Fig.16

## BOAVISTA

A terceira maior ilha do arquipélago com os seus (620 km<sup>2</sup>)<sup>14</sup> de superfície, é a mais oriental e uma das mais planas e secas, tem 55 km de praias de areia branca, com águas transparentes e o ponto mais alto da ilha é o Monte da Estância com apenas 387 metros.

A ilha foi descoberta em 1460 pelo navegador português, Diogo Gomes e o seu povoamento só teve início no séc. XVII. Diogo Gomes, nomeou a ilha de Boavista devido ao desespero em encontrar terras firmes, após uma prolongada estadia no mar. Devido à extrema secura da ilha, ela foi sempre pouco povoada. A maior povoação da ilha é a Vila de Sal Rei, com cerca de 2500 habitantes. Nas proximidades da ilha, existe um ilhéu chamado de ilhéu de Sal Rei, onde está localizada o forte Duque de Bragança.

13- Santos, Maria Emília, História concisa de Cabo Verde, 2007:4

Fig.15- Cidade de Santa Maria

Fonte: [http://caras.sapo.pt/lifestyle/lifestyle\\_viagens/2016-07-01-Cabo-Verde-Oasis-Salinas-Sea-Ilha-do-Sal](http://caras.sapo.pt/lifestyle/lifestyle_viagens/2016-07-01-Cabo-Verde-Oasis-Salinas-Sea-Ilha-do-Sal)

14- Santos, Maria Emília, História concisa de Cabo Verde, 2007:4

Fig.16- Vista aérea do Sal Rei

Fonte: Imagem do livro Visto do ar - Cabo Verde

No ilhéu de Sal Rei, localiza-se o forte Duque de Bragança





Fig.17

## MAIO

A ilha do Maio é uma ilha com alguns relevos no interior, com uma superfície aproximadamente (269 km<sup>2</sup>)<sup>15</sup>, o seu ponto mais alto é o Monte Penoso com 436 metros. Nas zonas costeiras é plana e de boas praias, a ilha é muita seca e a segunda menos habitada.

Foi descoberta em 1460, mas o seu povoamento teve início no final do séc. XVI. Durante anos foi utilizada para a extração do sal que era depois exportado para outros países como o Brasil, e criação de gado, principalmente caprino.

A maior povoação da ilha encontra-se na vila do Maio, com cerca de 7 mil habitantes, ou vila do Porto Inglês como também é conhecida devido aos inúmeros navios Britânicos naufragados, que antigamente atracavam no porto transportando o sal. É no Porto Inglês que se localiza o forte de São José, uma importante obra arquitectónica construída na época para a defesa do porto e da ilha.


15- Santos, Maria Emília, História concisa de Cabo Verde, 2007:4  
Fig.17- Vila do Maio |  - Localização do Forte de São José  
Fonte: Imagens do livro Visto do ar - Cabo Verde  
Na vila do Maio, localiza-se o forte de São José.



Fig.18

## SANTIAGO

A maior ilha e com mais de metade da população do arquipélago na cidade da Praia, capital do país, têm uma superfície aproximadamente de (991 km<sup>2</sup>)<sup>16</sup>. A ilha tem 75 km de comprimento e foi a primeira ilha a ser descoberta e povoada pelos navegadores portugueses dando assim início à nação crioula. Desde cedo, teve um papel importante na navegação e ao comércio triangular (entre a Europa, a África e as Américas).

A ilha é montanhosa, com alguns picos acima dos 1000 metros, com vales profundos e costa abrupta. O seu ponto mais alto é um monte chamado Pico da Antónia (com cerca de 1392 metros)<sup>17</sup>, e a serra da Malagueta. A ilha é maioritariamente agrícola, pois, ao contrário das outras ilhas tem água corrente em abundância. O clima é ameno, fazendo com que nas zonas mais altas exista muita humidade e com alguma vegetação. As encostas são áridas e nos vales onde o solo permite são cultivados os produtos alimentares para a população.

A cerca de 12 km a oeste da Praia, está localizada a primeira cidade fundada pelos portugueses em África, Ribeira Grande de Santiago hoje conhecida pela Cidade Velha, onde podemos encontrar alguns dos monumentos que testemunham o seu passado histórico, entre as quais se destacam a fortaleza Real de São Filipe e o seu sistema defensivo, considerados em 2009 pela Unesco como Património Mundial da Humanidade.

Outros locais de interesse são, a cidade da Assomada e Tarrafal. Assomada é uma cidade no interior da ilha, principal centro agrícola e Tarrafal, localizada no norte, à 75 km da capital, um pequeno porto pesqueiro onde em 1936 foi construída uma colónia penal designada aos opositores políticos do regime português da época, hoje conhecida por *Campo de Concentração do Tarrafal*.

16- Santos, Maria Emília, História concisa de Cabo Verde, 2007:4  
17- Agência Geral do Ultramar, Cabo Verde Pequena Monografia, 1961:9  
Fig.18- Vista aérea da Cidade da Praia  
Fonte: <https://cidadesemfotos.blogspot.pt/2012/12/fotos-de-praia-cabo-verde.html>





Fig.19

## FOGO

A ilha é a quarta maior e a quarta mais povoada do arquipélago com (476 km<sup>2</sup>)<sup>18</sup> de superfície e 40 mil habitantes. Foi a segunda ilha a ser descoberta, no dia 1 de maio de 1460 e povoada provavelmente antes de 1493 para cultivo de algodão e criação de cavalos.

Foi denominada no início de São Filipe, mas depois o seu nome foi alterado para Djarfogo ou ilha do Fogo, nome dado devido a existência de um vulcão ainda activo que configura a ilha em forma de cone, atingindo a altura máxima de (2829 metros)<sup>19</sup> de altitude situado no Pico do Fogo.

As inesperadas erupções vulcânicas, com a mais recente actuação em 2014, a que se juntaram com frequentes situações de seca, devido à falta da chuva, fizeram com que muitos dos habitantes da ilha a emigrarem para os Estados Unidos. A capital da ilha é a cidade de São Filipe, onde se encontra localizada o forte Maria Carlota, virada para o mar, de onde se pode avistar a pequena ilha da Brava.




Fig.20

## BRAVA

A ilha é a mais pequena e uma das mais montanhosas do arquipélago com (64 km<sup>2</sup>)<sup>20</sup> de superfície, ela é muito acidentada e o seu ponto mais alto é o Pico das Fontainhas com 976 metros de altitude. Primeiramente nomeada de São João, posteriormente renomeada Djabraba ou ilha da Brava, que significa ilha selvagem, é considerada o jardim de Cabo Verde. A capital da ilha é a Nova Sintra com cerca de 7 mil habitantes. Foi povoada só em 1620, com comunidades provenientes da ilha do Fogo, que fugiram para se refugiarem na ilha Brava devido a frequentes erupções vulcânicas que aconteciam.

18- Santos, Maria Emília, História concisa de Cabo Verde, 2007:4

19- Agência Geral do Ultramar, Cabo Verde Pequena Monografia, 1961:8

Fig.19- Cidade de São Filipe |  - Localização do Forte Maria Carlota

Fonte: Imagens do livro Visto do ar - Cabo Verde

20- Santos, Maria Emília, História concisa de Cabo Verde, 2007:4

Fig.20- Vila Nova Sintra

Fonte: Imagens do livro Visto do ar - Cabo Verde





Fig.21

Fig.21- Imagem acervo do autor.  
Ano: 2018

## 2.4. DEFESA DAS ILHAS E O SISTEMA FORTIFICADO

A defesa militar das ilhas do arquipélago de Cabo Verde, oferecia uma face muito confrangedora. Com as ilhas dispersas umas das outras, dificultava a sua defesa, consequentemente as ilhas eram de tempos a tempos saqueadas pelos corsários.

O sistema de defesa do séc. XV ao séc. XVII, segundo Armando Ferreira, publicada no site, Cabo Verde info, “a par do poder civil, também o poder militar se organizou, embora mais lentamente, pois o monopólio do comércio da Guiné não colocava grandes problemas de segurança aos armadores, até começarem os ataques corsários e piratas, por meados do séc. XVI”. Nessa altura, o exército foi constituído em Companhias de Milícia e mais tarde transformadas em Companhia de Ordenanças, declaradas efetivas em 1570. Segundo o mesmo autor, em 1582 contavam-se em Santiago quatro Companhias de Ordenanças, (três na Ribeira Grande e uma na Praia) e uma no Fogo. Em 1593, fica assim concluída a Fortaleza Real de São Filipe, que à par do forte Santa Marta, a oeste, e mais dois baluartes à entrada do porto, configuram uma maior segurança a Ribeira Grande, depois do espanhol Diego Flores de Valdez ter relatado ao Rei Filipe II de Espanha e primeiro de Portugal, a situação insegura que se deparava a capital, à mercê dos assaltos dos corsários. Tanto em Santiago como no fogo foram erguidas algumas vigias em alguns pontos estratégicos, assim como um baluarte na Praia (Santiago).

As ilhas eram providas pelo reino de dois galeotes, que patrulhavam principalmente os rios da Guiné para inibir o comércio ilegal. A frota era constituída por seis zabras para patrulhamento das costas nas ilhas, dois galeões, um nau e cinco caravelas assim como os 750 militares da marinha que tinham a missão de caçar os corsários e defender os portos de Cabo Verde e da Guiné, em especial, a Ribeira Grande, Praia e Cacheu.

Segundo o autor Daniel Pereira, em “A situação da ilha de Santiago no 1º quartel do século XVIII, publicado em 2004”, o século XVII foi um século de inúmeros acontecimentos férteis político-militares que de algum modo, desorganizaram a débil estrutura socioeconómica, por se tratar de um dos períodos mais sombrios da história do arquipélago. Afirmando, pelo facto de ter abrangido, principalmente, parte da ocupação espanhola, suportando as ilhas todo o curso inglês, holandês e francês, e o período que se inicia com a restauração, e que vai praticamente até aos finais do século, com todas as dificuldades inerentes à reorganização económica, política e militar do continente português e a situação cada vez mais difícil na costa da Guiné, área de que Cabo Verde dependia economicamente. Esse período reveste-se de particular importância, não apenas no campo da política internacional como na economia portuguesa, cujo centro era o Atlântico.

“Encontrando-se Cabo Verde em pleno Atlântico, escala obrigatória dos navios que demandavam a África, a Índia e o Brasil, natural seria que o arquipélago Cabo-Verdiano se ressentisse dos efeitos desta complexa conjuntura. Mais, pela sua situação geográfica, Cabo Verde ocupava naquele oceano uma posição privilegiada para as trocas comerciais e também para o fornecimento de víveres e água aos navios que se dirigiam da Europa para a África, América e Oriente. Ficava, aliás, no centro do comércio triangular. Assim, foi, desde o século XVI, cobiçado pelas potências cujos interesses no comércio e domínio do Atlântico Sul eram cada vez mais evidentes”. (Daniel Pereira, 2004:28)

Segundo os autores João Lopes Filho e João Paulo Aparício, no arquipélago de Cabo Verde, praticamente só Santiago merecia alguma atenção e mesmo esta mostrava-se extremamente insuficiente, podendo-se considerar que, em grande medida, os primeiros esforços para anular o curso das zonas de influência portuguesa se revelavam tarefa árdua, senão mesmo impossível. (João Lopes Filho e João Paulo Aparício, 1998:25).

Segundo Daniel Pereira, a defesa de Santiago, como os restantes quadrantes da vida da nossa ilha, oferecia nesse período uma fisionomia verdadeiramente confrangedora. Assim como noutros aspectos, não se tratava de uma situação conjuntural do momento, mas uma herança que veio muito tempo atrás. Efectivamente, desde os tempos dos Filipes, malgrado a conclusão da Fortaleza Real por volta de 1593, que a defesa de Santiago vinha sendo, de algum modo, descurada. Daniel Pereira afirma, que com a restauração em 1640, a situação em nada melhorou. Muito pelo contrário, dizendo que existe uma imensa gama documental que prova essa tendência para o descalabro da defesa da ilha.

Segundo Maria Santos, em “História concisa de Cabo Verde”, publicada em 2007, em 1586 e durante mais de duas décadas, a ação dos bombardeiros de Santiago foi coordenada pelo condestável dos artilheiros, o italiano João Rebelo, sendo a Itália uma das regiões onde a tecnologia militar de armas de fogo estava mais avançada. “Os facheiros eram os especialistas na transmissão de informação do sistema de vigilância montado nas ilhas, através de sinais de luzes codificados, feitos por um facho, entre pontos diferentes da mesma ilha, de uma ilha para outra ou navios.

As mensagens transmitidas continham informações concretas sobre as características e a movimentação das armadas inimigas, alertando as autoridades de Santiago de forma a acionar os dispositivos de defesa” (...). “Na orla costeira entre Ribeira Grande e a vila da Praia, operavam seis facheiros distribuídos por pontos estratégicos do litoral: na Fortaleza Real de São Filipe, no Ribeirão Baltasar Correia (Ruberão), no Monte Vermelho, em São Martinho, na Praia negra e no Pescadeiro Alto”.

A insegurança, sobretudo nas povoações costeiras, parece ter sido, no entanto, um dos efeitos mais dramáticos do corso e marca toda a história do arquipélago durante o período seiscentos. Algumas povoações, seja em Santiago, seja das outras ilhas, eram de tempos em tempos saqueados, sem que a tal se pudesse obstar. Exemplo, os ingleses iam à ilha do Maio buscar sal tanto quanto bem entendessem e durante bastante tempo, sem que as autoridades militares o pudessem impedir. As infraestruturas criadas e os equipamentos militares nunca estiveram à altura de responder aos ataques dos inimigos. Cientes desta fragilidade, muitos dos habitantes acabaram por abandonar a ilha ou imigrarem para o interior da ilha. No início de seiscentos, a vila da Praia encontrava-se quase completamente abandonada, enquanto a Ribeira Grande se apresentava bastante descaracterizada. Para muitos a permanência na Ribeira Grande ou na vila da Praia já não se justificava após a derrocada comercial, os que ficaram aprenderam a conviver com o medo das ameaças dos ataques inimigos.

"Ribeira Grande vivia sobretudo das relações que mantinha com o exterior, sendo uma cidade virada para o mundo e não para o próprio arquipélago ou para a ilha na qual se insere. É daí que advém a sua visibilidade, mas era aí que também residia a sua vulnerabilidade (Silva, 2002) em "Há vila além da costa. Urbanidade(s) em Cabo Verde no século XIX", (Fernando Pires, 2017:10).

A cidade era muito atacada pelos corsários, devido ao porto aberto e de difícil defesa, em 1585 foi atacada por corsários ingleses ao comando de Francis Drake, consumado o saque, os ingleses arrasaram por completo a cidade. Segundo Maria Santos, 2007:192 " os ataques de Serradas e de Drake mostraram a ineficácia do sistema defensivo da ilha, levando a que, na década de oitenta, tenha surgido a ideia de mudar a capital para a Vila da Praia, que tinha melhor porto e podia ser mais facilmente fortificada, por se situar num sítio alto".

A estrutura militar, encontrava-se completamente desorganizada, não havendo mesmo soldado. Anos depois a situação em nada melhorou tanto é que em 1712, o Governador Pinheiro da Câmara e demais oficiais se teriam rendidos e depois abandonaram a cidade na sequência do ataque do corsário francês comandado pelo bravo Jacques Cassard.

(...) “Portugal controlava um vasto império espalhado por cinco continentes, sendo o primeiro império colonial moderno do mundo e com características peculiares. Algumas de carácter descontinuo e ribeirinho, era constituído por uma série de pontos criteriosamente selecionados, quase sempre fortificados, tendo como objectivos controlar comercialmente uma determinada área e, em simultâneo, construir pontos de apoio logístico à navegação em trânsito”. (Rezendes, 2010:2)

Em Cabo Verde existem algumas dessas estruturas de grande destaque e valor arquitectónico, como é o caso do forte Del Rei na ilha de São Vicente, o forte Príncipe Real na ilha de São Nicolau, o forte Duque de Bragança no ilhéu de Sal Rei, (junto a ilha da Boavista), o forte de São José na ilha do Maio e a Fortaleza Real de São Filipe na Ribeira Grande de Santiago, actual Cidade Velha – ilha de Santiago e o forte Maria Carlota na ilha do Fogo.

Essas estruturas de extrema importância, funcionavam de forma independente. Ou seja, no fundo, cada ilha defendia-se a si mesmo, sobretudo em posicionamentos geográficos em que o ataque seria mais fácil, ou onde a defesa garantiria melhores desempenhos.





Fig.22

## FORTIM D'EL-REI / ILHA DE SÃO VICENTE

O fortim D'el-Rei, também conhecido como fortim do Mindelo, localiza-se junto à baía da ilha de São Vicente, mais propriamente na cidade do Mindelo em Porto Grande, numa colina a cerca de 40 metros acima do mar. O forte foi construído entre 1852 e 1853, foi utilizado como defesa do Porto Grande contra os ataques dos corsários, subsistindo como a construção mais antiga da cidade. A implantação estratégica do forte proporciona uma vista panorâmica sobre a urbe, tendo como plano de fundo a baía e a alfândega velha, hoje Centro da Cultura do Mindelo.

O fortim é uma estrutura térrea, com o formato sensivelmente quadrangular em planta, tendo nas suas dimensões cerca de trinta metros de lado. No interior existe um pátio central, com salas envolvidas por varandas e terraço. Os muros e paredes são construídos em alvenaria de pedra e cal, com portas e janelas de madeira. Pelo facto de não ter desempenhado as suas funções iniciais, em 1881 passou a desempenhar a função de estação de sinais e entre 1930 e 1970, foi transformado e adaptado a cadeia civil, servindo como prisão durante vários anos, tendo abandonado esta função quando foi construída a actual cadeia central do Mindelo.



Fig.23

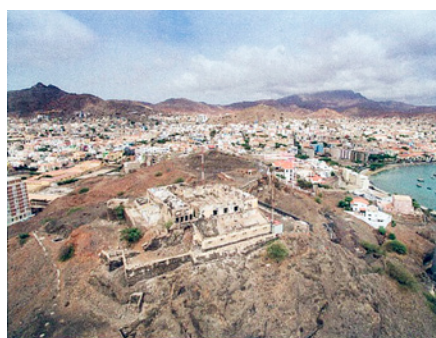


Fig.23



Fig.24


Fig.22-  - Localização do forte (google earth, 2017)

Fig.23- Fonte: <https://www.alamy.com/stock-photo-old-fort-in-mindelo-sao-vicente-island-cape-verde-archipelago-72545655.html>

Fig.24- Imagem do livro Visto do ar - Cabo Verde

Fig.25- Fonte: [https://www.tripadvisor.pt/Attraction\\_Review-g482855-d2364264-Reviews-Fortim\\_del\\_Rei-Mindelo\\_Sao\\_Vicente.html](https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g482855-d2364264-Reviews-Fortim_del_Rei-Mindelo_Sao_Vicente.html)

Fontes: Luís Benavente Arquitecto (espólio profissional nos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo), 1996 (caixas sobre Cabo Verde, dossiers 493,459,777, 502, 450, 669); Loureiro, J., Postais Antigos de Cabo Verde, Lisboa, 1998, p.21.



Fig.25

No ano de 1962, Luís Benavente sugeriu alterações no forte, propondo a reconversão do espaço em um salão de chá, realizado no âmbito da DSUH-DGOPC, o projecto aproveitava e organizava os espaços interiores em torno do pátio central, com bar e respectivos serviços e zonas de exposições. Também se sugeria a sua ampliação para o exterior, com a instalação de uma esplanada que permitia usufruir das vistas. O projecto nunca chegou a ser executado.

Em 2012, foi aprovada a construção de um casino no lugar do forte, que também nunca chegou a ser concretizado. Hoje, o forte encontra-se num elevado estado de degradação, mantendo apenas as suas paredes exteriores, devido a espessura das mesmas.



Fig.26



Fig.27

Fontes: Milheiro, A. V., «Cabo Verde e Guiné-Bissau: Itinerários pela Arquitectura Moderna Luso-Africana (1944-1974)» Atas do Colóquio Internacional Cabo-Verde e Guiné-Bissau: Percurso da Saber e da Ciência, Lisboa, 21-23 Junho de 2012.

Santos, Manuel Spencer, Fortificações de Cabo Verde, 2016.

Fig.25- imagem satélite do google earth, 2014 à cota de 128 metros.

Fig.26- Imagem do ano de 1944, um quadrimotor inglês que veio a S. Vicente trazer as injeções contra a febre amarela. No alto da colina pode ver-se o Fortim d'El Rei ainda intacto e operacional.

Fonte: <https://mindelosempre.blogspot.pt/2012/11/0266-o-regresso-de-adriano-miranda-lima.html>

Fig.27- Imagem do ano de 1948. No alto da colina pode ver-se o Fortim.

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/305611524707444997/>





Fig.28

## FORTE DO PRÍNCIPE REAL / ILHA DE SÃO NICOLAU

Localizado na Vila da Preguiça, na baía de São Jorge, a sudeste do município da Ribeira Brava, encontra-se o forte do Príncipe Real, construído em 1820 numa pequena plataforma delimitada por duas profundas ribeiras, a cerca de 50 metros acima do mar.

Esta pequena construção mencionada de “Bateria” e não de forte, foi construída para a defesa do ancoradouro onde se situava o armazém Real, de pequenas dimensões, actualmente restam muros de alvenaria de pedra que delineiam a planta poligonal irregular, com o comprimento máximo de 40,40 metros e 21,50 metros de largura máxima.

Resta também o muro que delimita o recinto pelo lado de terra tem 0,70 metros de espessura e originalmente apresentava a porta de acesso a meio do mesmo. As casernas estão-lhe adossadas, das quais apenas sobrou o arranque das paredes e vestígios de pavimentos feito com grandes seixos rolados.



Fig.29



Fig.30


Fig.28-  - Localização do forte (google earth, 2017)

Fig.29- Imagem do forte após a recuperação

Fonte: Pedra & Cal n.º 15 Julho . Agosto . Setembro 2002

Fig.30- Imagem do forte, sendo recuperado

Fontes: João Lopes Filho e João Paulo Aparício, O Forte do Príncipe Real e a defesa da ilha de S. Nicolau”, Cascais, 1998, p.111-118.

Clementino Amaro e Vítor Santos, pedra & cal, n.º 15 Julho. Agosto. Setembro 2002.

Santos, Manuel Spencer, Fortificações de Cabo Verde, 2016.



Fig.31

A construção militar apresenta uma espessura média de 3,80 metros e os vestígios do parapeito são pouco evidentes devido ao grande aproveitamento da pedra. Entre a face interna e externa do muro existem, espaçadas regularmente, zona de enchimento em terra batida, com fim de amortecer o efeito de choque dos projéteis.

No interior ergue-se um padrão comemorativo dos quinhentos anos do nascimento do navegador Pedro Álvares Cabral, e um outro, mais recente da autoria do arquitecto Pedro Gregório Lopes, assinalando os quinhentos anos da passagem de Cabral pela ilha de São Nicolau a caminho do Brasil.

Em 1992, procedeu uma pequena campanha de conservação e restauro dos muros, utilizando a pedra do próprio forte, deste modo foi conferida a solidez mínima necessária para a preservação da estrutura militar.



Fig.32



Fig.33



Fig.34

Fig.31- Imagem do google earth, 2012 à cota de 129 metros.

Fig.32- Aspecto das ruínas do forte, em 1960

Fig.33- Canhão enterrado pela boca no interior do forte, ano 1960

Fonte das figuras 30 e 31: João Lopes Filho e João Paulo Aparício, 1998.

Fig.34- Padrão comemorativo da passagem de Pedro Álvares Cabral, 1993.

Fonte da fig.32- <http://photos1.blogger.com/blogger/3171/1779/1600/s.nicolau04.jpg>



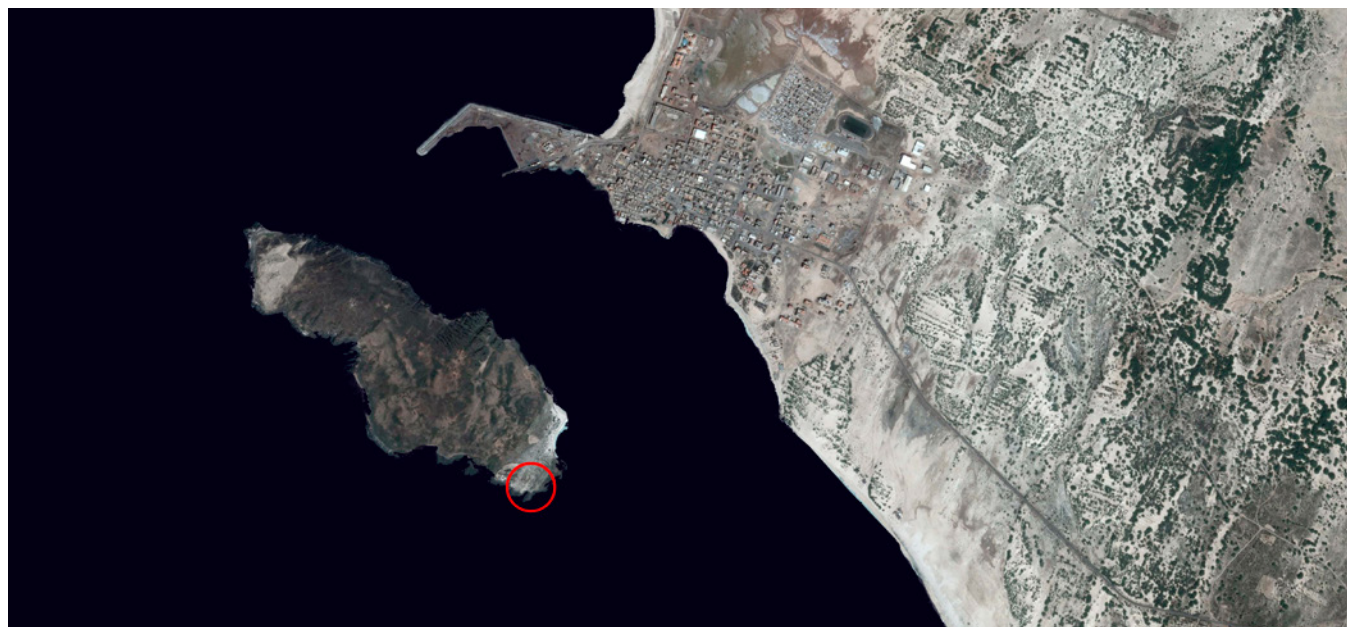


Fig.35

## FORTE DO DUQUE DE BRAGANÇA / ILHÉU DE SAL REI – BOAVISTA

O forte Duque de Bragança ou forte de Sal Rei é um forte abandonado localizado no ilhéu de Sal Rei, na costa noroeste da ilha da Boavista recebendo o nome do então duque de Bragança.

O forte tem vista para um trecho da costa onde o ancoradouro exigia a defesa contra os corsários, que na época eram comuns no Oceano Atlântico.

A ilha exportava sal, algodão, gado, lima e cerâmica, e por causa de sua riqueza foi saqueada em 1815 e 1817, isso levou a construção do forte em 1820, a expensas de Manuel António Martins.

Com o formato quadrangular, adaptado ao terreno, o forte encontra-se hoje em ruínas.



Fig.36



Fig.37



Fig.38


Fig.35-  - Localização do forte (google earth 2017)

Fig.36 e 37- Ilhéu de Sal Rei

Fonte: Imagem do livro Visto do ar - Cabo Verde

Fig.38- Forte Duque de Bragança

Fonte: <http://www.boavistaofficial.com/fr/a-architecture-et-les-batiments-de-boavista/>



Fig.39

Na plataforma-esplanada, é possível avistar os vestígios do antigo muro defensivo em alvenaria de pedra e alguns canhões no pavimento de pedra.

Em 1994, a estrutura militar foi alvo de recuperação continuada em ações posteriores contando com o apoio CNCDP e da equipa do IPPC.

Infelizmente existem poucas informações disponíveis a respeito do forte, assim como os demais fortes existentes nas outras ilhas. Dificultando assim ainda mais a sua compreensão.



Fig.40



Fig.41

Fig.39- Imagem do google earth, 2010 à cota de 128 metros.

Fig.40 e 41- Fonte: IPC - Instituto do Património Cultural de Cabo Verde.

Fontes: Santos, Manuel Spencer, Fortificações de Cabo Verde, 2016

Amaro & Santos, 2002:10

Mattoso, José (dir.), Património de origem Portuguesa no Mundo arquitectura e urbanismo – África, Mar Vermelho e Golfo Pérsico (coord. Do vol. José Manuel Fernandes), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p.315.





Fig.42

## FORTE DE SÃO JOSÉ / ILHA DO MAIO

No extremo sudoeste da ilha, na Vila do Maio, foi construído no séc. XVIII, talvez em 1743, quando foram tomadas medidas de proteção e fortificação para a defesa do porto contra os ataques dos corsários, o forte de São José a 4 metros acima do nível do mar.

O governador “Serafim Teixeira Semedo de Sá (1715-1719), aconselhou o conselho Ultramarino (...) que devia ali mandar um engenheiro para tratar das fortificações para que os ingleses ou outra nação não antecipassem em ir ocupá-la a fim de se impedir a liberdade com que ali vão tirar o sal”<sup>21</sup> Viriam assim a ser construída duas fortificações, o forte Dona Leopoldina e o forte São José. Este último com a função de defender o maior e mais importante porto da ilha.



Fig.43



Fig.44


Fig.42-  - Localização do forte (google earth, 2017)

Fig.43- Fonte: <https://sphaeramundi.wordpress.com/2012/11/03/visita-a-ilha-do-maio-em-cabo-verde/>

Fig.44- Imagem do livro de Michel Renaudeau - Cabo Verde, Cape Verde Islands. Editor: Éditions Delroisse, Paris de 1978.



Fig.45

Sobre um pódio simples de pequenas dimensões, dividida interiormente em dois pavimentos, é construída uma torre amuralhada quadrangular com 18 metros de altura, elevando em forma de retângulo com quatro pequenas torres e guaritas nos vértices. A cobertura é em uma água com telhas em argila assente sobre uma estrutura em madeira. As portas e janelas são em madeira.

Em 1887, o forte passou a abrigar as funções de farol, entretanto desativado. Em 2012 a Câmara Municipal do Maio, no âmbito do projecto de valorização do património histórico-cultural da ilha, com a colaboração da União Europeia, a Organização Não Governamental para o Desenvolvimento (ONGD), Instituto Marquês de Valle Flôr e o Projecto de Apoio às Iniciativas Culturais nos PALOP, promoveram a requalificação do monumento.



Fig.46

21- Monteiro, Felix. “Descrição Corográfica e Estatística das ilhas de Cabo Verde”, p. 134, in Revista Raízes Mattoso, José (dir.), Património de origem Portuguesa no Mundo arquitectura e urbanismo – África, Mar Vermelho e Golfo Pérsico (coord. Do vol. José Manuel Fernandes), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p.293.

Fig.45- Imagem do google earth, 2013 à cota de 129 metros. (marcação do forte)

Fig.46- Fonte: [http://images4.mygola.com/b74143753c60ccbb55260ea0ac0ffb1f\\_1394306409\\_l.jpg](http://images4.mygola.com/b74143753c60ccbb55260ea0ac0ffb1f_1394306409_l.jpg)

Fonte: Santos, Manuel Spencer, Fortificações de Cabo Verde, 2016.





Fig.47

## FORTE MARIA CARLOTA / ILHA DO FOGO

O forte foi construído entre finais do século XVII e início do século XVIII, no extremo sul da ilha, na parte sudoeste da cidade de São Filipe, junto à Ribeira de São João, numa plataforma sobrelevada e sobranceira ao mar, junto ao qual existem ainda algumas peças de artilharia pesada a evocar a defesa da vila aos possíveis ataques dos corsários.

O nome dado ao forte de Maria Carlota foi em homenagem à rainha Carlota Joaquina, filha do rei Carlos IV de Espanha e de Maria Luísa Teresa de Bourbon. O edifício, fica no espaço onde começa a vila, isto é, na vila baixa. Foi usado para diversos fins ao longo dos anos, tendo funcionado como hospital, pelo que nessa altura era vulgarmente chamado de “Botica”<sup>22</sup> e posteriormente usado como Posto Policial, Cadeia Civil e Casa de proteção das Tartarugas (Projecto Vitó).



Fig.48



Fig.49


Fig.47-  - Localização do forte (google earth, 2017).  
Fig.48 e 49- Imagens gentilmente cedida pela amiga Bernadete, ano 2018.




Fig.50

A construção é de um piso, muros e paredes em alvenaria de pedra, cobertura de quatro águas em telha de argila sobre uma estrutura de madeira. A base do volume é de forma simples, um retângulo que avança perpendicularmente para o exterior da plataforma.



Fig.51

Fig.50- Imagem do google earth, 2012 à cota de 129 metros. (marcação do forte)  
Fig.51- Fonte: Orlando Ribeiro, A ilha do Fogo e as suas erupções, 2ª ed., Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1960, Est. XI-A |  - Marcação do forte  
Fontes: Santos, Manuel Spencer, Fortificações de Cabo Verde, 2016.  
Mattoso, José (dir.), Património de origem Portuguesa no Mundo arquitectura e urbanismo – África, Mar Vermelho e Golfo Pérsico (coord. Do vol. José Manuel Fernandes), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p.317.  
22- Botica - Foi o nome dado ao espaço, utilizado como uma espécie de hospital para o tratamento dos doentes.



ESTADO DE CONSERVAÇÃO DOS FORTES DE CABO VERDE

Desde da 1ª Constituição da República (1975 a 91) art.16º, o património cultural de Cabo Verde é definido e protegido. O artigo diz que “É imperativo fundamental do Estado criar e promover as condições favoráveis à salvaguarda da identidade cultural como suporte da consciência e dignidade nacionais e factor estimulante de desenvolvimento harmonioso da sociedade. O Estado preserva, defende e valoriza o património cultural do povo caboverdiano”.

Já a Lei Constitucional nº 1/VII/2010, revê a Constituição da República da Cabo Verde, cuja lei estabelece as bases para a democratização da cultura “Todos têm direito à fruição e criação cultural, bem como o dever de preservar, defender e valorizar o património cultural” assim como “Promover a salvaguarda e a valorização do património cultural, histórico e arquitectónico”.

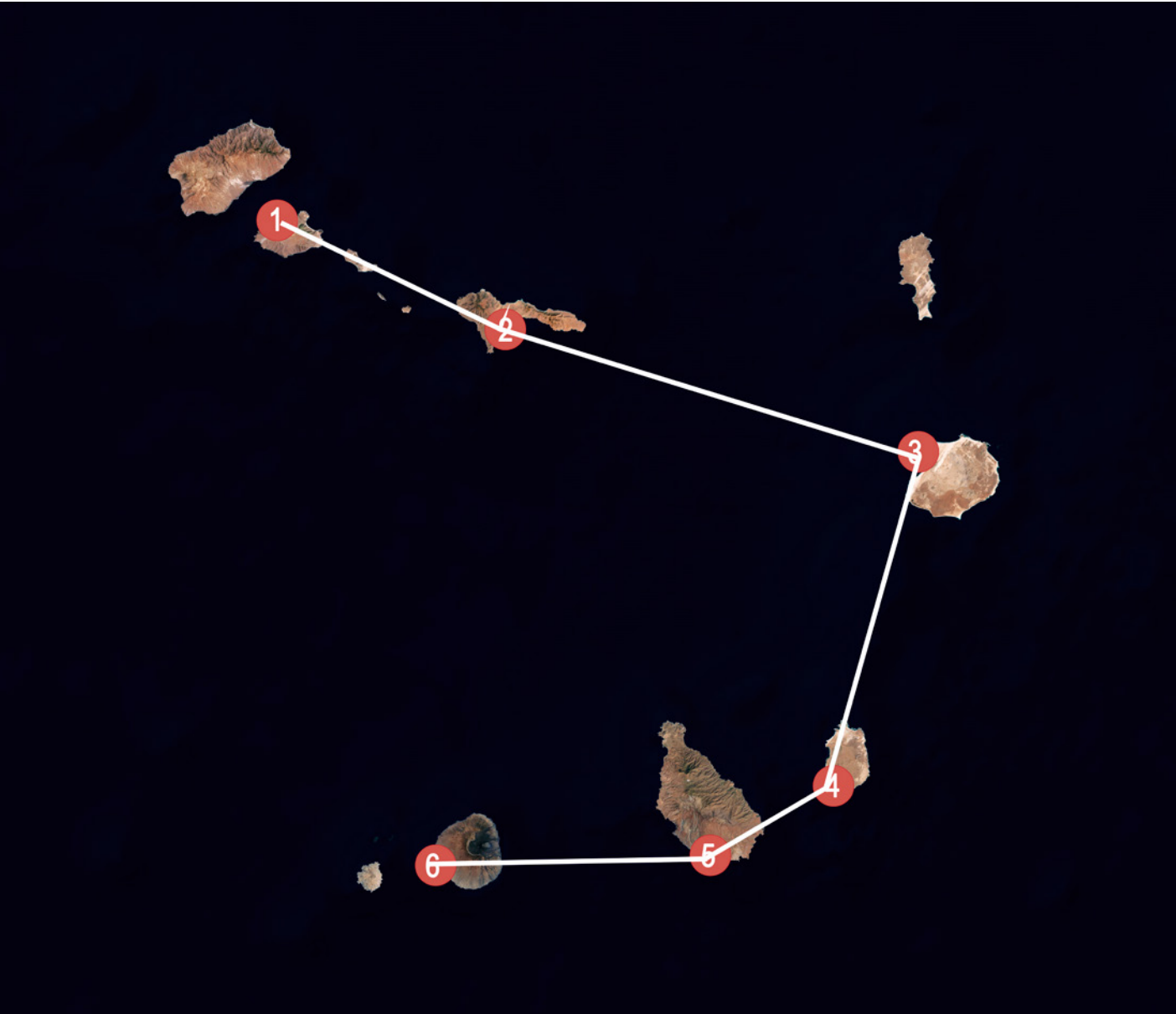


Fig.52

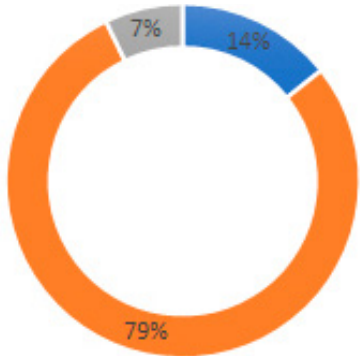
Legenda:

- 1- Forte D'el Rei - Ilha de São Vicente
- 2- Forte do Príncipe Real - Ilha de São Nicolau
- 3- Forte Duque de Bragança - Ilha da Boavista
- 4- Forte de São José - Ilha do Maio
- 5- Sistema defensivo da Ribeira Grande - Ilha de Santiago
- 6- Forte Maria Carlota - Ilha do Fogo

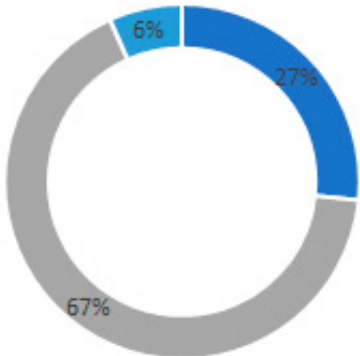
No que diz respeito ao património arquitectónico militar, os fortes, pouco se tem feito para a preservação do mesmo. Segundo Manuel Spencer Lopes dos Santos, “o património construído é um recurso que também se esgota, se não o conservamos. As fortificações do período colonial localizadas em algumas ilhas de Cabo Verde oferecem diversos locais de visita, de interesse pelo seu potencial turístico, e detêm uma oferta diversificada assente num passado repleto de história e tradição. Com vista a assegurar a posse do território e das povoações coloniais, estas eram fortificadas com muralhas e fortins, destinados ao armazenamento de armas e munições e, de abrigo às populações em perigo. Eram de planta quadrangular ou poligonal, por vezes deformada para se adaptarem à topografia do local.

A arquitectura das fortificações, os materiais e as tecnologias de construção, o sistema organizativo territorial, o incremento de importância a cada ciclo económico através do porto, a evolução das estratégias de defesa e dos armamentos devem ser analisados pois os personagens e instituições que por eles passaram, escreveram histórias que merecem ser conhecidas e visitadas”

Infelizmente essa história encontra-se pouco valorizada e preservada, prova que, quase todo o património arquitectónico militar, nomeadamente os fortes, encontra-se ao abandono como mostra no gráfico seguinte:



Como podemos observar, 79% do património carece obras de recuperação, apenas 14% encontra-se em bom estado de conservação dos quais destacam-se a Fortaleza Real de São Filipe e o forte de São José na ilha do Maio, os restante 7% se encontram em obras. Este cenário, mostra-nos claramente o estado crítico em que se encontram.



No que diz respeito as ocupações, 67% desse património encontra-se abandonado, os 27% são utilizados com programas de uso público, desde a utilização com fim turístico para programas sociais, e os 6% correspondem aos que se encontram em obras.

A falta de ocupação dessas estruturas e sua preservação, são factores contribuintes para o seu deterioramento, o que é visível nos dias de hoje, em que quase todo o património militar encontra-se em estado de ruína. O que demonstra uma necessidade urgente de intervenção na reabilitação deste conjunto de bens, marca indelével na paisagem cultural do arquipélago de Cabo Verde, reintegrando-os no tecido urbano e na sociedade, atribuindo e reconvertendo-os com novos programas de uso público, tendo em conta o seu valor histórico e arquitectónico.

Fig.52- Imagem e gráfico, acervo do autor.



Fig.53

Fig.53- Imagem acervo do autor.  
Vista para a cidade do interior da guarita na Fortaleza Real de São Filipe.

### **3. A FORTALEZA REAL DE SÃO FILIPE E O SISTEMA DEFENSIVO DA CIDADE VELHA**

#### **3.1 Cidade Velha e a sua Evolução História**



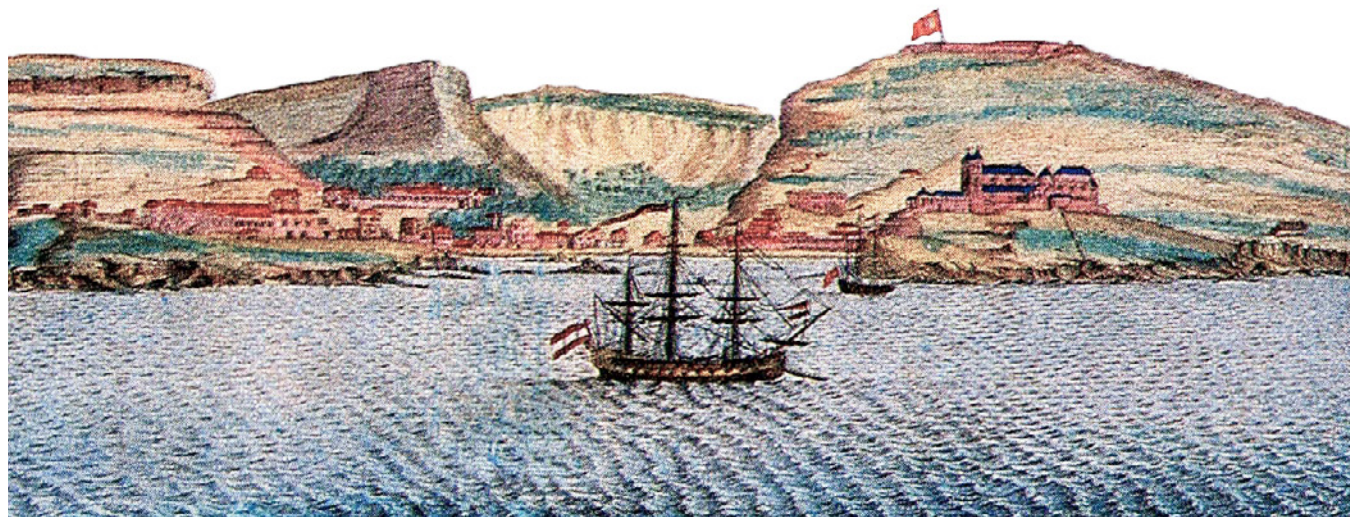


Fig.54

A antiga cidade da Ribeira Grande, foi a primeira urbe a ser fundada pelos europeus a sul de Sahara, ponto de comércio e troca triangular dos escravos no atlântico, sendo a sede da primeira diocese cristã na Africa Ocidental. Esta pequena cidade com grandiosa escala, localiza-se numa pequena baía onde desagua uma ribeira, percorrendo um vale rodeado por altas montanhas, tão áridas como escarpadas. A geografia definiu-lhe o nome, no início chamaram-lhe de Ribeira Grande de Santiago, mas com o passar do tempo ficou conhecida e acarinhada por todos como Cidade Velha. Ribeira Grande, antiga capital de Cabo Verde, está localizada no sul da ilha de Santiago a 12 km a oeste da actual capital de Cabo Verde, cidade da Praia.

Para a análise da cidade de Ribeira Grande de Santiago ou Cidade Velha como é hoje conhecida e a sua evolução histórica ao longos dos tempos, apoiar-nos-emos no trabalho base do investigador Fernando Pires, em “Da cidade da Ribeira Grande à Cidade Velha em Cabo Verde: Análise- Histórica formal do Espaço urbano Séc. XVIII.

Segundo o investigador Fernando Pires, a cidade é caracterizada em quatro grandes momentos. O momento designado pelo investigador de momento 0, em que corresponde o início do povoamento até o momento três onde corresponde o declínio da cidade. Em suma, a cidade desenvolveu-se a partir de um ancoradouro instalado na enseada, juntamente com um sistema defensivo de proteção da baía correspondendo às mesmas características encontradas nas primeiras povoações fundadas na Madeira e nos Açores.

Nos primeiros cinquenta anos no século XVI, o crescimento urbano desenvolveu-se no eixo vertical a partir da baía e direcionando para o interior do vale, unindo o porto à nascente da ribeira seguindo sempre a linha de base do vale. Segundo o autor “no seu trajecto, acompanhava o eixo da rua Direita de S. Pedro dividindo a cidade em duas partes, a margem esquerda, que é tendencialmente habitacional, e a margem direita, onde se encontram instaladas as principais funções urbanas ligadas ao porto e à administração”.

Entre a segunda metade do séc. XVI até meados do séc. XVII, refere-se com a construção da Fortaleza Real de São Filipe, peça principal na defesa da cidade, quando a cidade começou a ser alvo de ataques dos corsários. Também nessa altura a cidade começa a crescer seguindo um outro eixo. O eixo horizontal, que segundo o autor Fernando Pires, “nasce no Largo do Pelourinho, junto ao forte do Presídio, nas cercanias do ancoradouro e segue para noroeste, acompanhando a linha da costa em direção ao forte de S. Lourenço”. Segundo ele, “este eixo, no seu trajecto, sobrepõe-se à rua Direita da cidade, que atravessa a zona habitacional de S. Brás, onde -se instalaram os padres Jesuítas no século XVI”.

Com o crescimento da cidade, também houve a necessidade de criar uma defesa mais eficaz contra os ataques dos corsários. A defesa da cidade desde sempre foi um desafio, com um porto aberto, a cidade era atacada de tempos a tempos.



Fig.55

Após diversos ataques e com poucos edificados ainda em pé, há um registo de abandono da cidade por parte dos habitantes devido à insegurança sentida, dando-se assim o desaparecimento de alguns quarterões e uma expansão da cidade para o Oriente. Assim, o século XVIII, é designado segundo o autor Fernando Pires como momento três, momento do declínio da cidade.

Segundo o mesmo autor, a cidade esta dividida em duas zonas. A zona “Alta”, que fica em cima de um promontório entre os trinta e quarenta metros acima do nível da água do mar, onde encontramos as construções mais recentes, de meados do século XVI. E a zona baixa, onde se encontram os elementos estruturantes do tecido urbano, determinados pelas circunstâncias da geografia, a costa, o vale, a ribeira, etc. Fernando Pires, descreve que “na zona alta, acontece que os dois elementos estruturadores pouco ou nada dependem de circunstâncias, do terreno, mas sim, parecem terem resultado da intervenção humana no sítio”. Enquanto que, “a zona baixa é mais orgânica, mais adaptada ao relevo local e mais dependente dos determinantes geográficos, o que não acontece na zona alta, que apresenta um tecido urbano mais regular, de fácil leitura e mais geométrico.

O Processo de adaptação da cidade às condições geográficas locais resultam de duas condicionantes essenciais, que se apresentam como barreiras físicas de implantação. Essas barreiras físicas são representadas, por um lado, pelo limite das escarpas que, devido ao declive apresentado não permitia que se construísse para além delas. E, por outro lado, as limitações impostas pela ribeira que, nos períodos de grande pluviosidade aumentava de caudal criando, assim, uma maior área de inundação e tornando inviável qualquer tipo de construção nas proximidades do seu leito.

Embora saibamos que a ribeira se encontrava seca a maior parte do ano, facto que se pode provar pela ausência de pontes ou de passagens construídas de uma para a outra margem, sabe-se, no entanto, que quando chovia, o caudal era imenso e como o declive era pouco acentuado, a ribeira formava uma enorme lagoa antes de desaguar no mar. Cadamosto descreveu a situação da ribeira aquando do seu desembarque na ilha como um rio que era grande, onde à vontade poderia entrar um navio de 150 tonéis, carregado, pois tinha largura um bom tiro de arca<sup>23</sup>. Por conseguinte “através do desenho pode-se observar que na zona designada de inundação da ribeira não se encontra nenhuma construção a não ser o espaço no qual, mais tarde, foi implantado o pelourinho e que se designou de Largo do Pelourinho.

23- Descrição do navegador Alvise Cadamosto apud. Luís de Albuquerque, As Ilhas que estavam lá... in “Oceanos” n.º 5, Novembro de 1990 p. 52. À falta de declividade associa-se ainda o fluxo natural das marés que, nos períodos de grandes águas, não apenas impediam a saída da água da ribeira, como a própria água do mar encontrava pela área do largo. (Fernando Pires, Da Cidade da Ribeira Grande à Cidade Velha em Cabo Verde – Análise Histórica- Formal do Espaço Urbano Séc. XV – Séc. XVIII)



Na zona alta as barreiras físicas são de outra ordem. Encontra-se situada numa achada elevada, limitada a Sudoeste pela sua própria escarpa que se projecta no mar, enquanto que a nordeste é barrada pela escarpa da achada seguinte onde se encontra implantado o forte de S. Filipe. A ponte encontra-se o já mencionado declive que une a plataforma de S. Sebastião ao forte do Presídio. A sudeste, a mesma plataforma tem uma certa continuidade e faz a ligação ao principal eixo de acesso à vila da Praia”.

Segundo Fernando Pires, " Tudo leva a crer que os primeiros eixos de expansão do burgo foram orientados para norte/nordeste, ainda na margem direita da ribeira, isso, tendo em conta o processo de desenvolvimento do núcleo inicial que se deu a partir do porto em direcção a norte segundo as ruas contíguas do Porto, do Calhau, e da Misericórdia e depois a nordeste segundo o curso da ribeira, pelo menos numa primeira fase. É difícil estabelecer os momentos precisos da expansão urbana, pela ausência de documentação mais esclarecedora sobre a formação do espaço. Mesmo assim, a partir da detecção de alguns elementos como a Igreja da Nossa Senhora do Rosário, de 1495, localizada mais para o norte, podemos adiantar que por volta dessa data, a cidade já se tinha alastrado para a margem esquerda da ribeira.

No entanto, numa segunda fase, já no princípio do século XVI, percebe-se uma nova configuração no tecido urbano da cidade. A primeira tendência de desenvolvimento segundo a direcção das ruas contíguas do Porto, do Calhau e da Misericórdia que até então era tido como principal elemento estruturador do núcleo urbano, foi contrariada e foi perdendo a sua força a favor de dois novos eixos de expansão emergentes que se impuseram com muito mais força. São eles, as direcções tomadas pela rua Direita de S. Pedro, o mesmo percurso da ribeira, desenvolvendo-se para o montante da mesma, e a rua Direita da Cidade, eixo que se desenvolve a partir do núcleo central no sentido noroeste, os mesmos que anteriormente foram definidos como eixos estruturantes do tecido urbano.

Por fim, a partir da segunda metade do século XVI, mais um ciclo de crescimento da cidade se abre quando acontecem as obras da Sé da Ribeira Grande e do Palácio Episcopal. Desse novo ciclo surge, à volta da Sé, uma nova zona da cidade. Esta zona, fortemente residencial, designada por S. Sebastião, fecha definitivamente o processo de crescimento da Ribeira Grande. Foi, segundo as direcções estabelecidas por estes eixos, que a cidade se desenvolveu e se estruturou formando as suas principais áreas."



As barreiras físicas da cidade de Ribeira Grande de Santiago, actual Cidade Velha como é hoje conhecida.

Fonte: Fernando Pires - "Da cidade da Ribeira Grande à cidade velha em Cabo Verde: Análise - Histórica Formal do Espaço urbano Séc. XVIII.

Evolução da Ribeira Grande / Cidade Velha



Foi, segundo as direcções estabelecidas por estes eixos, que a cidade se desenvolveu e se estruturou formando as suas principais áreas.



SÉCULO XV / Momento 0

- Início do povoamento
- Nessa fase, concentravam a margem direita da ribeira, consubstanciando o perímetro do largo, fora da zona de inundação da ribeira.



SÉCULO XVI / Momento 1

- Crescimento urbano no eixo vertical nos primeiros cinquenta anos do século XVI.
- Construção da Fortaleza Real de São Filipe.

Fonte: Fernando Pires - "Da cidade da Ribeira Grande à cidade velha em Cabo Verde: Análise - Histórica Formal do Espaço urbano Séc. XVIII.



## 3.2. O SISTEMA DEFENSIVO DA CIDADE

Fig.56 - Vista para a Ribeira Grande antes da construção da fortaleza Real de São Filipe. | Autor: Leonardo de Ferrari  
Ano: 1ª Metade do séc. XVI | Título: Atlas | Fonte: IPC - Instituto do Património Cultural de Cabo Verde.



As constantes expansões das terras da coroa espanhola, levaram a considerar uma série de fortificações em todas as áreas geográficas, obrigando a proteção dessas terras peninsulares e igualmente a preservação dessas zonas do império colonial. Muitos desses territórios, eram territórios insulares. Entre eles, está localizada a Fortaleza Real de São Filipe, na ilha de Santiago em Cabo Verde. A fortaleza construída pelo arquitecto e engenheiro João Nunes e Felipe Térzi, no século XVI na Ribeira Grande de Santiago, actual Cidade Velha, com claras influências da arquitectura militar Italiana, sob o reinado de Filipe II de Espanha e primeiro de Portugal, fazia parte de um amplo programa de defesa, para o qual o rei mandou construir um conjunto de elementos que tinha claramente o objectivo de enfrentar os ataques frequentes e chegada de artilharia inimiga ao longo da costa, baluartes, parapeitos, caminhos, etc, e todos os elementos habituais da arquitectura militar da época, após os ataques de Francis Drake em 1578 e 1585.

Segundo Carlos Garcia Penã, o primeiro sistema de fortificação surgiu na Itália, no século XIV, pois com “a situação política italiana organizada em estados de reduzida dimensão com capitais que protegem as fronteiras em situação de alerta frente aos seus vizinhos, as alianças e as dependências das grandes potências, determinaram insólitas necessidades de defesa e fortificação”. O autor ainda cita que os primeiros “engenheiros militares tiveram que desenvolver uma intensa prática, na qual foram incorporadas as novas apartações da tratadística e da própria experiência”. Igualmente, “o resultado final foi a traça italiana de fortificações ter-se difundido não apenas por toda a península, mas por toda a Europa e suas colónias ultramarinas”

Gutiérrez R, em arquitectura e urbanismo na América Latina, publicado em 1983, Madrid, afirma que “o plano de Felipe II, formulado por Tiburzio Spannocchi e finalizado parcialmente pelo Antonelli, procurou integrar o conjunto das cidades portuárias fortificadas com as funções de receção, armazenamento, proteção e distribuição que incluiu o circuito comercial marítimo e terrestre” o que significa que cada sistema unitário (por exemplo, as fortificações), tinha que defender sua própria situação e ao mesmo tempo articular-se organicamente com o sistema geral.

Conforme Alícia Muñoz, foi Antonelli que “em Agosto de 1579, por ordem do rei, junto com o capitão Baltazar Franco, viajou à fronteira de Portugal para informar do estado das fortalezas, castelos e lugares que ali havia de mar a mar, desde Bayona na Galiza até Ayamonte”. O objectivo dessa viagem era informar a monarquia sobre o estado de conservação das fortificações espanholas, e se houvesse necessidade, de construir novas.

As condições geográficas do lugar favoreceram o crescimento da cidade e a criação do seu sistema defensivo. Conforme o autor Penã, “A sua ribeira que nascia um pouco para o interior, era o suporte da vida. Correndo entre duas achadas, desaguava numa pequena enseada, recebendo, em caso de chuva, o reforço das águas de um talvegue adjacente. As condições de vida eram muito favoráveis nessa zona baixa, com cotas pouco acima dos dois metros, limitada pelo mar e as íngremes encostas limitrofes que chegavam a ultrapassar os 60% de declive. (...) O vale encaixado da ribeira, alargava junto à costa, sendo dominado por três plataformas salientes. Era essa a configuração geográfica do limite do planalto, formando três achadas, a partir das quais se dominava toda a paisagem em redor. Os desníveis acentuados, com mais de cem metros, criavam uma situação de predomínio da capacidade de observação do mar, em relação à possibilidade de fazer tiro sobre qualquer invasor, a partir desses pontos altos”.

Penã continua dizendo que, “inicialmente, para além da capacidade de observação não havia nenhum dispositivo de defesa. (...) O local tinha, no entanto más condições de defesa natural. A instalação dum sistema fortificado, para proteger a povoação seria difícil, pelo facto das achadas terem um comando absoluto sobre os vales contíguos. As pessoas e o casario situado no vale ou junto à praia estavam à mercê de um desembarque. Devido à inexistência de proteção física adicionais, só era possível uma defesa imediata, em combate próximo.”

(...) “A única solução para resistir, nos primeiros tempos, seria procurar refúgio nos pontos altos. A partir das achadas o único tiro mergulhante praticável era de besta, ainda usada em concorrência com o arcabuz no primeiro quartel do século XVI. Isso não impediria os roubos e saques das casas mas unicamente a defesa das vidas dos cidadãos e dos seus criados e escravos. Um tiro de besta alcançava cerca de cem barças (220m), equivalente ao alcance do arcabuz. Os bordos das achadas, locais ideais para postos de vigias longínqua do oceano e refúgio em segurança, estavam a mais de dois tiros de besta do mar. do alto das achadas não se podia controlar com armas ligeiras os ataques à cidade a partir do mar.”<sup>24</sup>

Segundo Penã, “um ataque à cidade com forças navais poderia ocorrer de duas formas. Em primeiro lugar por desembarque directo na praia ou na orla costeira junto da cidade, após ataque preparatório a partir de bordo. Era a modalidade habitual praticada pelos portugueses. O desembarque ocorria após a execução de tiros, de intimidação ou neutralização das defesas marítimas da cidade, a partir dos navios.

Uma segunda hipótese, muito pouco utilizada até então devido às dificuldades de execução, consistia num desembarque em local favorável com aproximação por terra, controlando o “interland”. Esta modalidade não era prática corrente no século XVI. As atenções concentravam-se nas frentes marítimas, sempre que os estabelecimentos humanos se encontravam instalados em territórios não hostis ou em que as ameaças terrestres eram menores. Era o caso da Ribeira Grande”.<sup>25</sup>

Conforme Penã, “qualquer sistema de defesa teria por estas razões de se basear na capacidade de observação e antecipação da informação. Era importante controlar os pontos dominantes para garantir “observação sobre o mar”. Este era o factor fundamental de segurança. O conhecimento da aproximação de navios através da observação do oceano pelos facheiros seria a única forma de reduzir a surpresa. Havia que ver, reconhecer e identificar. Esta solução era há muito praticada na Península Ibérica, vindo já desde o período muçulmano em que por razões de defesa se evitava colocar as cidades à beira mar. eram construídas um pouco para o interior, com acesso fluvial, num percurso controlado por atalaias”.

Penã continua dizendo que, “a observação dos bordos das achadas faz supor que atalaias foram instaladas nos primeiros tempos. Foi possível encontrar as ruínas dum sistema defensivo primitivo, do lado da Achada Salineiro, bem defronte do Forte de S. Felipe. Do lado oposto, onde hoje se situa a fortaleza, também teria existido um primeiro sistema de observação, que terá desaparecido com a sua construção”.<sup>26</sup>

Assim, após os ataques frequentes à cidade da Ribeira Grande de Santiago, incluindo os ataques de Francis Drake, em 1578 e 1585, o rei, mandou construir em 1587 a Fortaleza Real de São Filipe, tendo a sua muralha com cerca de 474 metros, englobando uma superfície aproximadamente 6000 metros quadrados<sup>27</sup>. Nesta fortaleza, ter-se-á procurado o modelo do sistema defensivo das Penínsulas, italiana e Ibérica, dos séculos XIV e XVI.

Desde o descobrimento da ilha, compreendeu-se a sua importância, tanto pelas suas possibilidades produtivas como, posteriormente, a importância estratégica para as rotas comerciais que faziam as frotas portuguesas e espanholas. Conforme Peña, “a importância estratégica da ilha de Santiago é reconhecida e promovida desde 1466 por carta régia aos seus primeiros moradores, animando-os a comerciar com escravos da costa ocidental africana até o limite norte da Serra Leoa. A 12 de junho do mesmo ano e por outra carta régia, são limitados estes direitos anteriormente concedidos.

Mas, sem dúvida, que os factores que mais contribuíram para a conversão das ilhas num objecto alvo das apetências dos navegantes, que faziam o curso marítimo por encargo de seus soberanos e governos, e de piratas, que actuavam por conta própria, foram o rico comércio de escravos e o poder de lesar os interesses portugueses e espanhóis, principalmente no Atlântico.

Todos estes factores, que tinham como ponto focal a capital das ilhas, Ribeira Grande, contribuíram tanto para o seu rápido desenvolvimento urbano como para a sua vertiginosa queda”<sup>28</sup>. Segundo o mesmo autor, “a 24 de Janeiro de 1582 Diego Flores de Valdez, informava o rei Felipe das condições da ilha de Santiago que segundo ele é uma ilha de muita importância para o serviço de vossa majestade e de sua real fazenda e mais adiante prossegue: esta ilha é de muito trato, e onde poderá vossa Majestade acrescentar muito a sua real fazenda, pelo trato e comércio que nela há da costa da Guiné e de aqui às Índias do poente, de escravos”<sup>28</sup>

24- PENÃ,2000:112

25- PENÃ,2000:113

26- PENÃ,2000:114

27- MUÑOZ, 2000:61

28- PEÑA, 2000: 85



Após inúmeros ataques à ilha, incluindo o de Francis Drake, ter-se-á mandado construir uma barreira cruzada de fogo dois a dois, que amedrontasse os corsários. Assim, segundo o historiador Daniel Pereira, por ser um “porto aberto e, parecidamente por isso difícil de defender, foi necessário criar um verdadeiro complexo de defesa, que culminou com a construção da fortaleza Real de São Filipe ou Cidadela”.

Conforme o autor, “do conjunto, erguido nos séculos XV e XVI, faziam parte sete pequenos fortes, para além, naturalmente, da grande fortaleza, a saber: o de Santo António, o de São João dos Cavaleiros e o de São Veríssimo, todos na margem direita (de quem desce à Cidade), os do Presídio (Central) com a muralha do mar, ligando S. Veríssimo a São Brás, este na margem esquerda, com o forte de São Lourenço mais a poente, com sua grande muralha «dentada», fechando o acesso à parte ocidental da Cidade o de Santa Marta, esta última (o forte) sem vestígios físicos visíveis”.<sup>29</sup>

A construção da fortaleza Real de São Filipe ou Cidadela, teve início em 1587 e terá ficado concluída em 1593 com o principal objectivo de fazer face aos frequentes ataques dos corsários. Com as suas muralhas aproximadamente de 474 metros, englobando uma superfície cerca de 6000 metros quadrados<sup>30</sup>, (...) “tratava-se agora de completar o sistema defensivo com uma autêntica chave que fechasse desde o alto, a comunicação da cidade com o interior da ilha e que cumprisse a dupla função de vigilância por mar e por terra”.<sup>31</sup>

As medidas de defesa em terra teriam de completar-se combinando-as com a existência de alguns barcos da armada que patrulhassem a costa, para o que bastavam, na opinião de Diego Flores de Valdez, duas galeotas. Quatro anos mais tarde resolveu-se pôr esta medida em prática nomeando Francisco Barroso como capitão maior daquelas, por um período de cinco anos”<sup>32</sup>.

Segundo Penã, “A fortaleza não se destinava a fazer fogos sobre o mar, tendo no entanto sobre este uma posição privilegiada ao nível da observação. Podia fornecer indicações às defesas costeiras, constituídas por plataformas de tiros ou pequenos fortes preexistentes que foram melhoradas, e novos fortes costeiros que reforçavam posteriormente o sistema defensivo”<sup>33</sup>.

A implantação da fortaleza, sobranceira à cidade foi feita no sítio favorável. Isto é, facilmente observável olhando o terreno local. Tinha a fortaleza no entanto outras funções, para além de frente terrestre do sistema defensivo e cabeça militar do sistema. Ela poderia servir de refúgio para as pessoas em caso de conflito, embora, não tivesse condições para estadias prolongadas. Era limitada a capacidade de reserva de água”.<sup>34</sup>

29- PEREIRA, Daniel, 2004: XIX  
Forte Santa Marta ou forte Santa Maria - este forte de acordo com a leitura feitas das plantas antigas, corresponde ao novo forte localizado no mesmo sítio, no bairro de Santa Marta, denominado de forte de São Lourenço. Visto que se localiza nos limites da porta oeste da cidade, e não a existência de outros vestígios de construções militares nesse perímetro, conclui-se então que o forte Santa Marta ou forte Santa Maria foi destruído e construído um outro forte chamado de São Lourenço.  
30- Ares e Gutiérrez, 2000:13.  
31- PENÃ, 2000:92  
32- PENÃ, 2000:93  
33- PENÃ,2000:121  
34- PENÃ,2000:122

Atalaias - – Em arquitectura militar, é uma torre ou lugar elevado, de onde se vigia o território circundante. Normalmente integra o sistema defensivo de um castelo, sendo distribuídas em lugares estratégicos na área ao redor. Em caso de ameaça, os vigilantes nas atalaias, davam avisos ou sinais aos defensores do castelo.

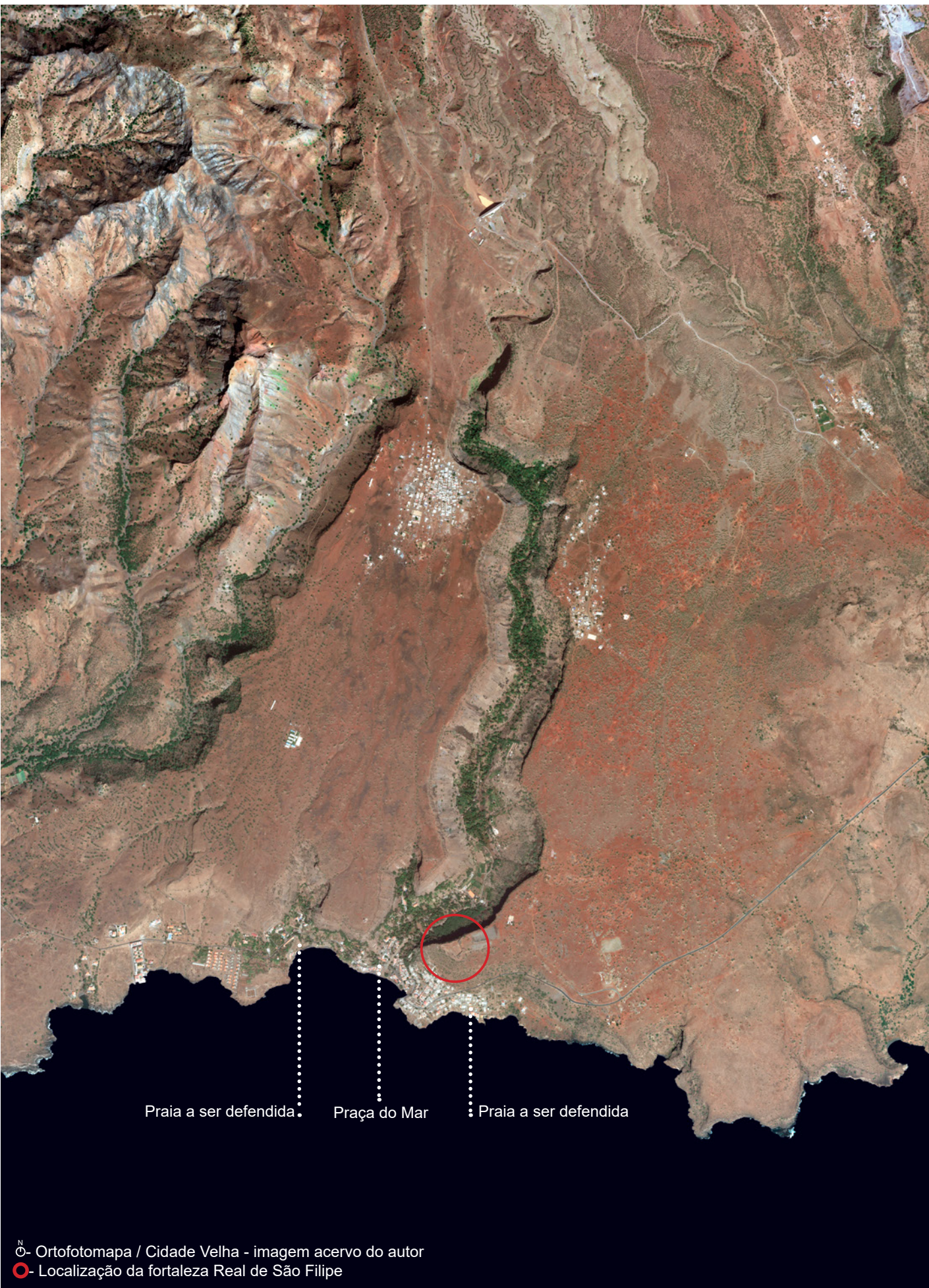


Fig.57- Imagem acervo do autor.



O sistema defensivo fundado pelos primeiros colonos na ilha de Santiago, Ribeira Grande de Santiago actual Cidade Velha, começou num processo de desenvolvimento que desde o final do século XV, reproduziu estruturas semelhantes às da metrópole. A construção desse sistema teve duas fases, a primeira fase constituída pelo forte de São Brás, a muralha do mar, o forte do Presídio, o forte de São Veríssimo, os pontos de vigia e a Fortaleza Real de São Filipe.

Após vários ataques à cidade, houve a necessidade de reforçar o sistema defensivo da cidade de Ribeira Grande, com a construção do forte de São Lourenço, o forte de João dos Cavaleiros e o forte de Santo António, formando assim uma bateria de dois a dois protegendo a cidade de qualquer ataque inimigo.

Esta sucessão de baterias unidas em parte por cortinas de parede formaram uma frente bastante compacta para garantir a eficácia da defesa da costa, tendo pontos de observações estrategicamente localizados e dominados pela fortaleza Real de São Filipe, cuja superfície intramuros constitui o conjunto mais completo de toda arquitectura militar da Ribeira Grande. Contudo o sistema não conseguiu evitar os frequentes ataques dos corsários, que de tempos a tempos amedrontavam a pequena cidade.



- Legenda:
- 1- Forte de São Lourenço
  - 2- Forte de São Braz
  - 3- Muralha do mar
  - 4- Forte de São Veríssimo
  - 5- Forte do Presídio
  - 6- Forte de São João dos Cavaleiros
  - 7- Fortaleza Real de São Filipe
  - 8- Forte de Santo António

Fig.58- Imagem acervo do autor, produzido em conjunto com a equipa WDI4U.

- Legenda:
- 1- Forte de São Lourenço
  - 2- Forte de São Braz
  - 3- Muralha do mar
  - 4- Forte do Presídio
  - 5- Forte de São Veríssimo
  - 6- Fortaleza Real de São Filipe
  - 7- Forte de São João dos Cavaleiros
  - 8- Forte de Santo António

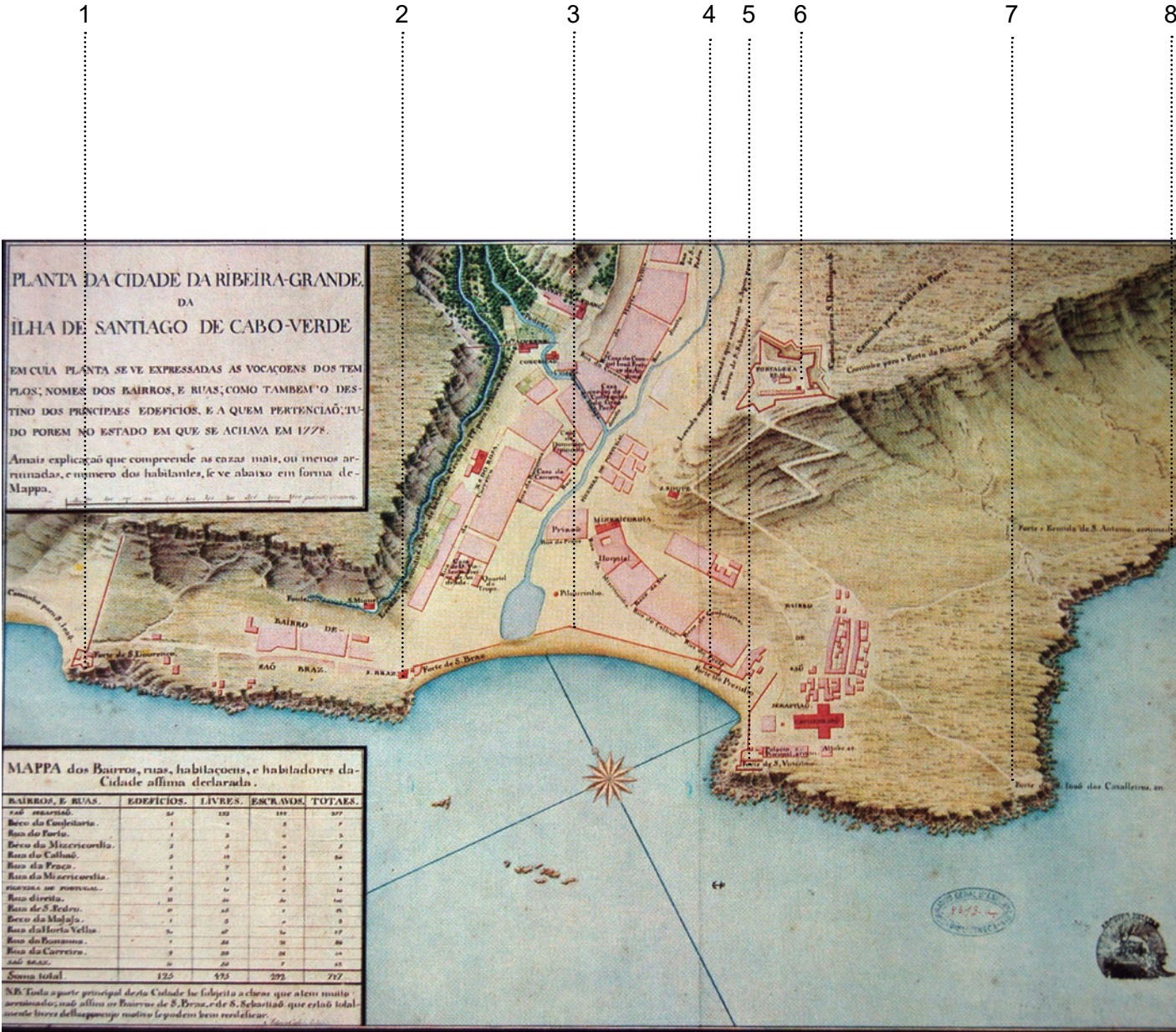


Fig.59- Planta da cidade de Ribeira Grande, com o sistema defensivo | Ano: 1778 | Autor: António Carlos Andreis | Fonte: IPC - Instituto do Património Cultural de Cabo Verde.



"Efectivamente, desde os tempos dos Filipes, malgrado a conclusão da Fortaleza Real por volta de 1593, que a defesa de Santiago vinha sendo, de algum modo, descurada. Com a Restauração, em 1640, a situação em nada melhorou. muito pelo contrário." (Daniel Pereira, 2004:132)

Segundo Daniel A. Pereira, (2004:142) o que “tudo indica que a defesa de Santiago no primeiro quartel do século XVIII era de todo e em tudo periclitante, de tal modo que a ilha não podia defender-se nem sequer de uma Balandra, um pequeno barco, cuja capacidade de ataque é irrisória, para não dizer inexistente. Não há dúvida de que, se a situação não fosse dramática, seria bem caricata”.

E a situação não iria melhorar nos tempos seguintes. Razões por que, em 1712, o Governador Pinheiro da Câmara e os seus homens, se terão entregue e depois fugido na sequência dos ataques dos franceses, comandados pelo famoso corsário Jacques Cassard. (Daniel Pereira, 2004:143)

Em 1960, a fortaleza Real de São Filipe, assim como os demais sistemas defensivos da Ribeira Grande de Santiago, actual Cidade Velha, encontravam-se em ruínas. Entre 1968 e 1970, foram executadas obras de conservação e de restauro entre 1999 e 2001.



Fig.60

Fig.60- Fotografia antiga fonte: Relatório "Ribeira Grande - Primeira cidade fundada por portugueses no ultramar" | ano: 1960 | No alto da colina a Fortaleza Real de São Filipe em ruína.



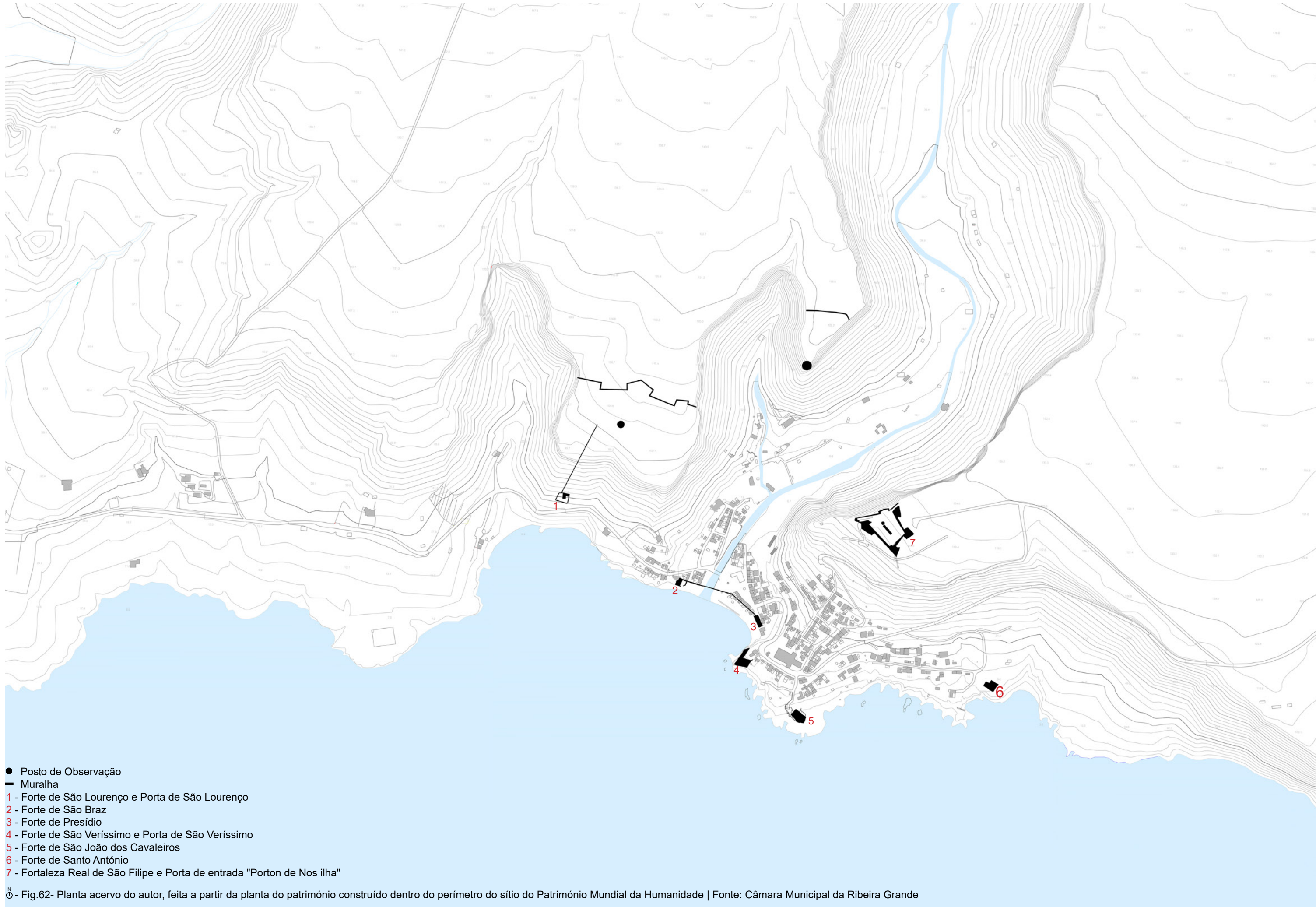
Legenda:

- 1- Forte de São Lourenço
- 2- Muralha de proteção (Poente)
- 3- Muralha de proteção (Norte)
- 4- Ponto de Vigia (Norte)
- 5- Forte de São Brás
- 6- Muralha do Mar
- 7- Forte do Presídio
- 8- Forte de São Veríssimo
- 9- Forte São João dos Cavaleiros
- 10- Forte de Santo António

Ø - Ortofotomapa / Cidade Velha - imagem acervo do autor  
○ - Localização da Fortaleza Real de São Filipe

Fig.61- Imagem acervo do autor.





O sistema defensivo da Ribeira Grande de Santiago, actual Cidade Velha como é hoje conhecida.



Posto de observação

Fig.63



Muralha proteção poente

Fig.64



Forte de São Lourenço

Fig.65



Forte de São Braz

Fig.66



Forte do Presídio

Fig.67



Forte de São Veríssimo

Fig.68



Forte de São João dos Cavaleiros

Fig.69



Forte de Santo António

Fig.70

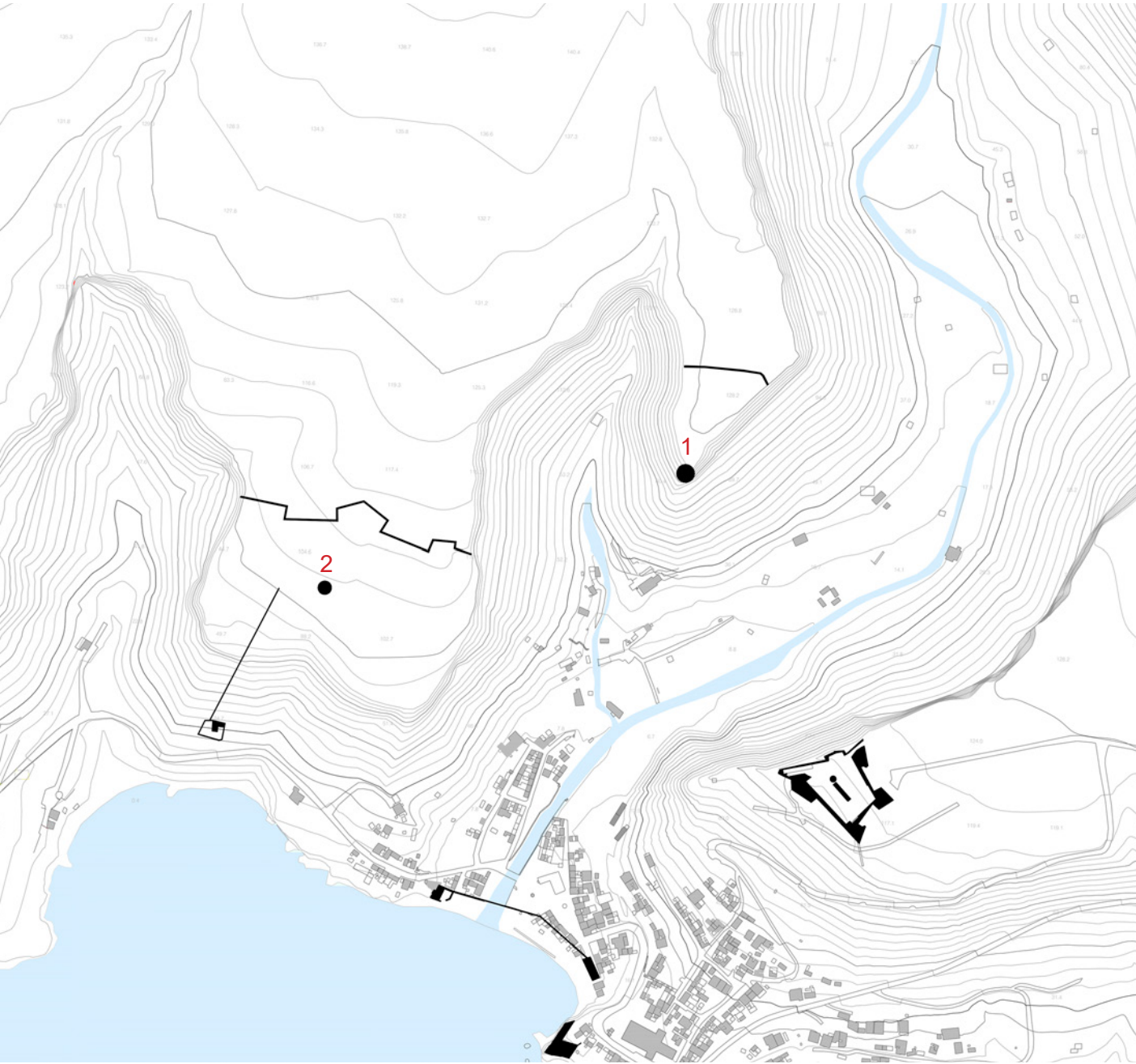
Figs.63, 64, 65, 66, 67, 68, 69 e 70- Imagens acervo do autor, 2018.



PONTOS DE OBSERVAÇÃO

Estes pontos, estrategicamente localizados, normalmente em locais altos de onde se tem total observação dos terrenos circundantes e desempenhavam funções importantes na defesa da cidade. Foram as primeiras técnicas de defesa criadas, tendo como objectivo comunicar por semáforos entre postos de vigia estratégicos "(Forte Real de S. Filipe, Ribeirão Baltazar Correia, S. Martinho, Monte Vermelho, Praia Negra, Pescadeiro Alto)", quando avistavam navios piratas dirigindo-se a Ribeira Grande ou Praia. (Maria Santos,2007:194)

Para avisar a aproximação das embarcações tidas como inimigas eram utilizados sinais de fumo durante o dia e a noite o reflexo da luz, ou mesmo a utilização de sinais sonoros produzidas pelos batimentos. Na zona da Achada Salineiro, construída em alvenaria de pedra, ainda existem vestígios da torre de vigia, hoje completamente em ruína construída no século XVII.



54- <http://www.caboverde-info.com/Identidade/Historia/Organizacao-Militar-e-Sistema-de-Defesa-do-Sec.-XV-ao-Sec.-XVII>  
○- Planta acervo do autor, feita a partir da planta do património construído dentro do perímetro do sítio do Património Mundial da Humanidade | Fonte: Câmara Municipal da Ribeira Grande  
● Pontos de Observação



Fig.71

No lado oeste da grande Fortaleza Real de São Filipe é possível visualizar a antiga torre de vigia, onde apenas restam parte dos seus muros e uma escadaria no declive rochoso.

O lado poente da cidade, era vigiado pelo segundo posto de vigia fechando assim o sistema juntamente com muralha de proteção e o forte de São Lourenço.



Fig.72



Fig.73



Fig.74



Fig.75

Figs.71, 72 e 73- Ponto de observação 1 | ○- Localização da Torre de Vigia  
Figs. 74 e 75- | Ponto de observação 2  
Fig. 71 e 75- Fonte: Imagens do Dossier de candidatura, da Ribeira Grande de Santiago ao património mundial, 2008  
Fig.73- Imagem acervo do autor  
Fig.72 e 74 - Imagens acervo do autor, produzido juntamente com a equipa WDI4U.



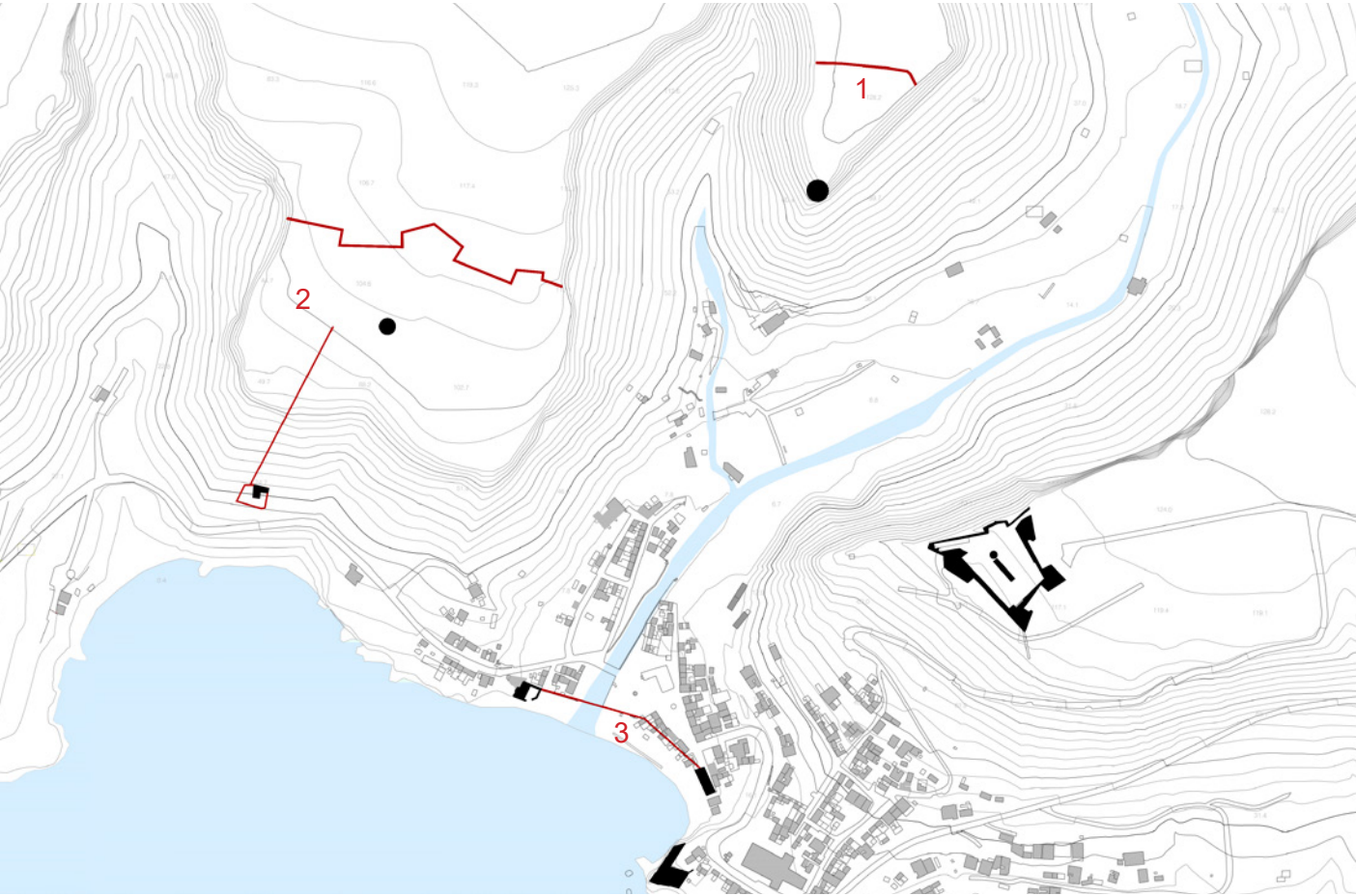
# MURALHAS

As muralhas são estruturas fundamentalmente defensivas numa fortificação, utilizadas largamente ao longo dos tempos. São estruturas erguidas em alvenaria de pedra, embora em várias regiões foram feitas em outros materiais como a taipa, a madeira ou faxina (ramos de árvores e terra), isoladas ou combinadas, isso fez com que se tornassem um excelente elemento estruturante numa cidade, porque além de servir de defesa também seguiram e evoluíram em conjunto com as cidades. Na Cidade Velha, devido à forma do terreno não houve a necessidade de criar uma cerca para a cidade, pois as inclinações dos maciços das escarpas laterais são uma defesa natural contra invasores.

Como podemos ver na planta, a cidade era protegida por três muralhas estrategicamente localizados, uma a norte, o outro no lado poente fechando a cidade e a última localizada a nascente do pelourinho, situado no centro da cidade, fechando assim a baía e a porta da cidade a partir do mar. Essas muralhas faziam parte da primeira linha de defesa da cidade e do porto.

A muralha da cidade, lado poente, no enfiamento da porta e do forte de São Lourenço, possivelmente construída no século XVI, não sofreu nenhuma intervenção ao longo dos anos, aumentando assim a sua degradação embora as estruturas sejam fortes. A muralha do mar, feita em alvenaria de pedra, ligava o forte de São Braz ao forte do Presídio, este a nascente da cidade. Apesar da muralha se encontrar em ruínas, ainda hoje é possível fazer a sua leitura pois em algumas habitações foram marcadas o seu traçado inicial apesar destas terem sido construídos no mesmo sítio.

Devido aos grandes impactos da chuva para a cidade, considera-se terem existido algumas aberturas na muralha do mar, no traçado da ribeira, pois havia necessidade de desaguar grande quantidade de água que vinha da ribeira para o mar.



Ⓜ- Planta acervo do autor, feita a partir da planta do património construído dentro do perímetro do sítio do Património Mundial da Humanidade | Fonte: Câmara Municipal da Ribeira Grande  
1- Muralha proteção Norte | 2- Muralha da Cidade | 3- Muralha do Mar



Fig.76



Fig.77



Fig.78



Fig.79



Fig.80



Fig.81



Fig.82



Fig.83

Figs. 76 e 77- Muralha proteção Norte | Ⓜ- Muralha  
Fonte: Câmara Municipal da Ribeira Grande de Santiago  
Figs. 78 e 79- Muralha proteção Poente | Imagens acervo do autor  
Figs. 80 e 81- Muralha do Mar | Imagens acervo do autor  
Figs. 82 e 83- Imagens acervo do autor.

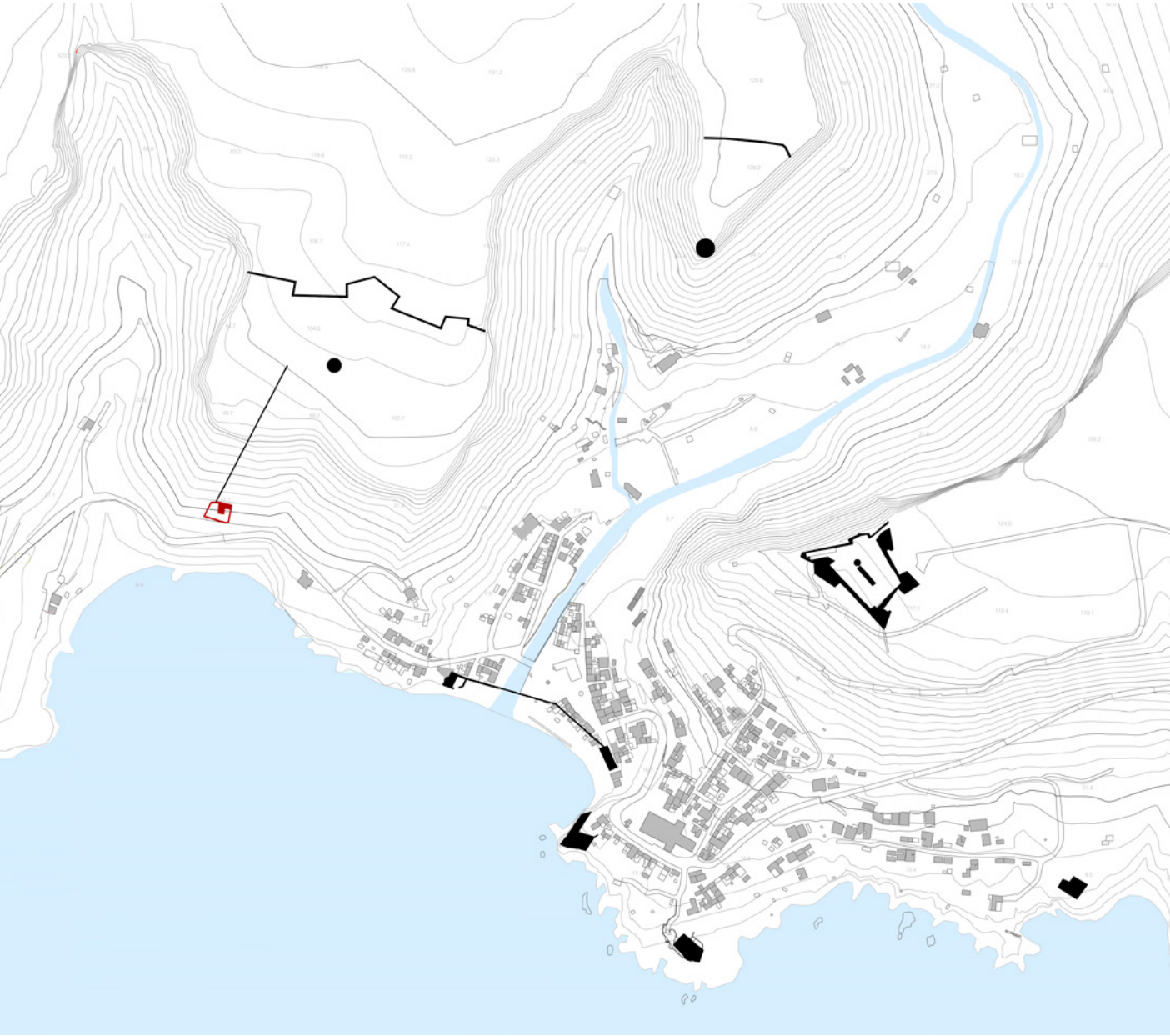


# FORTE DE SÃO LOURENÇO

Localizada a oeste do forte de São Braz, na zona de São Lourenço, a estrutura abaluartada construída no século XVIII em alvenaria de pedra é formada por uma planta poligonal irregular, composta por bateria alta, bateria baixa e algumas dependências que serviriam para o corpo do guarda. O forte que ligava com a grande muralha dentada, fechava o acesso à parte oeste da cidade.

No final da década de 1960, o forte foi cortado ao meio com a construção da estrada, embora nos anos 90 foi levantado um contraforte para assegurar resistência ao seu desabamento, o forte encontra-se em risco, devido à falta de apoio nas suas fundações tornando a estrutura pouco estável.

É difícil aceder ao forte, obrigando a passagem por dentro de uma horta privada e pelo interior é possível verificar o seu total abandono. Actualmente o forte encontra-se em ruínas aguardando por dias melhores, o espaço demonstra a carência de uma intervenção. É lugar de acumulação de lixo, o acelerado estado de degradação do forte e da porta, sofrida nos últimos anos faz carecer de uma intervenção urgente na sua consolidação, caso contrário acabará por se desmoronar com a ação do tempo.



Ⓜ- Planta acervo do autor, feita a partir da planta do património construído dentro do perímetro do sítio do Património Mundial da Humanidade | Fonte: Câmara Municipal da Ribeira Grande



Fig.84



Fig.85



Fig.86



Fig.87



Fig.88



Fig.89

Figs. 84- Porta Norte | A direita esta localizada o forte de São Lourenço | Imagem acevo do autor  
Figs. 85- Planta de 1770 do forte com interiores | Autor: Eng. António Carlos Andreis  
Fonte: IPC - Instituto do Património Cultural de Cabo Verde  
Figs. 86, 87, 88 e 89- Imagens acervo do autor.



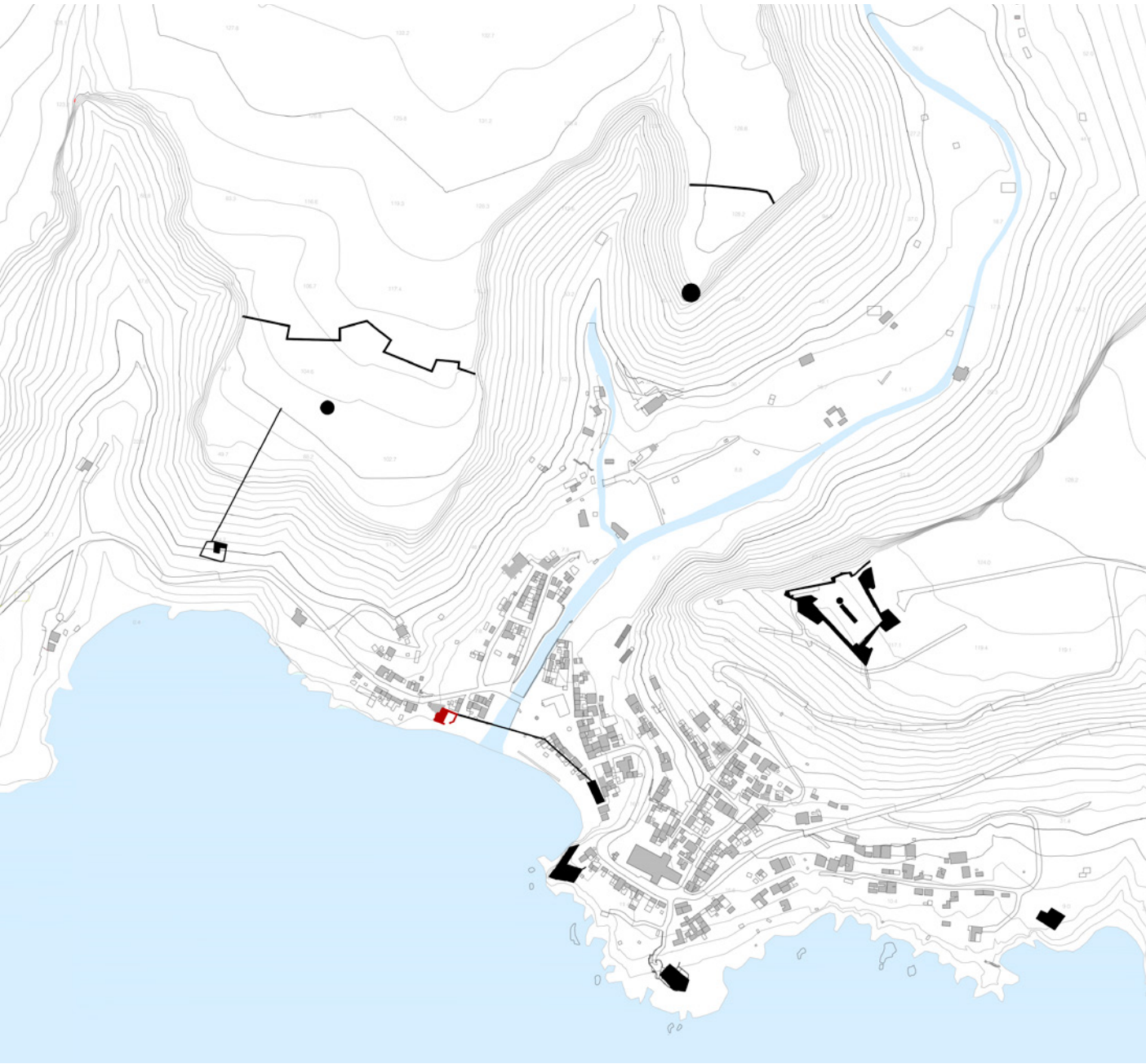
# FORTE DE SÃO BRAZ

O forte localiza-se na margem direita da cidade, no cruzamento da Rua Carreira com a Rua de São Braz, foi construído no século XVII, este, ligava-se com o baluarte da Ribeira através de troços de muralha, divididos ao longo da linha da costa terminando no forte do Presídio.

A estrutura abaluartada em alvenaria de pedra inclui uma esplanada oval, qual teve obras de recuperação e foi transformado num miradouro. O espaço hoje encontra-se ocupado por uma esplanada.

O forte fazia parte da primeira linha de defesa da cidade e do porto, foi utilizado temporariamente como santuário e no futuro próximo pretende-se transformar o espaço num lugar de lazer com um pequeno bar.

O espaço encontra-se coberto por uma estrutura metálica, onde os pilares foram revestidos com pedras basálticas misturadas com argamassas de cimento.



Ⓜ- Planta acervo do autor, feita a partir da planta do património construído dentro do perímetro do sítio do Património Mundial da Humanidade | Fonte: Câmara Municipal da Ribeira Grande



Fig.90



Fig.91



Fig.92



Fig.93



Fig.94

Figs. 90- Planta de 1770 do forte | Autor: Eng. António Carlos Andreis  
Fonte: IPC - Instituto do Património Cultural de Cabo Verde  
Figs. 91, 92, 93 e 94- Imagens acervo do autor.

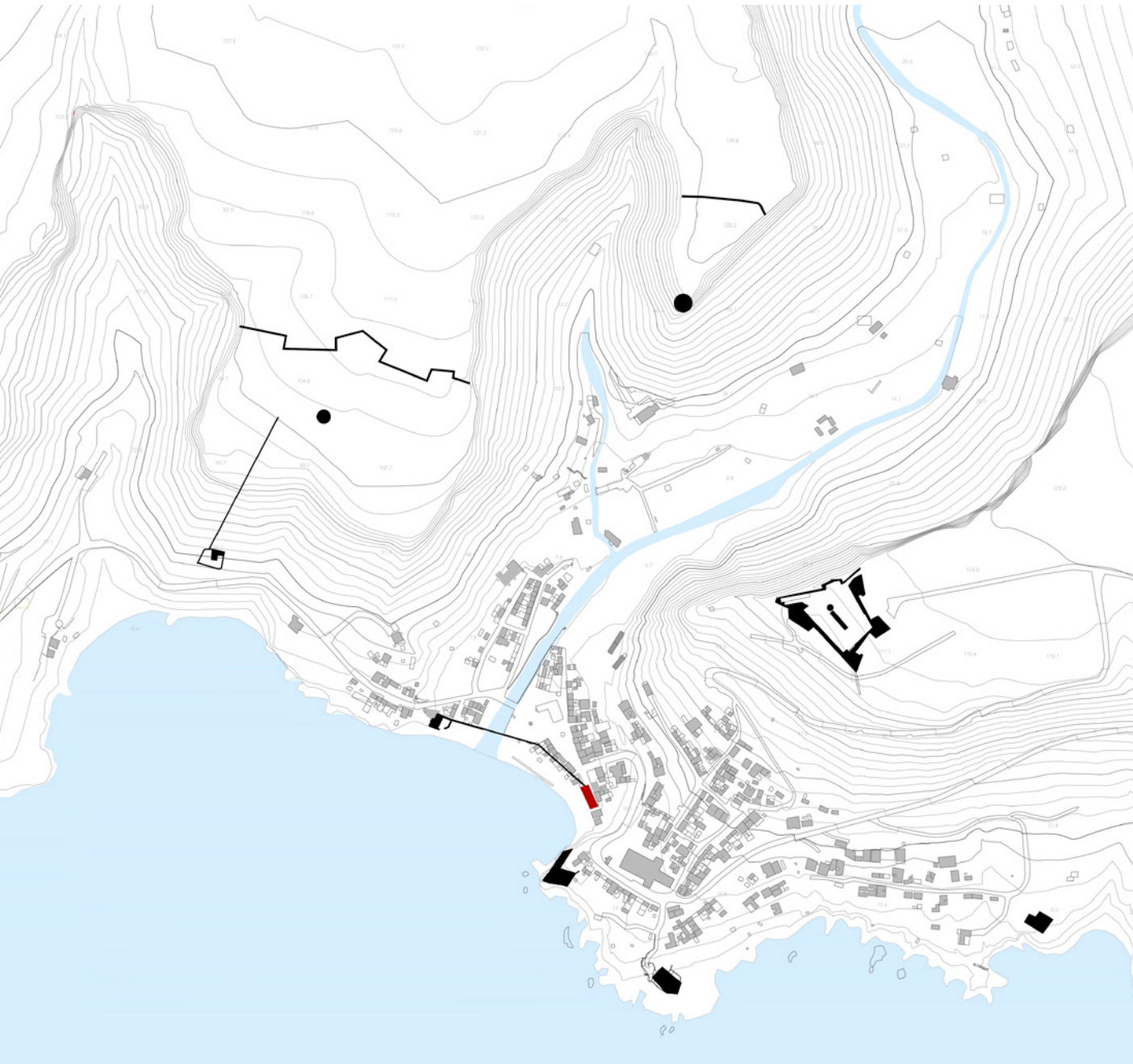


# FORTE DO PRESÍDIO

O forte, que foi construído no século XV-XVI, fazia parte da primeira linha de defesa da cidade e do porto, pois encontra-se localizado mais próximo do antigo ancoradouro e porto principal de embarque e desembarque da cidade de Ribeira Grande da ilha de Santiago actual Cidade Velha, mais precisamente na sobranceira ao mar e ao centro da baía e da chamada Muralha do Mar.

O desenho foi atribuído ao engenheiro italiano Giovanni Battista Antonelli, 1527-1588 e ao capitão espanhol Diogo Flores de Valdez, e a estrutura foi toda feita em alvenaria de pedra, ligava o forte de São Veríssimo ao forte de São Braz.

Actualmente subsistem apenas quatro panos de muralha, sendo este, utilizado como parque infantil, carecendo obras de requalificação dado que o estado em que se encontra é de total abandono.



Ⓝ - Planta acervo do autor, feita a partir da planta do património construído dentro do perímetro do sítio do Património Mundial da Humanidade | Fonte: Câmara Municipal da Ribeira Grande

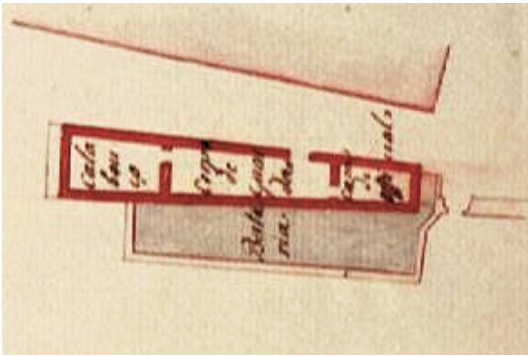


Fig.95



Fig.96



Fig.97



Fig.98



Fig.99

Figs. 95- Planta de 1778 do forte  
Fonte: IPC - Instituto do Património Cultural de Cabo Verde  
Figs. 96, 97, 98 e 99- Imagens acervo do autor.



# FORTE DE SÃO VERÍSSIMO

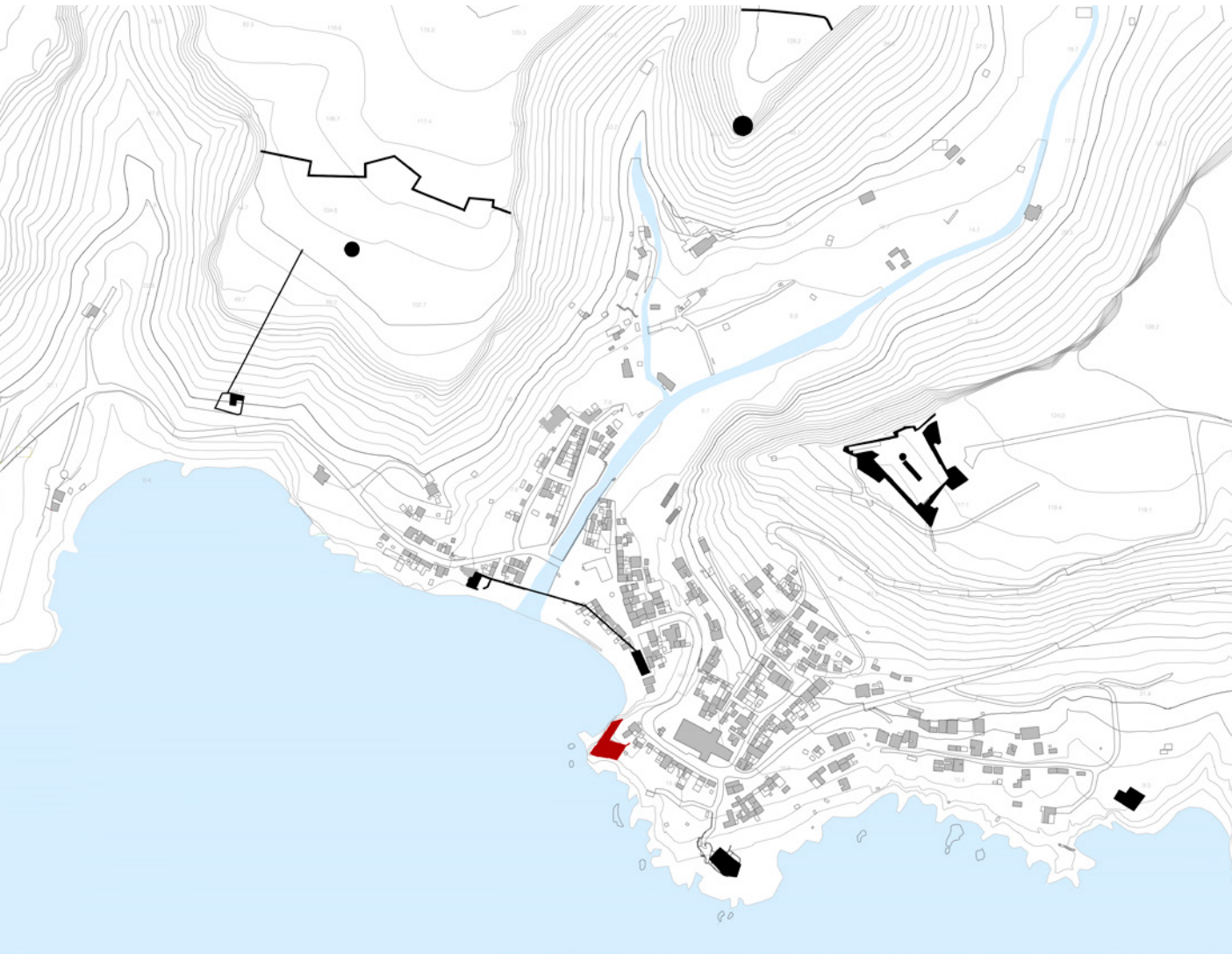
O forte foi construído no século XVIII, se localiza no Bairro de S. Sebastião mais precisamente na orla marítima isolada, junto à linha da costa virada para o mar num plano abaixo da Sé.

Com a planta polygonal que acompanha a linha da costa, todo o forte foi construído em alvenaria de pedra composta por bateria alta, bateria baixa e cortina de tiro servindo de defesa da costa e controlo do porto.

Anteriormente a entrada do forte era feita pelo baluarte norte, ladeada por dois compartimentos retangulares que pertenciam às dependências da guarda, hoje esse espaço encontra-se bastante alterado com a construção de uma habitação no local dificultando o acesso e a percepção desse espaço.

Quanto ao acesso, é feita através de um espaço semi-privado existente na lateral da habitação, nesse caminho massapé, de terra batida, é possível constatar o crescimento de algumas árvores de pequeno porte até à chegada ao pórtico de entrada do forte, toda construída em tijolo, conectando os dois terraços de artilharia, mas este infelizmente não perdura.

Todo o espaço do forte encontra-se em total abandono, em estado de ruínas, utilizado apenas para acumulação de lixo e carecendo urgentemente de recuperação.



Ⓜ- Planta acervo do autor, feita a partir da planta do património construído dentro do perímetro do sítio do Património Mundial da Humanidade | Fonte: Câmara Municipal da Ribeira Grande



Fig.100

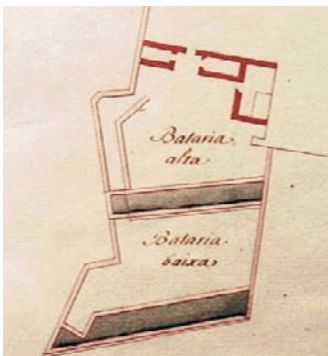


Fig.101

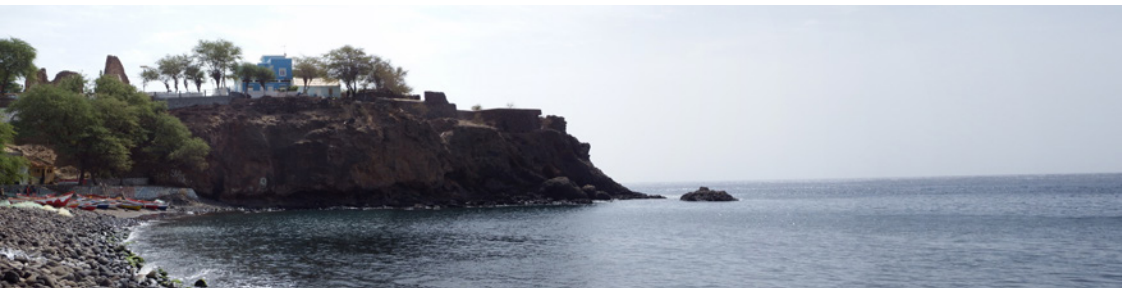


Fig.102



Fig.103



Fig.104



Fig.105

Figs.100- Entrada do forte | Aqui existia um pórtico, desaparecido com o tempo | Imagem acervo do autor  
Figs.101- Planta de 1778 do forte  
Fonte: IPC - Instituto do Património Cultural de Cabo Verde  
Figs.102, 103, 104 e 105- Imagens acervo do autor.



# FORTE DE SÃO JOÃO DOS CAVALEIROS

O forte está localizado na margem esquerda da baía da Ribeira Grande de Santiago, ao lado do forte de São Veríssimo, mais precisamente no bairro de S. Sebastião.

Foi construído no século XVIII e integrava a segunda linha de defesa da cidade, a estrutura perdurou, tendo desaparecido devido a venda do espaço para um grupo de investidores italianos, que ali construíram um restaurante “Mar & Mar” na década de 80, onde foi por vários anos ponto de encontro de vários visitantes.

A construção encontra-se entregue ao abandono, em ruínas “espaço lixo”, necessitando urgentemente de intervenções por parte das identidades competentes.

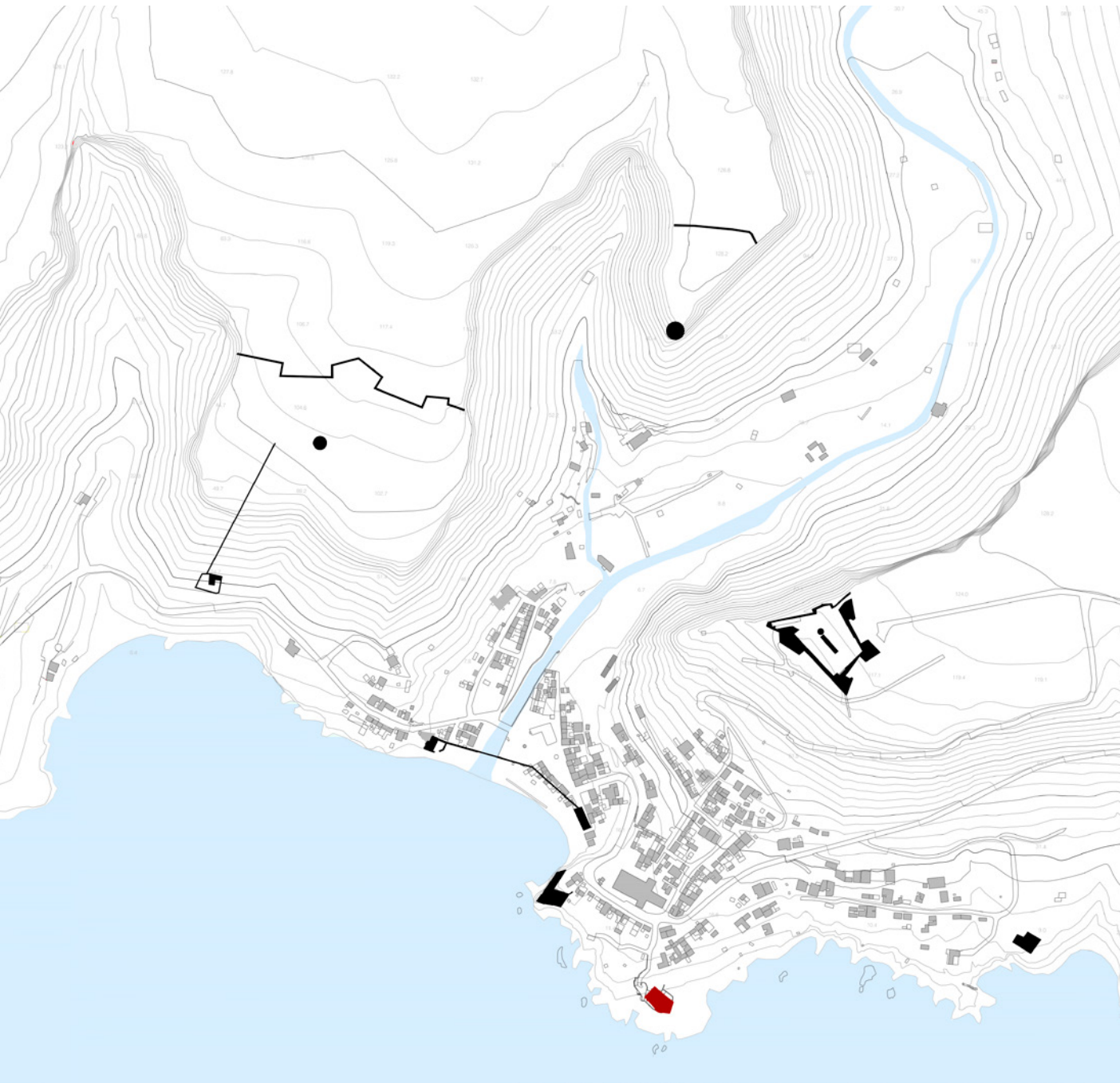


Fig.106 - Planta acervo do autor, feita a partir da planta do património construído dentro do perímetro do sítio do Património Mundial da Humanidade | Fonte: Câmara Municipal da Ribeira Grande



Fig.106



Fig.107



Fig.108



Fig.109



Fig.110



Fig.111

Figs.106- Planta de 1770 do forte | Autor: Eng. António Carlos Andreis  
Fonte: IPC - Instituto do Património Cultural de Cabo Verde  
Figs. 107, 108, 109, 110 e 111- Imagens acervo do autor.



# FORTE DE SANTO ANTÓNIO

O forte está localizado no extremo sul da Cidade Velha, no exterior do perímetro urbano mais precisamente na zona do bairro de S. António, foi construído no século XVIII em alvenaria de pedra.

A estrutura, fazia parte da segunda linha de defesa juntamente com os fortes de São João dos Cavaleiros e São Lourenço, sendo que a planta é trapezoidal adaptando-se ao terreno.

Actualmente o espaço carece de uma requalificação assim como a estrada que liga ao forte. Na costa marítima, foi contruída uma muralha em alvenaria de pedra basáltica com quinze metros altura para assegurar a proteção do forte contra a erosão.



Ⓞ- Planta acervo do autor, feita a partir da planta do património construído dentro do perímetro do sítio do Património Mundial da Humanidade | Fonte: Câmara Municipal da Ribeira Grande



Fig.112



Fig.113



Fig.114



Fig.115



Fig.116

Figs.112- Planta de 1770 do forte | Autor: Eng. António Carlos Andreis  
Fonte: IPC - Instituto do Património Cultural de Cabo Verde  
Figs. 113, 114, 115 e 116- Imagens acervo do autor.



Em 2015, foi realizado o “Relatório Projecto de Intervenção Arqueológica no Forte de S. António, Cidade Velha, Cabo Verde”, com a colaboração da Câmara Municipal da Ribeira Grande de Santiago juntamente com o Ministério da Cultura, a União Europeia, o Governo Português, a Fundação Calouste Gulbenkian e outras entidades, o que contribuiu para o estudo, valorização e salvaguarde do forte de S. António e da Ermida contígua ao forte, a Ermida de S. António.

Segundo o relatório, “o processo de edificação do forte teve início em 1700 e, como refere Christiano José de senna Barcellos, na sua obra Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné, dada à estampa em 1900, conclui-se o forte da cidade, defronte da porta da ermida de Santo António, à custa do sargento-mor Manuel Lopes Lobo; o plano deste forte tinha sido dado pelo sargento-mor Francisco Pimenta; (...) Assim se construiu em 1703 o forte de Santo António, que ficava à beiramar a E. da ribeira”.<sup>35</sup>

A estrutura de carácter militar, ocupa uma área de 507 m2 com uma planta trapezoidal, resistiu pouco tempo após a sua construção porque no final do século XVIII a cidade foi progressivamente abandonada transferindo todas as instituições políticas e religiosas para a vila da Praia, actual capital de Cabo Verde.

Conforme o “Relatório Projecto de Intervenção Arqueológica no Forte de S. António, Cidade Velha, Cabo Verde”, após algumas escavações e sondagens feitas no sítio, constatou-se que “as quatro sondagens realizadas apresentaram realidades estratigráficas distintas: a sondagem teve como objectivo perceber a base de assentamento do muro virado ao mar, tendo-se verificado que a parede assentava directamente no estrato geológico, não se verificando a existência de qualquer vala ou alicerce de fundação. A sondagem 4, situada no exterior e paralela à porta, teve uma profundidade de 1 m. e revelou que as fundações do forte, neste local, tinham uma profundidade de 0,8 metros e assentavam directamente no afloramento. Nas sondagens 2 e 3 verificou-se a mesma sequência estratigráfica, constituída pelas seguintes estratigráficas (u.e):

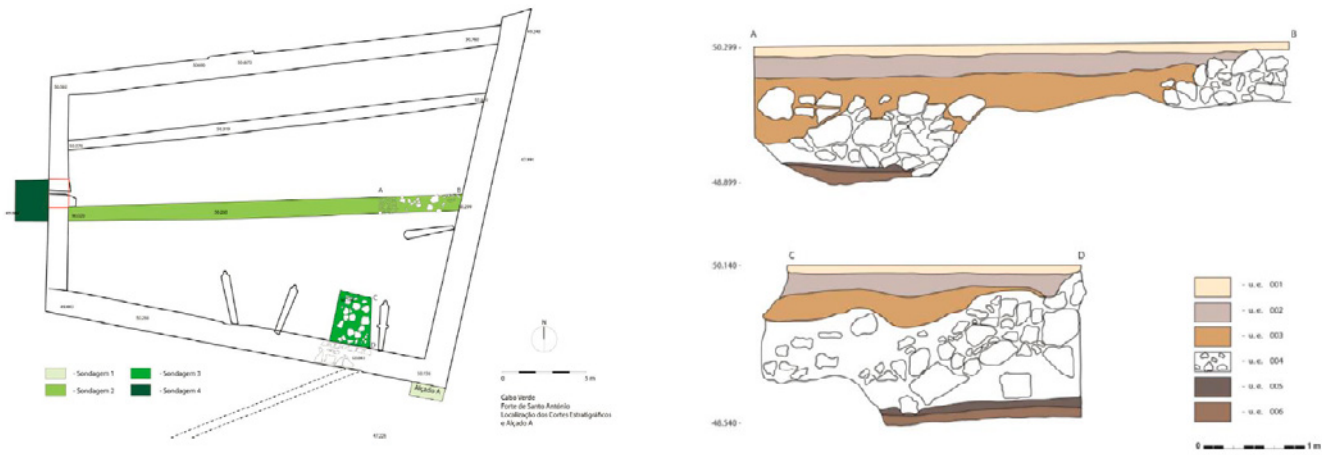


Fig.117

- u.e. 001 – terra humosa com uma coloração castanha clara;
- u.e. 002 – terra de coloração castanha de granulometria variada e pouco compacta;
- u.e. 003 – terra de coloração amarelada de pequena granulometria e pouco compacta;
- u.e. 004 – camada constituída por pedras de granulometria média e grande e terra de coloração castanha pouco compacta;
- u.e. 005 – camada constituída por pedras de pequena granulometria provenientes de cursos de água; apresenta-se muito compacta e uniforme;
- u.e. 006 – terra de coloração avermelhada, muito compacta; trata-se, a nosso ver do, estrato geológico.

35- BARCELLOS, Christiano José de Senna, Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné, Parte II, Typografia da Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1990, p. 171.

Fig.117- Imagens fonte: “Relatório Projecto de Intervenção Arqueológica no Forte de S. António, Cidade Velha,..”

... Os muros, nos lados este e sul, foram construídos com uma consistente alvenaria de pedra e argamassa, com uma largura que ronda os 1,5 m, e um alçado variável com uma altura máxima que ronda os 2,7 m., na parte melhor conservada.” Segundo o mesmo relatório, “os blocos de basalto estão dispostos em fiadas regulares, intercalados com fiadas de pedras miúda e ligados por argamassa. O muro norte virado à capela é constituído por pedra miúda e ligado com barro, com exceção dos cantos que possuem argamassa como elemento de ligação. O muro oeste é também construído com recurso a uma alvenaria de pedra ligada por argamassa. Ao centro deste muro situava-se a porta. Da soleira da porta apenas subsistiu in situ uma pedra de calcário com vestígios do orifício do gonzo; esta estrutura rondaria os dois metros de largura.

As sondagens realizadas no interior do forte permitiram-nos constatar a sequência construtiva do interior da estrutura defensiva. Assim, somos de supor que, durante o levantamento dos muros perimetrais do forte, foi aplicado no solo uma camada de gravilha proveniente do mar ou de um curso de água. Esta camada, muito compacta, assentava directamente no afloramento. Esta solução construtiva é ainda hoje utilizada e visível em algumas construções de Cabo Verde. Posteriormente, o interior do forte foi preenchido com pedras de média/grande dimensão e com camadas de terra que faziam o enchimento e o nivelamento.

Na parte traseira do forte, no lado norte, existe um muro paralelo de alvenaria e ligado com terra que delimita a zona dos quartéis (...), com uma largura de 0,65 m. Este espaço, com uma área de 62,5 m², ao contrário do restante, encontrava-se coberto com o derrube de telhas de meia cana. Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos nesta zona terminaram neste nível, não sendo possível perceber a sequência estratigráfica. Contudo o derrube das telhas pressupõe que, por debaixo desta camada, possam existir os pavimentos e eventuais vestígios da ocupação. Pela ausência deste tipo de materiais de cobertura pressupõe-se que a restante parte do forte não possuía cobertura com telha. O muro situado a sul, virado ao mar, apresenta um estado de conservação que requer cuidado especial, pois parte da estrutura está arruinada e necessita de obras de conservação e restauro urgentes.

Em cima da porta do forte, e ao lado da soleira de calcário, foi identificada uma estrutura que consiste em alinhamentos de pedras, sem argamassa, que possivelmente constituem parte de uma canalização. Pela técnica construtiva, bem como pela localização, é de depreender que se trata de uma canalização construída já depois do forte estar abandonado e em ruína. Tratar-se-á de uma ocupação residual que nada tem a ver com as funções castrenses.”

Após esse intenso estudo de levantamento e interpretação, foi possível criar uma hipótese de reconstrução volumétrica do forte e da capela de Santo António, como podemos constatar no “Relatório Projecto de Intervenção Arqueológica no Forte de S. António, Cidade Velha, Cabo Verde”



Fig.118

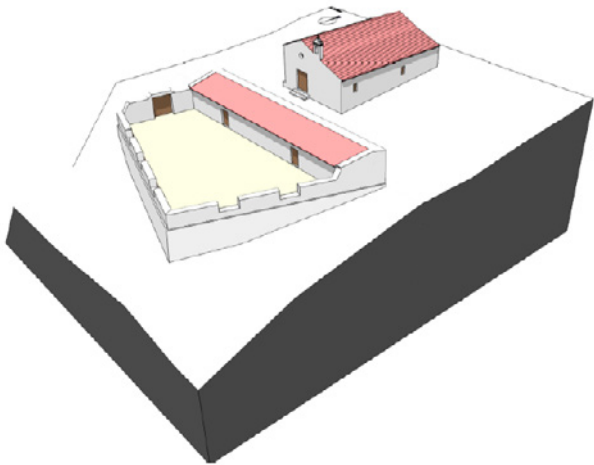


Fig.119

Figs. 118 e 119- Imagens fonte: “Relatório Projecto de Intervenção Arqueológica no Forte de S. António, Cidade Velha, Cabo Verde”





Fig.120

Fig.120- Imagem acervo do autor, produzido em conjunto com a equipa WDI4U.  
Fortaleza Real de São Filipe - Ribeira Grande de Santiago / Cidade Velha

### 3.3. A FORTALEZA REAL DE SÃO FILIPE

#### 3.3.1 História da construção





Fig.121

A construção da fortaleza foi iniciada em 1587 e em 1593 as obras já estavam concluídas, localizada no alto da Achada de São Filipe, têm nas suas coordenadas de latitude 14°54'57.66"N e longitude de 23°36'6.73"W. A escolha do sítio para a construção não foi casual, pois situa-se num ponto estratégico aos 120 metros acima do nível do mar de onde a defesa da cidade seria mais segura e se têm uma visão ampla da cidade e de todo o território circundante. O lado oeste da fortaleza é naturalmente protegido pela falésia dificultando a sua invasão e a sua muralha com cerca de 474 metros engloba uma superfície com cerca de 6000 metros<sup>2</sup>.

A obra concebida pelo arquitecto João Nunes e Filipe Térzi, situado na extremidade do planalto, a mando do rei Filipe II, tinha o principal objectivo de afugentar os inimigos após vários ataques a cidade ao longo dos anos. O monumento (fortaleza Real de São Filipe ou Cidadela), dominava o sistema defensivo de defesa e de muralhas que se repartiam ao longo da costa, permitindo prevenir os ataques por terra.

A fortaleza inicialmente construída com pedra e barro (terra peneirada à misturada com água), e pedras brancas trazidas de Portugal, alguns anos após a sua conclusão já se encontrava muito arruinada. Segundo o investigador Carlos Garcia Penã, "em 1606 qualifica-se a fortaleza como de bom tamanho, e bastante provida, mas treze anos depois afirma-se que está muito arruinada na carta que D. Francisco de Moura, governador das ilhas informava o rei Felipe II (III de Espanha) da situação da defesa, (...) o remédio será o uso da cal que se trouxe para reformar um lanço de muro, além de mandar fazer fornos de cal e cumular pedra para acometer o resto das reparações".<sup>36</sup>

Penã, continua dizendo que numa carta de 11 de julho de 1619, "certificava que o governador Moura reparou a fortaleza assim como os baluartes da cidade de Ribeira Grande e Praia, ordenando também trazer da ilha de Maio Grande quantidade de lajes de pedra para o pavimento de baluartes e baterias e permitir a deslocação de canhões novamente colocados nas sua carretas, participando pessoalmente no acarreo de materiais". Também foi informada a coroa que na "zona em que se encontra a fortaleza conta com pedras abundante, vermelha ou negra, ao ponto do seu entorno se ter convertido numa pedreira, com o conseqüente perigo de alteração paisagística da envolvente do monumento".<sup>36</sup>

36- PENÃ, C. 2000:95

Fig.121- Imagem acervo do autor, produzido em conjunto com a equipa WDI4U.  
Relação fortaleza com a cidade.



Fig.122

Na segunda metade do século XVIII, a fortaleza foi reconstruída após assaltos de corsários franceses que destruíram quase toda a cidade. Entre 1968 e 1970, foram executadas obras de conservação e de restauro entre 1999 e 2001, sob a coordenação do arquitecto Siza Vieira no âmbito do plano de recuperação da Cidade Velha, por iniciativa do Ministério da Cultura de Cabo Verde.



Fig.123

Fig.122- Imagem acervo do autor, produzido juntamente com a equipa WDI4U.

Fig.123- Imagem acervo do autor  
Relação / fortaleza e o território.

→ Fortaleza





Fig.124

Fig.124- Imagem da Biblioteca Nacional de Portugal | D. Filipe II  
Data: 1846 | Autor: Denis, F. | Fonte: <http://purl.pt/12780>

### 3.3.2. AS FORTIFICAÇÕES FILIPINAS



Com a subida ao trono de Filipe II de Espanha e I de Portugal, houve a introdução de uma série de importantes alterações no controlo geral da defesa do império Ibérico. “Primeiro, porque chamou decididamente a atenção das esquadras de corso inglesas para o interesse dos vários arquipélagos atlânticos no controlo das rotas do Atlântico Norte e depois, porque permitiu a reformulação das várias instituições, em Lisboa e em Madrid, encarregadas dos trabalhos nas áreas da defesa e da fortificação, assim como na circulação por todo esse vasto império pluricontinental dos técnicos dessa área. As obras de defesa então levantadas nos principais portos insulares e continentais ultramarinos, a partir de então, vão condicionar todas as estruturas urbanas a que se encontrem associadas, sendo mesmo em alguns casos, necessário demolir e refazer parte do tecido urbano já construído em nome da defesa e segurança gerais.

Foi nesse quadro que Filipe II, encontrando a funcionar no Paço da Ribeira, em Lisboa, uma Aula para Moços Fidalgos, no seu regresso a Madrid, senão mesmo quando ainda se encontrava em Lisboa, igualmente implantou ali uma estrutura idêntica. A coordenação foi entregue ao arquitecto Juan de Herrera, que se deslocara a Lisboa com a corte de Filipe II, ao qual também se entregou a área da leccionação da Matemática. A instituição da Academia de Matemática e Fortificação em Madrid deve datar dos finais de 1582 e Filipe II ainda entregou a leccionação da área da Fortificação a D. Cristóbal de Rojas. Para esta Aula ou Academia, chegou mesmo a ser chamado a Castela, durante largos períodos, o cosmógrafo-mor João Baptista Lavanha, que trabalhava em Lisboa e, pontualmente, também o engenheiro-mor de Portugal, o italiano Filipe Térzi.

Desde a época do avô de Filipe II, o rei D. Manuel, que se haviam instituído e regimentado práticas de ensino ligadas à preparação dos quadros superiores, como conhecemos através do regimento de 1505 do cirurgião-mor do Hospital de Todos os Santos, e que não se afastaria muito do caso do cosmógrafo-mor, cujo primeiro regimento deve datar do seguinte reinado de D. João III. (...) Com a mudança de dinastia em Portugal e tendo Filipe II instituído em 1582 a Academia de Madrid, igualmente reinstalou em Lisboa, oficialmente, em 1594, a Aula de Arquitectura ou Aula do Risco, sob coordenação do arquitecto italiano Filipe Terzi. Voltava-se à anterior prática portuguesa, abandonando-se um pouco a prática cortesã das cortes de D. João III e D. Catarina e destinavam-se de novo as Aulas aos futuros funcionários régios das áreas da arquitectura e da fortificação. (...) A partir de então, os vários mestres das obras reais e, depois, arquitectos militares enviados para os arquipélagos atlânticos e para as diversas áreas ultramarinas eram, oficialmente, antigos alunos dessa Aula. (...) Nos finais do século XVI, os arquitectos enviados para a Madeira eram já oriundos da Aula e, inclusivamente, dentro do mesmo esquema, traziam consigo alunos, neste caso, os próprios filhos. (...) Com Filipe II se instituiu igualmente em Castela, e nos seus domínios, o lugar de engenheiro-mor, entregue ao italiano Tibúrcio Spanochi, nascido em Siena, em 1541 e falecido em Madrid, em 1606. Este especialista italiano, seria o responsável perante Filipe II pela definição de uma estratégia defensiva Ibérica no quadro do Atlântico, com o planeamento de uma ampla estrutura que envolvia os principais portos estratégicos e as passagens de interesse geo-político, desde o Golfo do México até ao Estreito de Magalhães, para onde já planeava uma fortificação em 1580. As suas responsabilidades, no entanto, aumentaram com a centralização destes assuntos em Madrid, após a deslocação de Filipe II a Lisboa, já se encontrando na ilha Terceira, nos Açores, em 1583-84, na armada do marquês de Santa Cruz. (...) Seria assim uma estrutura semelhante à portuguesa a que foi montada em Madrid, embora com alguns aspectos específicos de funcionamento, pois que a defesa e a fortificação viriam a ser das poucas actividades onde os interesses de Castela e de Portugal não se diferenciam."<sup>37</sup>

Ao analisarmos a Fortaleza Real de São Filipe, em Cabo Verde, verifica-se a intensa relação e aproximação arquitectónica existente entre essa fortaleza e as demais fortificações filipinas construídas no reinado do Filipe II.

Para análise das fortificações construídas nesse período, escolheu-se como caso de estudo a fortaleza de São Filipe do Pelourinho na cidade do Funchal, ilha da Madeira, a fortaleza de São Filipe localizada no concelho de Angra do Heroísmo, na costa sul da ilha Terceira nos Açores, e o forte de São Filipe de Setúbal em Portugal. A escolha dos casos de estudos baseou-se fundamentalmente nas comparações dos elementos formais, estruturais e funcionais das fortalezas.

37- Fonte: "Curso de História da arquitectura e do Urbanismo nas ilhas Atlânticas" | Autor: Rui Carita

CABO VERDE - PORTUGAL

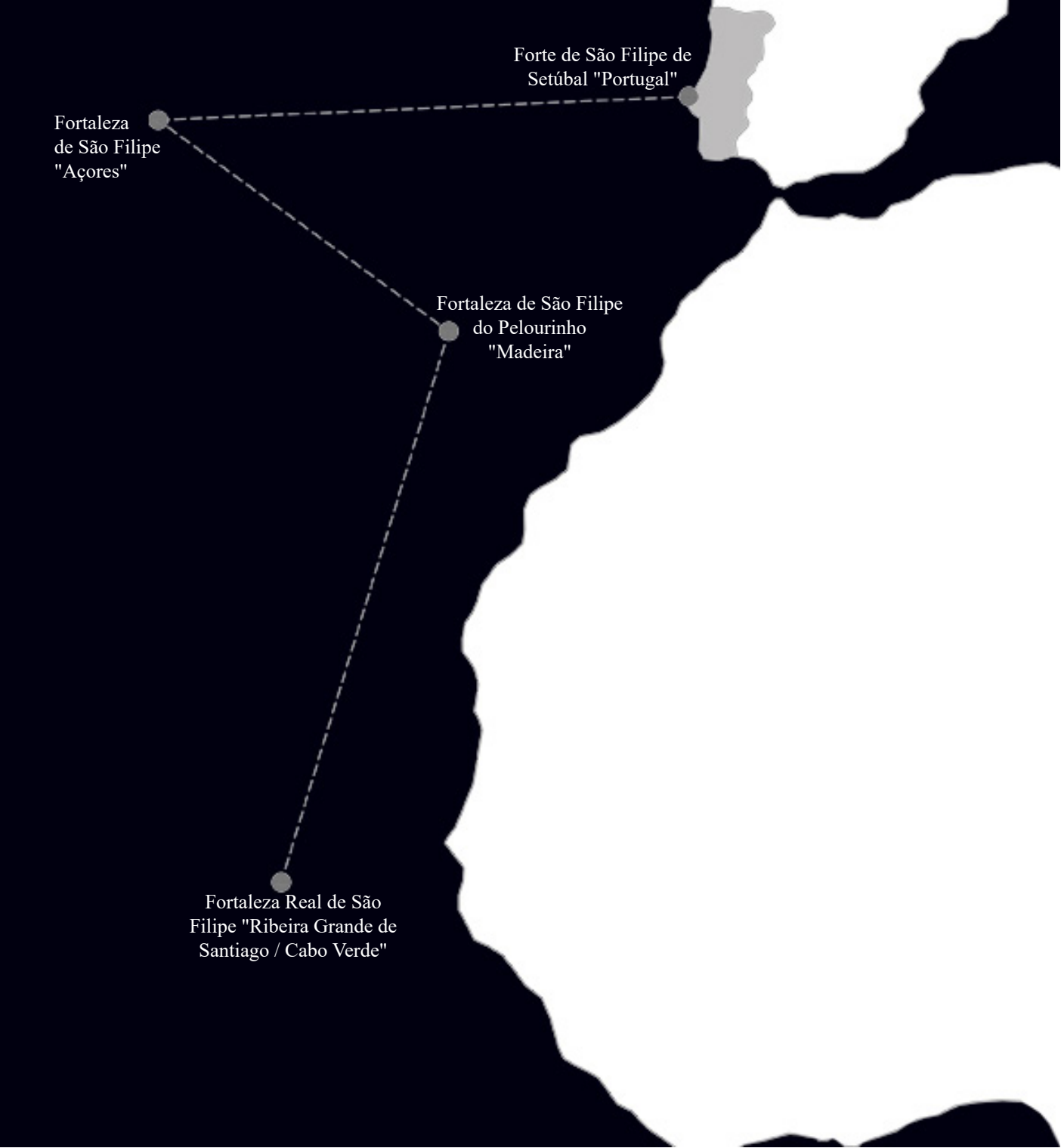


Fig. 125- Imagem acervo do autor.  
Relação da fortaleza Real de São Filipe com os outros fortes Filipes



FORTALEZA DE SÃO FILIPE DO PELOURINHO



Fig.126

A fortaleza de São Filipe do Pelourinho, também conhecida por Forte Nova da Praça ou simplesmente por Forte de São Filipe, localiza-se na Região Autónoma da Madeira, no centro histórico da cidade do Funchal, entre a ribeira de Santa Luzia e a ribeira de João Gomes. Foi construída a mando do rei Filipe II de Espanha, durante a Dinastia Filipina, para reforçar a defesa do porto em complemento com a fortaleza de São Lourenço. As primeiras notícias que relatam a sua construção, é mencionada em 1574 com a tomada de casas para a construção de uma “fortaleza”, junto à ponte de Nossa Senhora do Calhau, sendo as obras concluídas em Outubro de 1581.

"Após a Restauração da Independência, a Fortaleza Nova da Praça, como foi designada até aos finais do século XVII, foi sempre guarnecida por forças insulares da Madeira, e era diante do seu Portão de Armas que se estabeleciam as vigias e as rondas do Funchal, daqui partindo para Santiago e para os Ilhéus, pontos extremos de observação." De planta retangular, diferente da fortaleza Real de São Filipe, apesar da fortaleza Real de São Filipe ser maior, possuía uma bateria aberta pelo lado do mar, e entestava pelo lado de terra com o largo do Pelourinho.

No seu interior, também como a fortaleza Real de São Filipe, possuía um quartel limitado para apenas 15 a 20 homens. Ambas as fortalezas foram construídas no mesmo século.



Fig.127

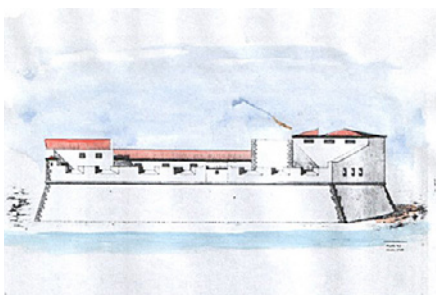


Fig.128

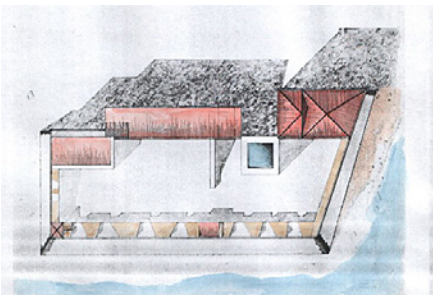



Fig.129

Fig.126-  - Localização do forte (google earth, 2018) | Imagem acervo do autor  
Fig.127- Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Forte\\_de\\_S%C3%A3o\\_Filipe\\_do\\_largo\\_do\\_Pelourinho\\_ap%C3%B3s\\_a\\_aluvi%C3%A3o\\_de\\_9\\_de\\_outubro\\_de\\_1803.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Forte_de_S%C3%A3o_Filipe_do_largo_do_Pelourinho_ap%C3%B3s_a_aluvi%C3%A3o_de_9_de_outubro_de_1803.jpg)  
Fig.128 e 129- Alçado e Planta | Desenho de Paulo Dias de Almeida, 1820  
Fonte: "Curso de História da arquitectura e do Urbanismo nas ilhas Atlânticas" | Autor: Rui Carita

FORTALEZA DE SÃO FILIPE



Fig.130

Outra fortaleza escolhida como elemento de comparação é a Fortaleza de São Filipe ou o Castelo de São Filipe como também é conhecido, magnífica estrutura militar que se localiza na freguesia da Sé, na cidade e concelho de Angra, mais precisamente na costa sul da ilha Terceira nos Açores. A fortaleza foi erguida no contexto da Dinastia Filipina, foi denominada como Fortaleza de São Filipe em homenagem ao soberano Filipe II de Espanha, a construção iniciada em 1593 tinha como principal objectivo proteger o porto contra a invasão dos corsários.

A estrutura de planta poligonal irregular adaptada ao terreno é constituída por três baluartes e dois meios baluartes, ocupa uma área de 3 km2 e cerca de 5 km de muralha, maior que a fortaleza Real de São Filipe em Cabo Verde, abrangendo parte significativa do perímetro do Monte Brasil. É uma das maiores fortalezas erguidas pelos espanhóis no seu espaço conquistado dos séc. XVI e XVII, toda a estrutura erguida em pedra basáltica. No interior da grande praça de armas, a estrutura é composta por Palácio do Governador, a Capela de Santa Catarina de Sena e a Igreja de São João Batista, todas elas, monumentos do período da construção da Fortaleza.

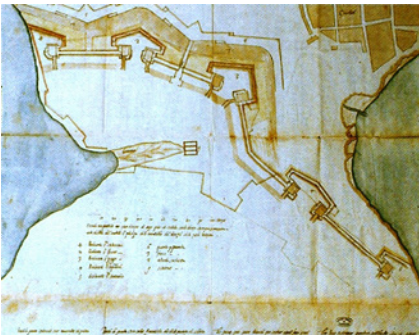


Fig.131



Fig.132



Fig.133

Fig.130- Imagem acervo do autor | google earth, 2018  
Fig.131 e 132- Fonte: Instituto Açoriano de Cultura, Separata da revista de cultura, Atlântida, 2007  
Fig.133- Fonte: <https://www.exploreterceira.com/fortes-fortalezas/fortaleza-sa%C3%A3o-joa%C3%B3-baptista/>  
Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fortaleza\\_de\\_S%C3%A3o\\_Joa%C3%B3\\_Baptista\\_da\\_Ilha\\_Terceira](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fortaleza_de_S%C3%A3o_Joa%C3%B3_Baptista_da_Ilha_Terceira)



FORTALEZA DE SÃO FILIPE DE SETÚBAL



Fig.134

O forte de São Filipe de Setúbal ou também conhecida por Castelo de São Filipe, localiza-se em posição dominante sobre um outeiro, fronteiro à cidade litorânea de Setúbal, dominando a margem esquerda da foz do rio Sado e o oceano Atlântico em Portugal.

A estrutura erguida na Dinastia Filipina em 1582, séc. XVI, com o objectivo de proteger a cidade contra a invasão dos corsários, tinha como traça do arquitecto e engenheiro italiano Filippo Terzi, o mesmo que trabalhou na fortaleza Real de São Filipe em Cabo Verde, sendo a obra concluída pelo arquilecto Leonardo Torriani, após a sua morte.

A fortaleza é composta por uma planta irregular poligonal adaptada ao terreno, em estrela de seis pontas, com seis baluartes, acentuada no declive sobre o mar, protegida por uma segunda linha amuralhada no lado Norte. O seu espaço interior é ocupado pela Casa do Governador e demais edifícios militares, actualmente a fortaleza foi reconvertida em uma pousada após um grande incêndio em 1868, tendo destruído praticamente todo o seu interior.

3.3.3. DESCRIÇÃO

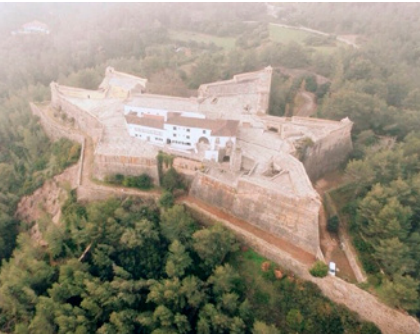


Fig.135



Fig.136



Fig.137

Fig.134- Imagem acervo do autor | google earth, 2018  
Fig.135, 136- Fonte: [https://www.tripadvisor.pt/Attraction\\_Review-g189163-d7032950-Reviews-Fort\\_of\\_Sao\\_Filipe-Setubal\\_Setubal\\_District\\_Alentejo.html#photos:geo=189163&detail=7032950&aggregation](https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g189163-d7032950-Reviews-Fort_of_Sao_Filipe-Setubal_Setubal_District_Alentejo.html#photos:geo=189163&detail=7032950&aggregation)  
Fig.137- Fonte: <https://portugalvirtual.pt/pousadas/setubal/pt/>  
Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Forte\\_de\\_S%C3%A3o\\_Filipe\\_de\\_Set%C3%BAbal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Forte_de_S%C3%A3o_Filipe_de_Set%C3%BAbal)



A APROXIMAÇÃO À FORTALEZA

Antes de chegarmos à Ribeira Grande de Santiago, actual Cidade Velha como é hoje conhecida, existe uma sinalização indicando o caminho para a Achada Forte, onde se encontra a fortaleza. A estrada encontra-se em mau estado, necessitando uma requalificação da mesma. Ao chegar na Achada Forte, podemos também observar uma outra estrada, numa cota superior da actual estrada que liga a cidade da Praia à cidade Velha, esta foi a primeira estrada que ligava as duas localidades. Esta estrada encontra-se actualmente totalmente desativada, donde ao longo do percurso se tem uma relação visual com os restantes sistemas defensivos da cidade.

OS MATERIAIS E AS TECNICAS CONSTRUTIVAS

No que diz respeito aos materiais construtivos utilizados na fortaleza, o monumento é feito com muros de pedras locais, decorada nos vértices, cantarias, portais e lintéis em pedras brancas trazidas de Portugal e argamassa de terra, a argamassa de terra apesar da sua força não suportara os impactos dos canhões e isso fez com a estrutura fosse reforçada com argamassas feitas com argila e cal.<sup>38</sup> Segundo Penã, a “terra, que depois se forrava de fábrica ou lenha miúda, tratando-se de um processo barato e rápido, (...) embora fosse necessário que se assentasse a terra antes de revesti-la, por vezes os revestimentos faziam-se de ladrilho, onde existia o material necessário faziam-se de toba ou tufo, pedras vulcânicas de pouco peso que absorviam bem os impactos da artilharia, e que se revestiam depois de pedra e cal ou ladrilho. (...) As terraplanagens deveriam fazer-se de terra e lenha miúda ou de areia como em Cadiz”.<sup>38</sup> As guaritas são feitas em pedra basáltica com coberturas em telha tipo marselha, em estrutura de madeira.

Para a escolha do sistema construtivo, dependia-se de vários factores, como o custo, o prazo de execução, a natureza de recursos, os materiais de ligação, as técnicas construtivas, entre outros. Embora não houvesse critérios a partida que definissem de imediato a melhor solução a adotar, a geográfica parecia ser o factor mais determinativo.

O modelo proposto ao rei, era uma construção económica, uma vez que a fortificação se adivinhava com poucas ações defensivas e ofensivas. Tinha de ser uma estrutura que permitisse a defesa tanto por mar, como por terra. Os pontos mais vulneráveis, seriam defendidas através da construção de baluartes de vigilância.

“O modelo que envio a Vossa Majestade dos fortes e baluartes, poder-se-á fazer com muito pouco custo, porque se podem fazer com pedra tosca e sua argamassa, sem que se façam de cantaria lavrada, porque não há porquê a tenham, porque não hão de ser batidas de nenhuma parte, senão para defender as suas portas; e fazer-se hão de com facilidade porque há abundância de pedra, e com isto me parece estará a ilha segura, porque ela em si é áspera e forte”.<sup>39</sup>

Os muros foram feitos utilizando a técnica “*Opus incertum*”, que é uma técnica de construção da Roma antiga, faziam as paredes de forma angulosa, feitas em duas folhas (uma no interior e outra no exterior) e preenchidas utilizando pequenos blocos piramidais de tufo<sup>40</sup> que eram colocados no interior da parede e que resultava uma superfície que não tinha nenhum padrão regular.

38- PENÃ, 2000:95  
39- BRÁSIO, 1958:95  
40- Tufo – é designação comum dada a um vasto conjunto de rochas caracterizadas pela sua baixa densidade, reduzindo consistência intergranular que se traduz na presença de grãos (ou partículas de qualquer natureza) facilmente desagregáveis.



Fig.138

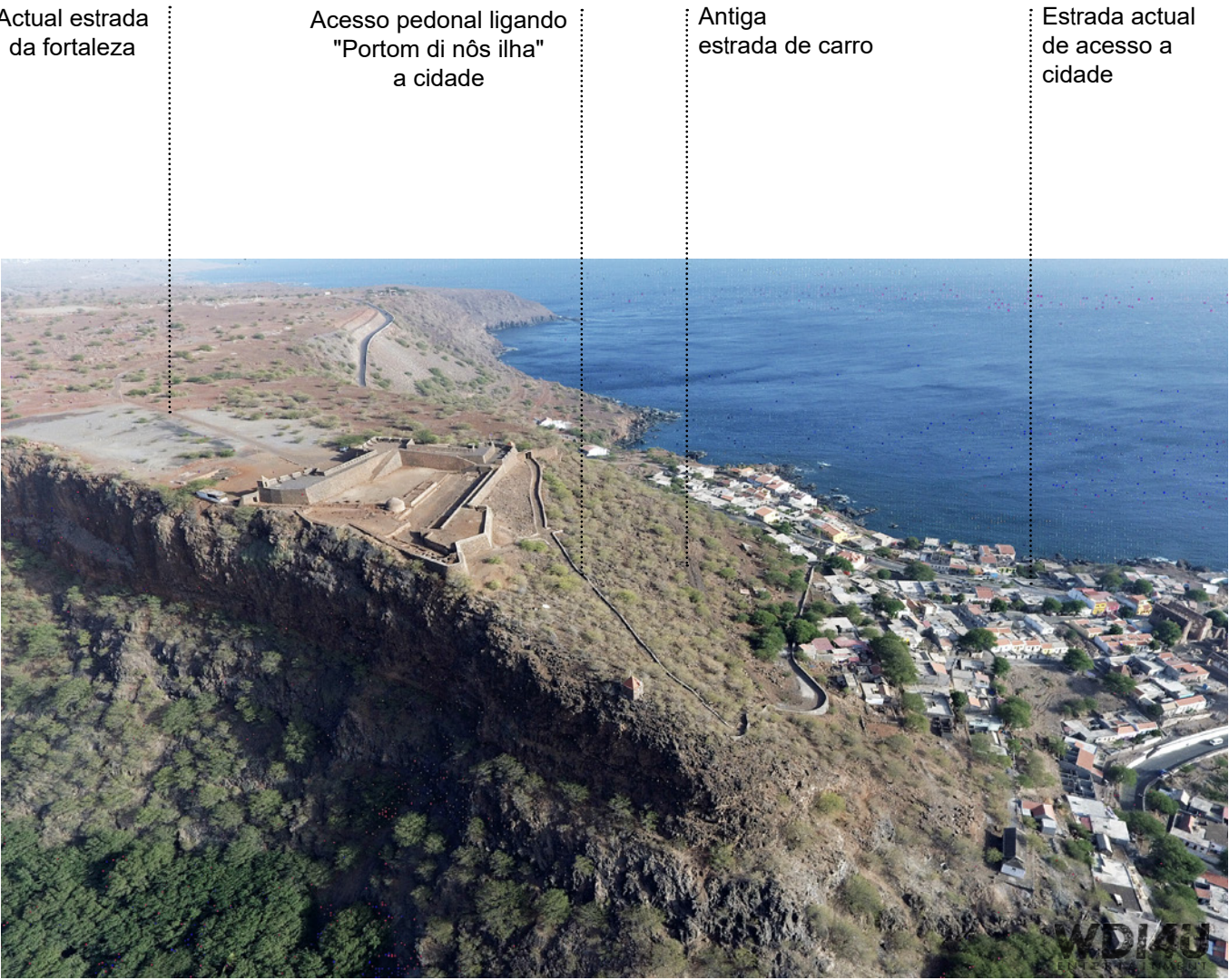


Fig.139

Fig.138- Vista da cidade de Ribeira Grande| Ano: século XIX - 1864 | Autor: Travassos Valdez | Fonte: IPC  
Fig.139- Imagem acervo do autor, produzido em conjunto com a equipa WDI4U.



FORMA E ACESSO

A fortaleza com a sua forma abaluartada ou trapezoidal, adaptada ao terreno é constituída por duas fachadas voltadas à campanha e duas frentes muralhadas com parapeitos de tiro, voltadas à cidade. A fachada norte é a mais alta e é a fachada de defesa terrestre, a fachada sul é a mais baixa com a vista para o mar e para a cidade. As muralhas em aparelho de pedra *opus incertum*, um baluarte ao centro, voltado a nascente, e dois meios-baluartes com orelhões nos extremos opostos das cortinas.

As duas portas de acesso, uma a sudoeste que no passado era a porta principal, encontrando-se hoje fechada ao público e a outra que se localiza no nordeste localizado na traseira da fortaleza é hoje a actual entrada principal, que de acordo com Penã, “a porta poderia funcionar como saída de socorro no caso de tomada da fortaleza a partir da fachada sul voltada à cidade”.<sup>41</sup> A antiga porta da Cidade “Porton di nós ilha” que mais tarde serviu de inspiração ao famoso grupo musical “Os Tubarões”, localiza-se ao sudeste no lado oposto à antiga porta principal da fortaleza.



Alçado Norte e a actual porta de entrada da fortaleza

Fig.140



Alçado Leste e o "Porton di nós ilha"

Fig.141

41- PENÃ, 2000:123  
Figs. 140 e 141- Fotografia acervo do autor, 2018.



Alçado Sul, à direita o "Portom di nós ilha" e a esquerda a antiga entrada principal da fortaleza.

Fig.142

INTERIOR

A fortaleza é constituída por um conjunto de estruturas que com o passar do tempo, foram desaparecendo, mas ainda hoje, conserva no seu interior, vestígios que favorecem a leitura geral do conjunto. Apesar de alguns esforços por parte dos gestores da fortaleza, na manutenção e conservação, tais métodos adotados ainda são ineficientes na proteção e valorização, visto que alguns muros da fortaleza se encontram em constante deterioramento pela ação dos agentes naturais.

Segundo PENÃ, “em 1718 as casas da Fortaleza de São Filipe, leia-se, desde aos armazéns de vitualhas e pólvora, aquartelamento, calabouços, casa do governador e capela de São Gonçalo, encontravam-se arruinadas”<sup>42</sup>. Devido as dificuldades do uso do porto, a perda do monopólio do comércio de escravos e o da capitalidade da Praia, fez com que houvesse a perca de receitas e o abandono da população e consequentemente ruína generalizada da fortaleza e da cidade.

Conforme PENÃ, segundo o autor, citando também Augusto Barros, “tinha esta fortaleza dois baluartes completos a Este e Oeste; e a Norte e a Sul, meios baluartes. Duas portas davam acesso a estas, devendo-se considerar principal a do Oeste, que dava saída para a cidade por uma ladeira de acentuado declive. Próxima ao meio baluarte do Sul encontrava-se a residência do capitão geral e fronteira a esta, a ermida de São Gonçalo. A meio da praça abria-se uma boa cisterna e munições de guerra. A oeste da residência do capitão geral e no mesmo alinhamento ficavam os quartéis da guarnição, calabouços e corpo de guarda. Pelo norte e oeste a fortaleza fechava-se com um muro de 480 palmos de altura, muro este sustentado sobre uma rocha que domina a cidade. Estava guarnecida com 9 peças de calibre 18”<sup>43</sup>.

Segundo o relatório das escavações arqueológicas realizadas em Maio e Junho de 1999 na fortaleza Real de São Filipe da antiga Ribeira Grande de Santiago, actual Cidade Velha, graças ao acordo entre a Agência Espanhola de Cooperação Internacional e o Ministério da Cultura da República de Cabo Verde para a consolidação e reabilitação da fortaleza, apesar, ao longo dos anos da fortaleza ter sofrido várias intervenções, algumas por falta de cumprimento das normas da carta de Veneza ou da carta de Atenas, levando à adulteração de alguns espaços no interior da fortaleza como a escadaria e as telhas nas guaritas. Embora essas escavações tenham sido realizadas, algumas até com ausência de documentos e a escassez de dados, segundo Penã, o “trabalho de investigação na Fortaleza Real de São Filipe viu-se condicionado pela escassez de fontes contemporâneas que classificassem a sua organização interna e, em especial, pelas actuações anteriores que transformaram os elementos arquitectónicos, dificultando a sua compreensão na actualidade”.<sup>44</sup>

42- PENÃ, 2000:96  
43- PENÃ, 2000:97  
44- PENÃ, 2000:135  
Fig.142- Fotografia acervo do autor, 2018.



Conforme o relatório, a fortaleza é descrita da seguinte forma:

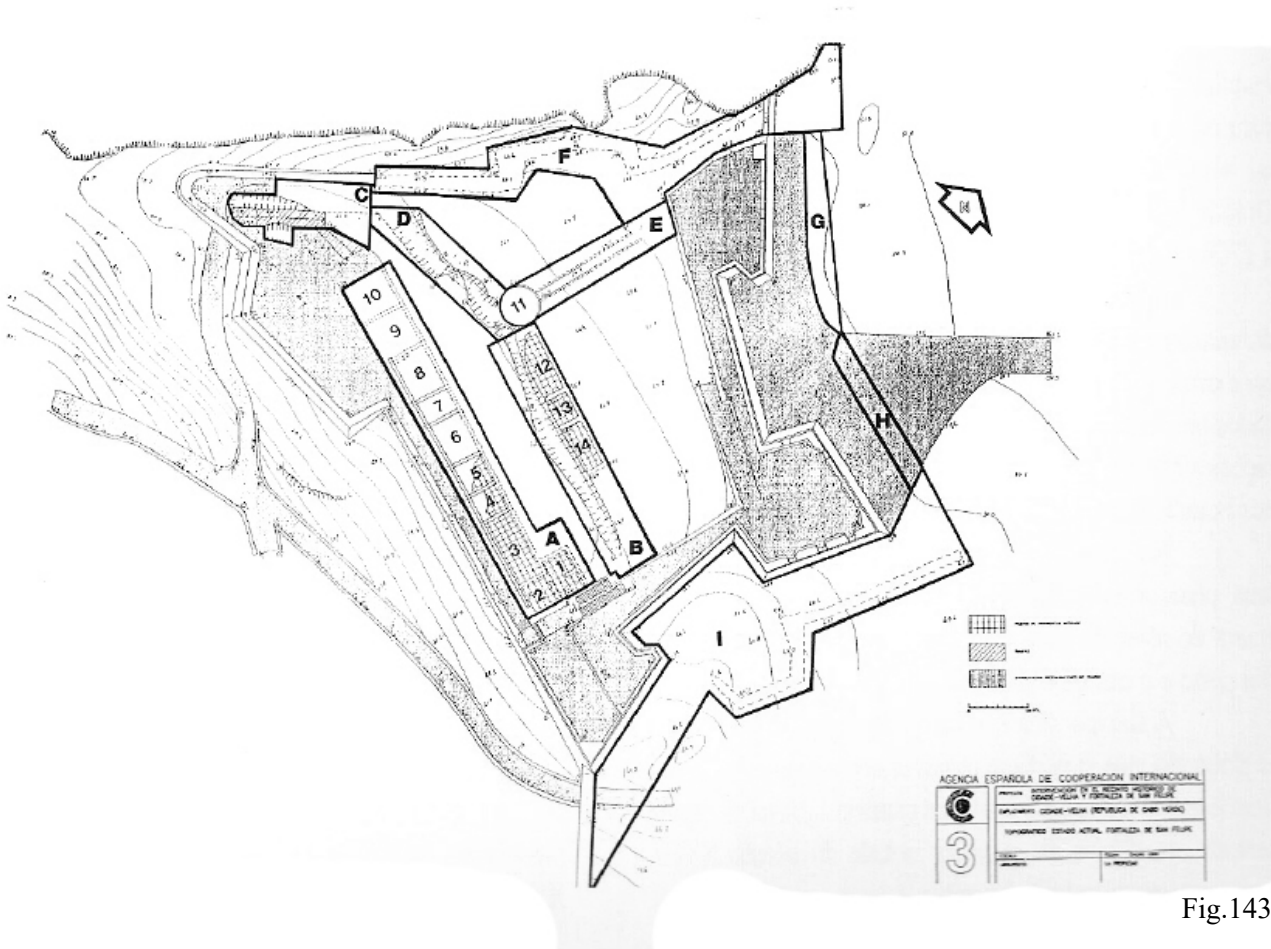


Fig.143

LEGENDA:

- Áreas A – Capela de São Gonçalo, Casa do Governador e recintos de 1 a 10.
- Áreas B – Paíóis com recintos de 12 a 14.
- Áreas C – Porta Sudoeste e Plataforma 0
- Áreas D – O terraço central
- Áreas E – Cisterna e Canal de captação da água, com recinto 11
- Áreas F – Corredor norte e muralha noroeste
- Áreas Externas – G, H e I, falsa Braga ou Barbacã, ante muro que protege a fortaleza por terra.

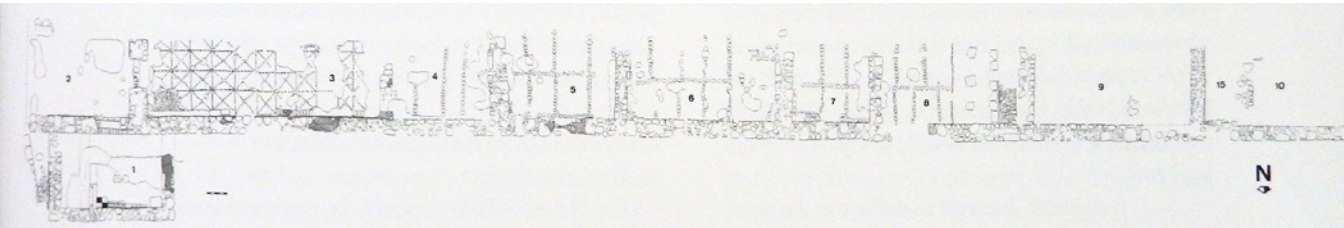


Fig.144

Fig.143- Planta da escavação - Fonte: Ares e Gutiérrez, 2000:134  
Fig. 144- Recintos da área A - Fonte: Ares e Gutiérrez, 2000:135

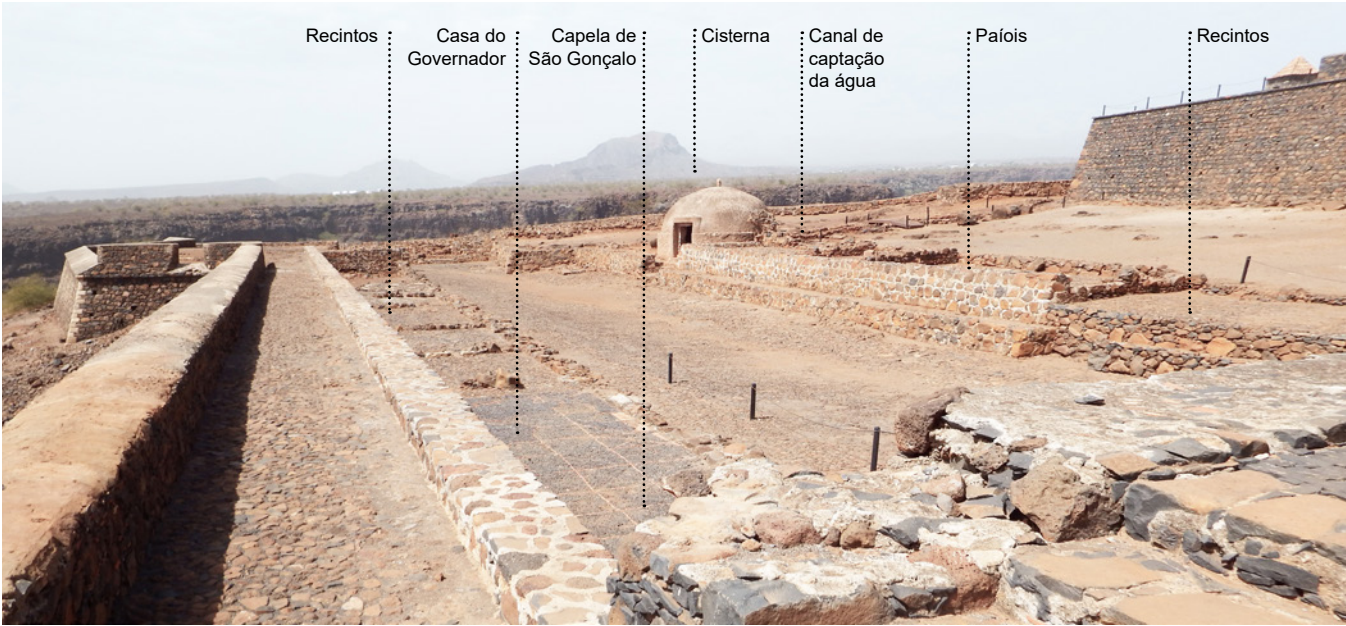


Fig.145

Segundo o artigo dos arqueólogos espanhóis Ares e Gutiérrez, de 1999, que procuraram fazer uma breve incursão sobre as escavações arqueológicas realizadas na Fortaleza Real de São Filipe, com o apoio da Agência Espanhola de Cooperação Internacional acordado ao Ministério da Cultura de Cabo Verde e publicado no livro Cabo Verde -Fortalezas, gente e paisagem, pág. 134, o trabalho de investigação na Fortaleza Real de São Filipe “viu-se condicionado pela escassez de fontes contemporâneas que classificassem a sua organização interna e, em especial, pelas actuações anteriores que transformaram os elementos arquitectónicos, dificultando a sua compreensão na actualidade. Na restauração efectuada nos anos sessenta parece ter havido um certo exagero... na medida em que ficaram praticamente eliminados os sinais da antiguidade dos baluartes e cavaleiros... Esta afirmação é corroborada ao comprovar que, segundo os planos do século XVIII, alguns dos elementos mais destacados da fortaleza foram eliminados ou reconstruídos sem respeitar a estrutura preexistente”.

Nos anos de 1992 a 1996, uma equipa de arqueólogos cabo-verdianos trabalhou na fortaleza, descobrindo pavimentos e divisões e realizaram limpezas de cascalho e pedras. Sendo assim, segundo os espanhóis Ares e Gutiérrez, a descrição da fortaleza foi feita por áreas e recintos. Começando pela Área A – Capela São Gonçalo, Casa do Governador e Quartéis. “A sul da área A, um muro reconstruído em finais dos anos sessenta separa as divisões da plataforma sul de defesa. Os seus cimentos rompem os solos de quase todas as divisões, impedindo conhecer a configuração original do seu lado sul. A este, o muro de fecho, embora reconstruído, conserva restos originais.

Ao iniciarem-se os nossos trabalhos distinguiram-se dez recintos, seis com solos empedrados descobertos a meados dos noventa. Naquele momento realizou-se uma reconstrução hipotética do fecho sul com um muro de 35 cm de altura. Pelos restos originais do arranque de um muro reconstruído, que se conservam no ângulo sudeste da área, eramos que o fecho das divisões localizava-se 40cm. A escavação descobriu a existência de um empedrado a norte das divisões, realizado com pequenas fortalezas. Alguns dos muros foram construídos sobre o empedrado, escavando neste um fosso de fundação, sendo outros anteriores, e nalguns casos contemporâneos. Paralela aos muros do lado norte dos recintos 2,3,4 e 5, um fosso recente, de 25 por 1.20 metros cortou o empedrado e o muro oeste da Capela de São Gonçalo.

A este da Capela de São Gonçalo, um alinhamento de pedras sobressai sob os restos originais do fecho por este lado. A sua posição relativa revela uma cronologia anterior à construção do fecho este, pelo que podemos considerar que são os restos mais antigos localizados no interior da fortaleza. A sua função e cronologia ficaram em suspenso, ao não se levantar o empedrado em busca da sua continuidade.

Fig.145- Fotografia acervo do autor, 2018.



#### Recinto 1: A Capela de São Gonçalo

A sua função é conhecida através de documentos do século XVIII. Tem comunicação directa, com a sul a casa do governador e indícios de um vão perdido a oeste. Ao estarem os muros da capela encostados aos desta última, conclui-se da sua construção posterior.

Tem forma rectangular de 5.10 por 3.65 metros, e uma superfície de 18.5 m<sup>2</sup>. Como é comum nestes edifícios a cabeceira orientou-se a este. Nela estaria situado um pequeno altar, protegido por um gradeamento e portas de madeira de dupla folha como mostra a base de calcário sobre o solo. O acesso ao altar far-se-ia pelo sul, embora a vala que corta o empedrado tenha eliminado qualquer evidência. Abaixo do nível superficial, de barro vermelho comum a todas as divisões e posterior aos trabalhos de escavações de 1996, descobriu-se um nível de argamassa de cal que cobria quase toda a divisão, preparação de um solo de ladrilhos, que nela deixaram a sua marca. A face interior do muro norte conserva restos de uma demão de cal.

#### Recinto 2: Divisão da Casa do Governador

Seguindo os planos citados, era uma das quatro divisões da Casa do Governador (recinto 2,3,4 e 5), possivelmente o quarto. Assim o parece indicar a comunicação directa com a Capela de São Gonçalo. Quase quadrado, tem 5.40 por 5.50 metros, e uma superfície próxima aos 30m<sup>2</sup>. A norte partilha o vão com a Capela de São Gonçalo e a oeste com o recinto 3. Na ombreira norte, uma laje rectangular rodeada de ladrilhos, foi parcialmente coberta por reconstruções posteriores, tal como na ombreira oeste, da qual apenas se conservam quatros ladrilhos fragmentados.

Descobriu-se um nível de preparação de solo em morteiro de cal, no qual também se distinguiam as marcas dos ladrilhos, observando-se a sua disposição original. A sua construção, contemporânea à das ombreiras, implicou a elevação do nível do solo e a reforma das divisões à sua volta. Sem serem os materiais determinantes, e com base no plano de 1778, associamo-lo à reconstrução realizada pelo governador de Cabo Verde Bartolomeu de Sousa e Brito Tigre, por volta de 1764.

Sob esta preparação, parcialmente levantada a sul, aparecia solo rebocado com cal, fino e alisado, cortado por um fosso de cronologia recente a sudeste. Foi parcialmente descoberto respeitando-se os restos do nível superior. Assimilável à primeira ocupação do recinto, poder-se-ia supor o uso continuado desde finais do século XVI até ao assalto de 1712.

O surgir de cavidade para postes indica o seu reaproveitamento, possivelmente já no século XX. Nos paramentos interiores dos muros não reconstruídos, conservam-se restos de uma demão de cal de superfície alisada e fina, visível do exterior, com uma altura máxima conservada de 45 cm.

#### Recinto 3: Casa do Governador, a grande sala

Destaca-se pelas suas dimensões e o empedrado que cobre o seu solo. Corresponderia a uma área de representação da casa na qual se levariam a cabo as tarefas de carácter mais oficial. É rectangular com 11.4 por 4 metros, ocupando 45.6 m<sup>2</sup>. Tem dois vãos, a este e oeste.

O solo, à base de cantos rodados de basalto, está decorado com fragmentos de telha e ladrilho que o compartimentam em quadrados, divididos por sua vez em triângulos pelas suas diagonais, com o mesmo tipo de decoração. Cortado a sul e ao centro, está muito degradado junto às portas. A sua realização substituiu o solo primitivo de ladrilho. Junto ao muro norte, um alinhamento de ladrilhos, e a marca de outros, apoia sobre uma preparação de argamassa, restos de um solo anterior. Sob o solo de cantos rodados, outro empedrado de pedras talhadas de basalto serviu de base à preparação de argamassa de cal.

#### Recinto 5: o vestíbulo da Casa do Governador

A sua posição indica que se trata de um vestíbulo utilizado principalmente como zona de passagem. Tem forma quadrada de quatro metros de altura ocupando 16 m<sup>2</sup>. Do exterior acedia-se pelo norte, após subir um degrau sobre o qual se localizava-se a ombreira hoje desaparecida. Posteriormente virava-se à esquerda para entrar no recinto 4. O solo é continuação do empedrado do pátio da fortaleza. O muro oeste foi construído posteriormente ao solo empedrado.

#### Recinto 6: Quartel

Não forma parte da Casa do Governador, constituindo uma unidade de divisão independente. Na sua parte oeste encontram-se os vestígios de outro recinto do qual não se tinha notícia, um pequeno aposento, talvez o quarto de uma pessoa relevante. Este recinto, de 3 por 2.20 m, apenas foi delimitado, embora possa conservar restos interessantes. O recinto 6 tem uma forma rectangular alargada de 7.30 por 3.60 metros, ocupando 26.2 m<sup>2</sup>. O seu único acesso exterior localizava-se sobre o muro norte, embora deva ter existido outro no ângulo sudoeste comunicando com o pequeno recinto do lado oeste. O seu solo empedrado é anterior ao muro este que o corta e posterior ao norte, sendo continuação do empedrado exterior.

#### Recinto 7: Divisão de quartel

Já em ruínas em 1770, não era independente, tendo um único vão, no seu lado oeste, que o comunica com o recinto 8. Possivelmente seria um quarto semelhante ao da Casa do Governador. Tem forma quase quadrada de 4 por 3.80 metros, ocupando 15.2m<sup>2</sup>. O solo, continuação do da divisão contígua, tem um leito de cal junto ao muro oeste que originalmente devia ocupar toda a divisão. O solo encosta-se ao muro este, mas o oeste foi construído sobre este.

#### Recinto 8: Quartel

Com forma rectangular de 6.20 por 4.40 metros e 27.2m<sup>2</sup>. Tem vão a este e a norte. Completamente empedrado formava uma unidade de divisão com o recinto 7. A oeste existe uma pequena elevação, também empedrada, com dois alinhamentos de lajes. A primeira é composta por três lajes quadradas de calcário. A segunda por seis de basalto e calcário, que parecem ter sido recolocadas, pelo que não têm grande fiabilidade. A oeste existe um pequeno corredor empedrado reconstruído.

#### Recinto 9: Quartel

Tem forma rectangular de 7.20 por 3.80 metros, ocupando 27.3m<sup>2</sup>. A sua relação com os recintos adjacentes é difícil de esclarecer, pois não conta com vão conhecidos, que se deveriam situar junto à parte sul nos seus lados este ou oeste. Pode ter tido função doméstica, ou servido de calabouço. No solo realizou-se uma limpeza superficial.

#### Recinto 10: Quartel-cozinha

Tem uma forma ligeiramente rectangular de 4.60 por 3.80 metros, ocupando 17.5m<sup>2</sup>. foi seleccionada para a sua completa escavação, ao considerar-se que permitiria conhecer a sequência estratigráfica desta zona de jazida. A sua localização lateral e a presença de uma lareira poderia indicar o seu uso como cozinha. A sul escavou-se um fosso moderno relacionado com a reconstrução do muro sul. Levantaram-se os escombros dos muros da divisão, sob os quais apareceram, em especial a a norte e a oeste, os restos de argamassa de cal que cobria os seus lanços. No lado oeste apareceu uma lareira, de 100 por 84 cm, e abaixo dela um nível de cinza. O solo era de terra com uma preparação de terra e pedras pequenas. A este, um pequeno muro delimita um pequeno recinto interior que não aparece nas planimetrias antigas, o qual recebeu um novo número de recinto: 15.



Recinto 4: O primeiro aposento

É outra divisão da Casa do Governador, numa zona de passagem para as zonas nobres da casa, funcionaria como ante-sala do recinto 3. Tem forma quadrada de quatro metros de lado, ocupando 16m<sup>2</sup>. O seu solo, empedrado, é continuação do que cobre o pátio da fortaleza. A oeste tem uma ombreira feita sobre o muro com dois blocos rectangulares de calcário de Cabo Verde com sulcos quadrados para os gonzos. A este existe outro vão. O fosso de fundação do muro oeste rompe o empedrado da divisão.

Recinto 15: Vestíbulo

Era uma zona de passagem, um vestíbulo, entre o pátio de armas e o recinto 10. Tem uma forma rectangular de 3 metros por 154 cm, ocupando 4.5 m<sup>2</sup>. A norte conserva-se uma ombreira feita de pedras pequenas e argamassa de cal que comunica com o exterior. Da ombreira do lado sul quase não há restos, aparecendo junto a este uma lareira posterior à sua destruição. O seu solo foi realizado com terra calcada. Sobre o solo, apareceu uma moeda de cinco reis de Pedro II de Portugal datada de 1699.

Área B: Os paióis

Localizados na parte central da Fortaleza Real de São Filipe, a sua situação prévia era de completa ruína. Distinguiam-se claramente três recintos, reconhecíveis nas planimetrias antigas. Os restos do muro foram relevados com pedra e cascalho a meados dos noventa.

A parte reconstruída foi levantada, aparecendo as ombreiras feitas com silhares de calcário, com os sulcos dos gonzos que abriam, para o seu interior, as suas duas folhas. Localizaram-se os restos do muro sul, comprovando-se que se apoia em parte sobre a rocha. A sul descobriu-se parcialmente o empedrado do pátio de armas na parte lateral dos recintos. A norte apareceu outro empedrado que se estende naquele sentido. Pode-se deduzir que o nível do solo foi reincrementado, provavelmente por problemas de estabilidade dos muros internos.

A existência de alinhamentos de pedra a este, indica a presença de outros recintos não delimitados, preservando-os para futuras investigações.

Recinto 12: Paiol

A sua função como paiol assinalada nas planimetrias antigas é confirmada pela presença de balas de mosquete no seu interior. Tem forma rectangular de 9.75 por 4 metros ocupando uma superfície de 39m<sup>2</sup>. O solo é composto por pequenas pedras de basalto, conservando nos seus muros norte e oeste restos de um morteiro de cal.

Recinto 13: Paiol

O recinto, quase quadrado, tem laterais de 4.5 metros ocupando um pouco mais 20m<sup>2</sup>. A sua função seria a mesma da do recinto anterior, aparecendo materiais similares. A sua única ombreira situa-se a norte, tendo o mesmo tipo de solo do recinto anterior. O muro este, a sul sob o solo, está sulcado, indicando a existência provável de níveis de solo anteriores.

Recinto 14: Armazém

De forma rectangular com 8.3 por 4.2 metros, ocupa cerca de 35m<sup>2</sup>. Não conserva restos de vãos, o que se pode explicar pela função assignada pela documentação do século XVIII almazén de boca (despensa). Existe a possibilidade de que o acesso fosse elevado ou se realizasse por escadas de madeira para dificultar a entrada dos roedores. O solo, semelhante aos contíguos, está uns dez metros mais abaixo do destes.

Área C: Porta SO e Plataforma 0

Está separada da área F por uma mudança de altitude proporcionada por um terraço artificial, descoberto na escavação, que se prolonga por toda a área D.

Junto à porta principal acumulavam-se abundantes escombros, encontrando-se a muralha perimetral oculta, excepto no lado SO, que foi reconstruído nos anos sessenta, sobre restos originais. Descobriu-se o corredor da entrada e delimitaram-se várias estruturas sobre a plataforma oeste que o domina, das quais não se tinham referências. Paralelamente ao muro exterior, um corredor elevado com degraus permitia a subida à muralha.

Nesta zona descobriram-se três estruturas quadradas, que possivelmente pertenciam ao corpo de guarda indicado no plano de 1770. No ângulo noroeste descobriram-se os restos de um muro indicado no plano de 1778 (mas não no anterior).

A plataforma a oeste do corredor liga-se à rampa inferior por um degrau de silhares. Realizou-se uma sondagem para o descobrir, na qual apareceu um enchimento artificial de escombros, evidência de que o nível do solo foi elevado, realizando-se uma nova superfície num momento posterior.

As escavações demostram a existência de uma rampa empedrada que ascendia desde a porta até ao interior da fortaleza, contactando com o empedrado junto aos quartéis. Junto à porta, uma reconstrução do solo eleva o nível original, tendo conservado debaixo de si o solo mais antigo. Na porta, descobriu-se a ombreira, feito com silhares de calcário, tendo aparecido num dos seus ângulos um dos gonzos talhado sobre o calcário.

Área D: O terraço central

Nesta área procurou-se a linha perdida do muro (presente nos planos antigos), situado entre a cisterna e a área C. a escavação descobriu-o em toda a sua extensão para a sua consolidação. Trata-se de um terraço para conter a terra do nível superior, com apenas um paramento externo, delimitando duas alturas no interior da fortaleza. Conserva nalguns tramos uma altura de 1.5 metros. Descobriu-se um nível de telhas ao pé do muro, a oeste da área D, posterior ao solo empedrado, restos da destruição dos telhados de edifícios situados na zona. Não foi levantado.

Área E: Cisterna e Canal de captação

A cisterna tem um diâmetro de 6.5 metros e o canal uma longitude conservada de 23 metros e uma largura de 2.5 metros. A escada do interior da cisterna tinha levantados os seus degraus de calcário, embora se diferenciasssem dos patamares. O interior estava coberto de escombros, destacando-se fragmentos de carta com o cabeçalho: São Vicente 20 de Agosto de 1969, o que nos oferece uma data post quem para estes escombros. Sob estes aparecia barro vermelho, produto de uma lenta sedimentação.

Numa sondagem descobriu-se parcialmente um solo muito bem conservado de tijolo com sulcos de cal e na escada apareceu o último degrau na sua posição original, o único que se conservou. Procedeu-se ao descobrimento da totalidade do solo de ladrilho.

O canal de captação e a cisterna estão unidos por uma balsa de decantação utilizada para depurar a água. A escavação demonstrou a veracidade dos planos do século XVIII que mostravam o canal dirigindo-se para a porta norte, embora no corredor de entrada o canal tenha sido apenas talhado na rocha.

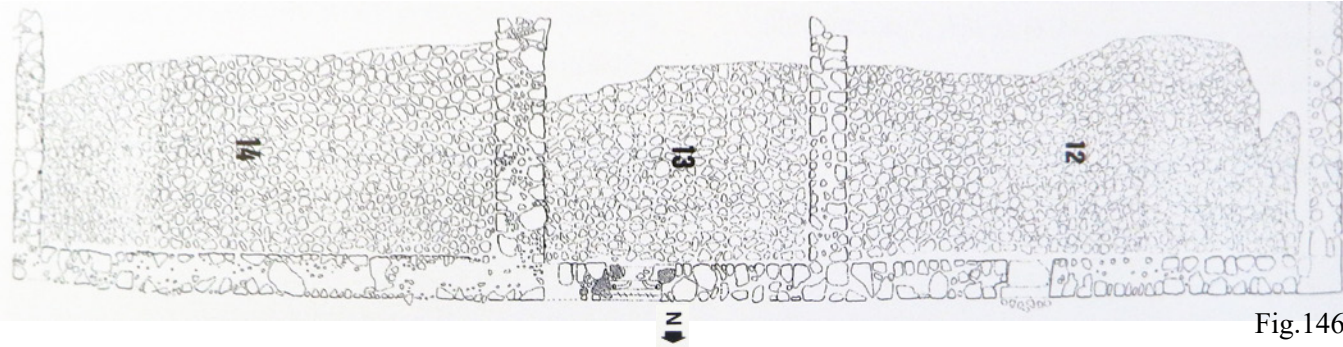


Fig.146

Fig.146- Planta de paióis e armazém - Fonte: Ares e Gutiérrez, 2000:143



Consideramos que o canal formava parte de um sistema de captação de águas pluviais do corredor noroeste e, certamente, do baluarte contíguo. Um morteiro de cal recobria as suas paredes, não conservado no solo excepto na balsa de decantação. Os restos indicam que o canal terminava antes de chegar à porta norte, contrariamente ao indicado nos planos de 1770 e 1778. Tal é evidente ao comprovar que a ombreira (na área F) se apoia directamente sobre a rocha natural do terreno.

Nas laterais do canal apareceram amplos níveis de cinza, não escavados, associáveis de modo hipotético ao ataque de Jaques Cassard (1712).

Entre a cisterna e os paióis detectou-se um empedrado, que desde o degrau situado frente à porta da cisterna (representado nos planos antigos), ascende rodeando-as por este até contactar com o que se localiza a norte da área B.

Área F: Corredor norte e muralha noroeste

Nesta zona conseguiu-se a delimitação completa do traçado da muralha perimetral, detectando-se uma reconstrução da sua face interna, o que realçou o bastião do lado oeste que, embora coberto de escombros, se podia distinguir tanto nos planos como no terreno. Na porta norte descobriram-se restos da ombreira em calcário autóctone. O nível de solo original encontrava-se elevado sobre o actual, sem se poderem estabelecer as suas características.

Áreas Externas: O antemuro

A realização de sondagens arqueológicas nas áreas exteriores pretendia localizar os restos do antemuro ou falsa braga que aparecia assinalado nas planimetrias do século XVIII.

A extracção de pedra para a construção gerou abundantes fossos que danificaram seriamente os restos. A reconstrução dos anos sessenta deixou abundantes entulheiras que tiveram que ser despejadas.

A oeste descobriram-se cinco metros do lanço externo do antemuro, sendo impossível localizar os restos do traçado do muro pelo seu intenso deterioro. A sul o antemuro estava cortado, como mostravam as planimetrias do século XVIII, e foi descoberto na sua totalidade. A representação de um bastião triangular. A sul nos planos do século XVIII não tem correspondência com os restos exumados, já que o bastião descoberto conta com quatro lados.”



Fig.147

Fig. 147- Imagem do livro, Cabo Verde - Fortalezas, gente e paisagem,2000:148

### 3.3.4. INTERPRETAÇÃO



A aproximação à Fortaleza

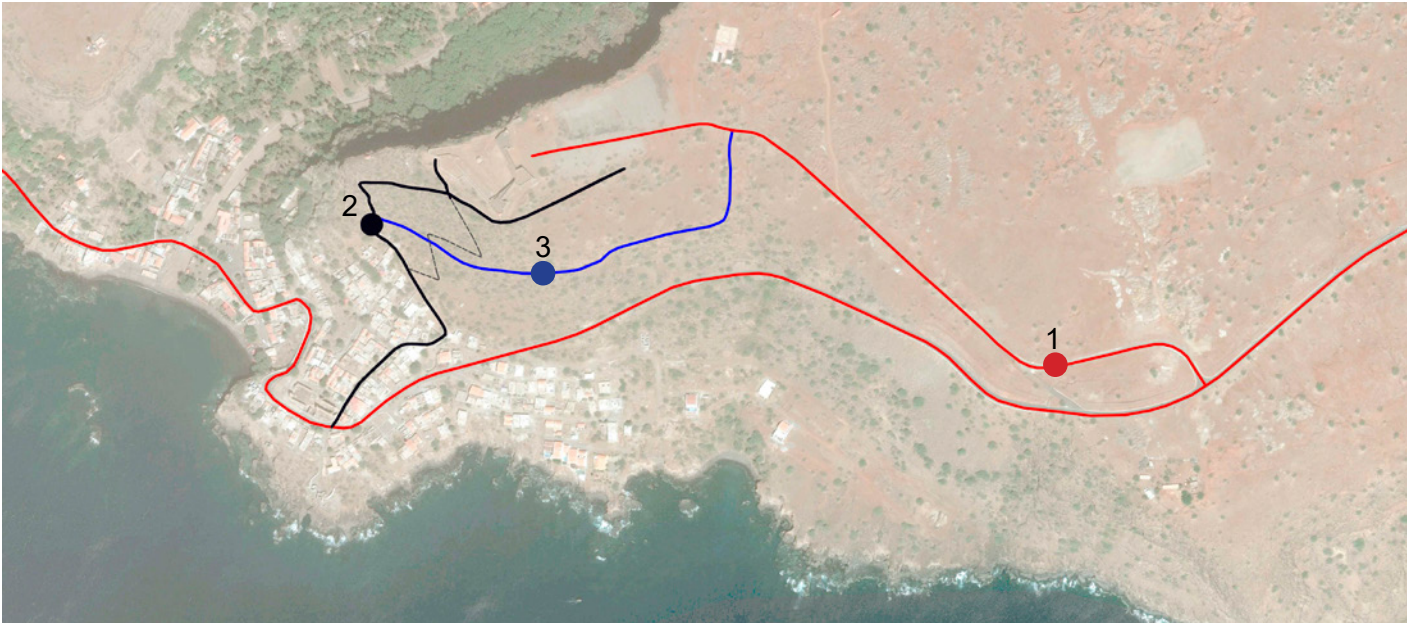


Fig.148

Ao caminhar para as proximidades da fortaleza, há que percorrer uma estrada calçetada em muito mau estado, parte do troço dessa estrada pertence a primeira linha de ligação entre a cidade da Praia e a Ribeira Grande (Cidade Velha), hoje interrompida. A antiga estrada separar-se em dois caminhos. Um caminho pedonal que liga ao “Porton di nós ilha” e posteriormente a porta principal da fortaleza, localizada a sul. E o outro uma estrada para veículos, localizado a uma cota inferior, hoje desativada.

Numa cota inferior existe um grande largo, ponto de encontro entre as duas estradas da fortaleza de onde se tem uma vista abrangente da cidade.



Fig.149



Fig.150



Fig.151



Fig.152



Fig.153



Fig.154

Fig.148- Identificação dos diferentes caminhos existentes | Imagem acervo do autor.  
Figs.149, 150, 151, 152, 153 e 154- Fotografias da estrada pedonal da fortaleza | Imagens acervo do autor.



1- Estrada actual que liga a cidade da Praia com a Ribeira Grande (Cidade Velha) | Fig. 155



2- Largo / Miradoura da Fortaleza Real de São Filipe | Fig. 156



3- Em cima a antiga estrada Principal | Em baixo a estrada actual | Fig. 157

Legenda:

- Estrada pedonal
  - Antiga estrada principal
  - Estrada actual
  - Caminho desaparecido com o tempo, desenhada a partir da planta de 1778.
- Figs. 155, 156 e 157- Fotografia acervo do autor.



A Planta e os baluartes da fortaleza



Fig.158

Apesar de existirem várias plantas arquitectónicas da fortaleza, para o presente trabalho escolheu-se como referência, o do século XVI, de António Andreas, que é apresentada no mesmo, até então reconhecida como a planta mais antiga e completa da fortaleza.

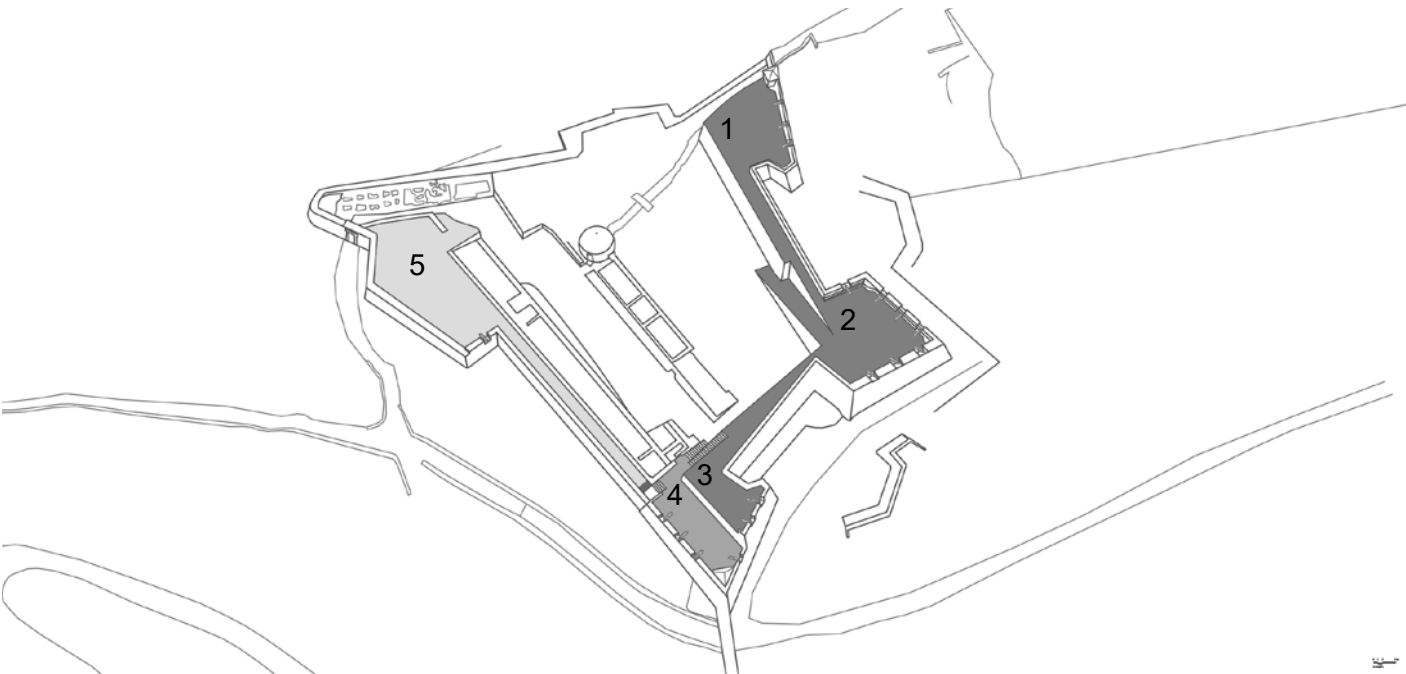
Ao analisar as plantas da fortaleza, é possível identificar que estas variam umas das outras. A falta de documentação da fortaleza dificulta a sua compreensão no geral.

No que diz respeito às obras de recuperação da fortaleza feitas na década de sessenta, levantam-se algumas dúvidas no rigor da intervenção. Pois, em alguns pontos da fortaleza é possível identificar os vestígios dos muros que fazem o antigo limite da fortaleza que não foram respeitados, mencionados em “Fortaleza, gente e paisagem, pag:134”, onde o autor descreve a possibilidade de ter havido um certo exagero na intervenção. As canhoelras foram reconstruídas na década de sessenta, diferentemente do traçado original, apresentando actualmente ângulos de 90 graus.



Fig.159

Fig.158- Imagem acervo do autor, produzido em conjunto com a equipa WDI4U.  
Fig.159- Baluarte norte | Fotografia acervo do autor.



Planta da fortaleza com a identificação dos baluartes | Fig. 160



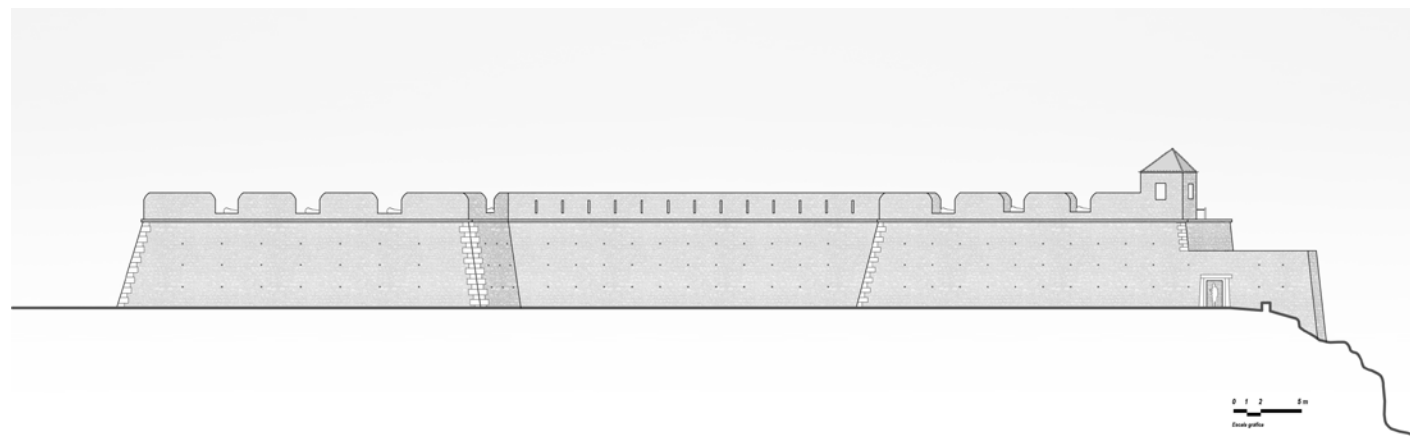
Baluarte leste| Fig. 161



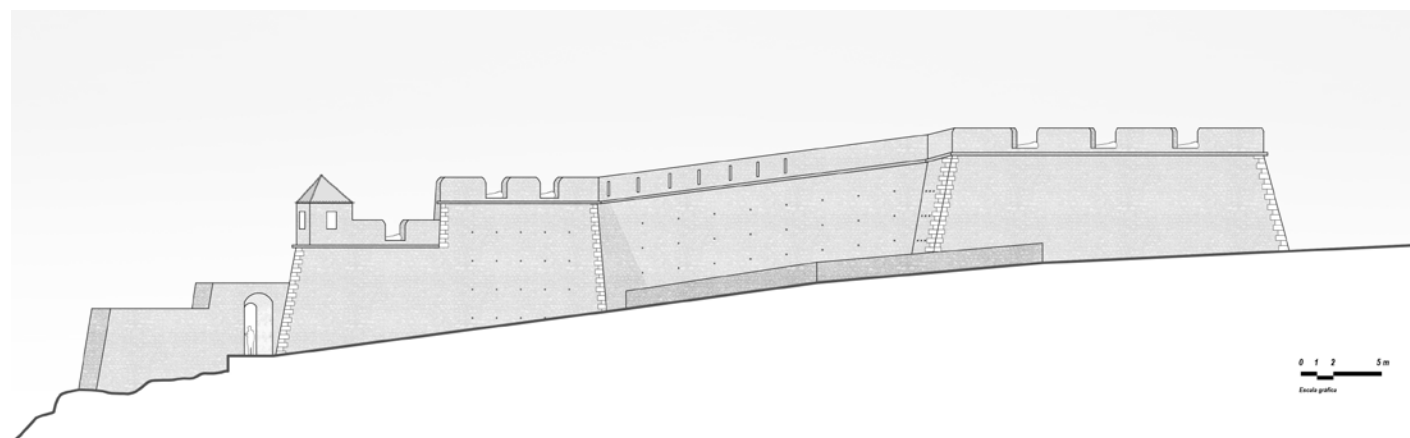
Baluarte sul | Fig. 162

- Legenda:
- 1- Meio baluarte do Norte
  - 2- Baluarte de São Gonçalo (Leste)
  - 3- Cavaleiro do meio baluarte Sul
  - 4- Meio baluarte do Sul
  - 5- Baluarte de São Bento (Oeste)
- Fig.160- Desenho acervo do autor  
Figs.161 e 162- Fotografias acervo do autor.

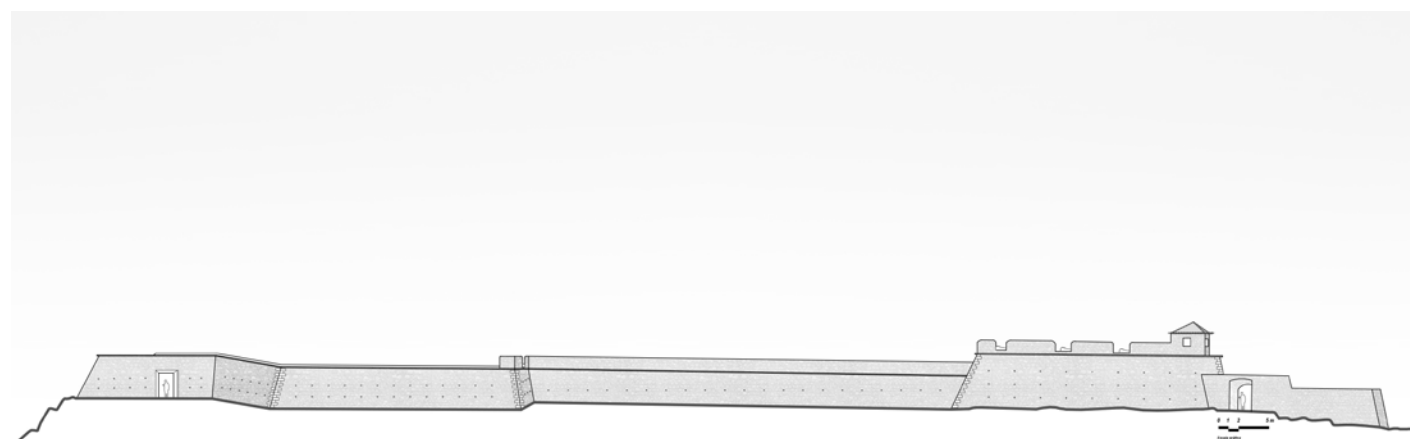




Alçado Norte | Fig. 163



Alçado Leste | Fig. 164



Alçado Sul | Fig. 165

Fig.163, 164 e 165- Desenhos acervo do autor, utilizando as bases do arquitecto Luís Benavente ano 1969. Os desenhos foram actualizados de acordo com o estado actual da fortaleza Real de São Filipe. Em anexo encontram-se os desenhos de Luís Benavente.

## Interior da fortaleza



Fig.166

Pouco sobrou da fortaleza, além das rampas e escada, o único edificado que chegou aos dias de hoje é a cisterna, ainda com o seu traçado original. Também existem duas guaritas, reconstruídas na década de sessenta.

De acordo com as leituras feitas nas cartas antigas, no lado sul da fortaleza na antiga porta principal que ligava a cidade, poderia ter existido uma guarita, como será demonstrado mais adiante.

Também é possível diferenciar nas paredes interna e externa da fortaleza, as épocas das intervenções feitas. Mais propriamente as décadas de sessenta e oitenta.



Fig.167

Fig.166- Fotografia de reconstrução abstrata do interior da fortaleza (Maquete, escala 1/200) feita pelo Ministério da Cultura de Cabo Verde em colaboração com agencia Espanhola de Cooperação Internacional.  
Fig.167- Fotografia acervo do autor, 2018.





Fig.168



Fig.169



Fig.170

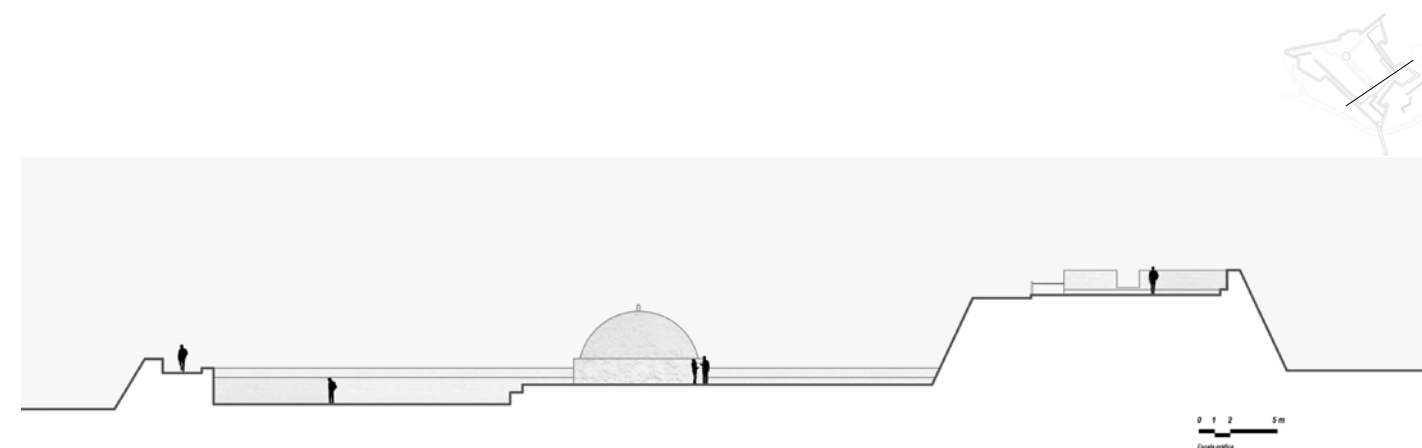


Fig.171

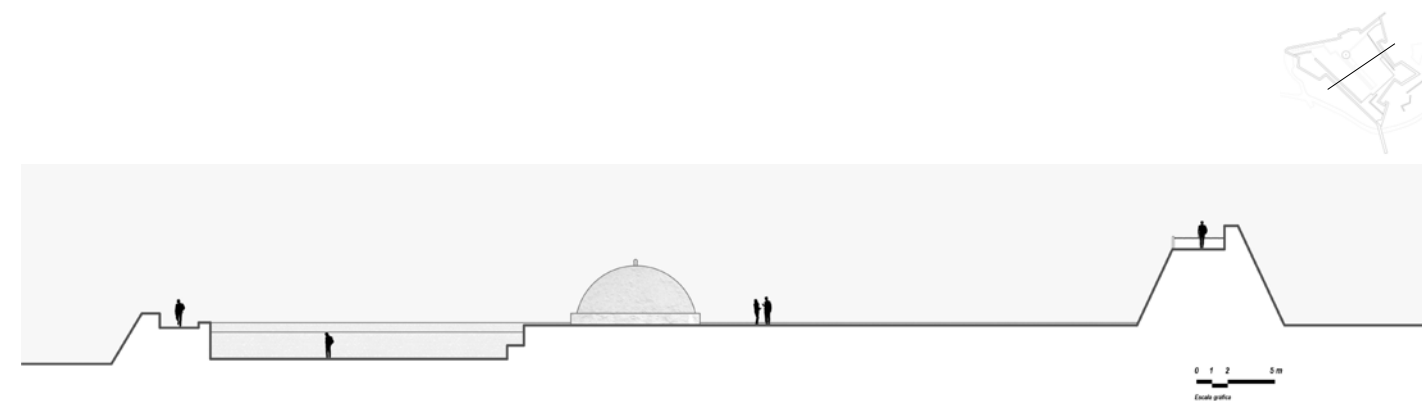


Fig.172

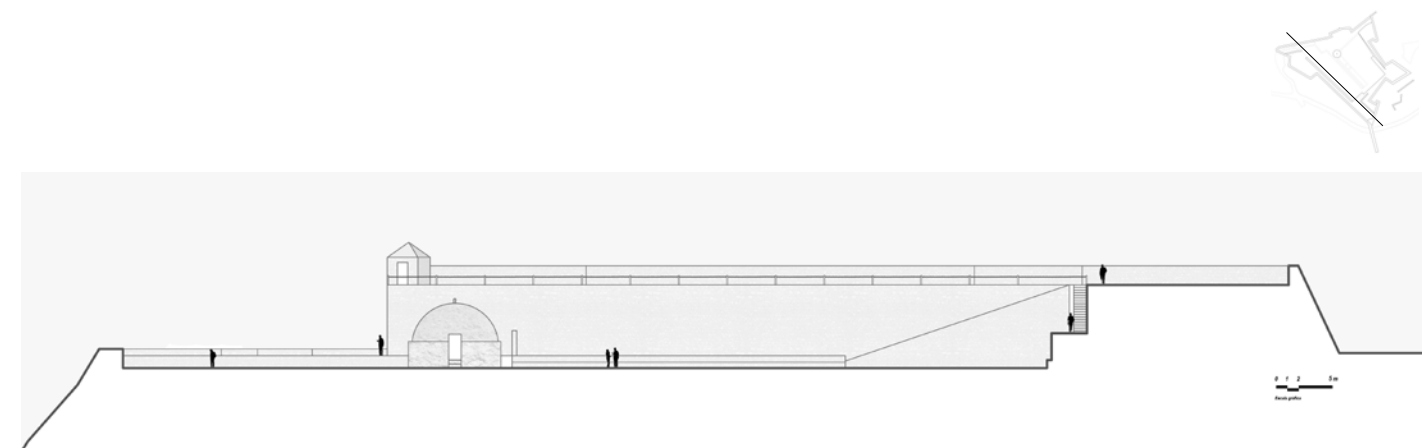
Figs.168, 169, 170, 171 e 172- Fotografias acervo do autor, 2018.



Corte transversal | Fig. 173



Corte transversal | Fig. 174



Corte Longitudinal | Fig. 175

Figs.173, 174 e 175- Desenhos acervo do autor, 2018.



Cisterna



Fig.176

A cisterna tem um diâmetro de 6.5 metros e uma altura máxima no seu interior de 6.87 metros. A entrada da água na cisterna é feita por um canal até a abertura, a boca da cisterna é um quadrado com 50 centímetros e fica a 43 centímetros acima do solo. Essa altura permite a filtração da água antes de entrar na cisterna, acumulando na sua base resto de detritos arrastados pela água e posteriormente a água é escoada para o interior da cisterna. A cisterna é a única estrutura da fortaleza que resistiu ao tempo, chegando aos dias de hoje, nos anos de sessenta e oitenta teve obras de recuperação, na aplicação de uma argamassa de cal e posteriormente pintada com uma mistura aquosa de argila.

No seu interior o pavimento original ainda se encontra em boas condições, onde foi colocada uma estrutura de madeira por cima do pavimento, na tentativa de preservar o pavimento da cisterna, encontrando-se, porém, muito danificado. A escada original, foi protegida, através da colocação de uma nova estrutura em madeira facilitado assim o acesso a cisterna e preservando a estrutura inicial.



Fig.177



Fig.178



Fig.179



Fig.180



Fig.181



Fig.182

Figs.176, 177, 178, 179, 180, 181 e 182- Fotografias acervo do autor, 2018.



Obra de recuperação da cisterna

Fig.183

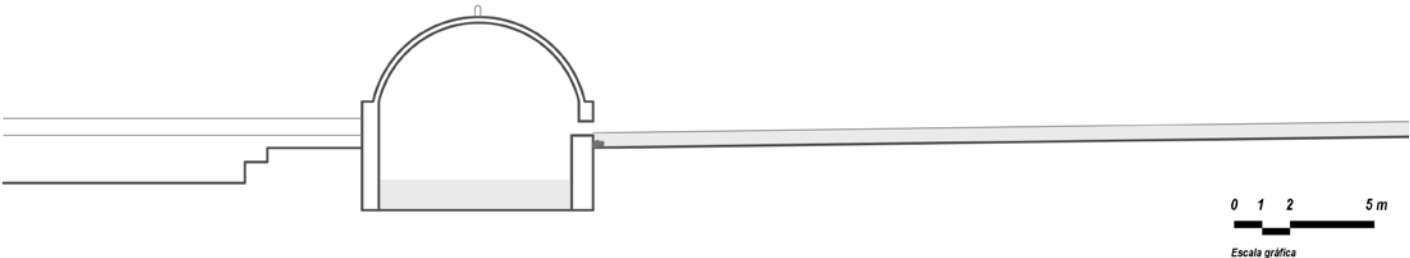


Escada original da cisterna

Fig.184



Recuperação do canal e boca da água | Fig.185



Esquema da entrada da água na cisterna

Fig.186

Figs.183, 184 e 185- Imagens do livro Fortaleza, gente e paisagem.  
Fig. 186- Desenho acervo do autor



As Guaritas

As pequenas torres erguidas nos baluartes da fortaleza, que serviam de vigia e proteção da sentinela, nos anos de sessenta encontravam-se totalmente destruídas. As duas torres, tiveram obras de recuperação na década de sessenta, mas essas obras sugerem algumas questões nos métodos de reconstrução utilizados. Como por exemplo, as suas coberturas são feitas por telhas de barro suportadas por uma estrutura de madeira, o que não é comum numa fortaleza, como e citado pelos arquitectos Delgado e Spencer, emitido no relatório de 1987.

A guarita localizada junto a porta norte, têm como dimensões, 3.79 metros de altura e 2.37 metros de largura e a porta com a altura de 2 metros. É possível da pequena torre avistar a ribeira, a muralha e o posto de vigia localizado a oeste da fortaleza.

A guarita localizada a leste da fortaleza, junto ao portão da cidade ou “Porton di nós ilha”, têm como dimensões, 3.85 metros de altura e 3.56 metros de largura e a porta com a altura de 1.84 metros. Desta pequena torre é possível ver a cidade de Ribeira Grande e o mar.

As duas guaritas existentes na fortaleza, são pontos de vigias e estão localizadas ambas nas portas da fortaleza. A porta principal da fortaleza é a única em que não existe uma guarita, o que levanta algumas dúvidas na estrutura actual existente. Em algumas cartas antigas, a porta principal da fortaleza é representada por uma guarita de vigia, como se pode visualizar na imagem panorâmica de Duplessis, ano 1699 e na planta de António Andreas, ano 1778.

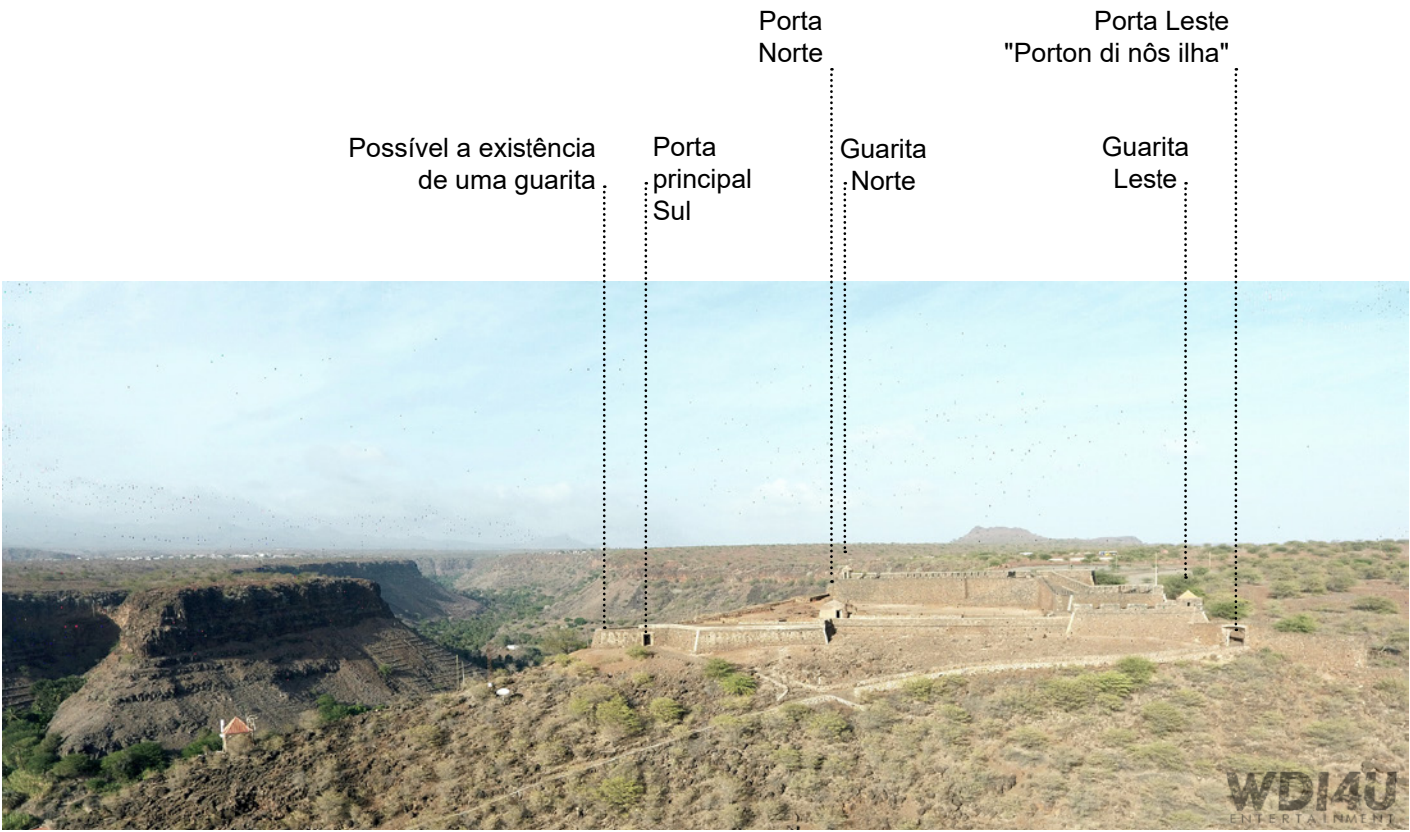


Fig.187

Fig.187- Imagem acervo do autor, produzido juntamente com a equipa WDI4U.



Guarita junto a porta Norte Fig.188



Guarita lado Leste junto ao "Porton" Fig.189



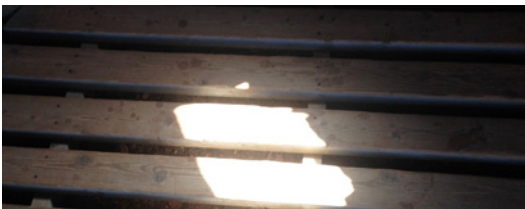
Guarita junto a porta Norte - interior Fig.190



Guarita lado Leste - interior Fig.191



Guarita junto a porta Norte - interior Fig.192



Guarita lado Leste - interior Fig.193



Panorâmica de Duplessis, ano 1699 Fig.194



Planta de António Andreas, ano 1778 | Fig.195

Figs.188, 189, 190, 191, 192 e 193- Fotografias acervo do autor, 2018.

○ - Possível a existência de uma guarita na entrada principal da fortaleza

Figs.194 e 195- Imagens fonte: IPC



As Portas

O acesso a fortaleza é feito por duas portas. Uma localiza-se no lado sul: a antiga porta principal, que fica na direção à cidade, encontrando-se actualmente fechada por um gradeamento; e a segunda porta que fica no lado norte da fortaleza “nas traseiras” é usada hoje como porta principal.

Ao entramos na porta sul, antiga porta principal, existe um pequeno degrau de 18 centímetros, a porta tem 2.5 metros de altura por 2 metros de largura, ao contrário da porta sul que têm como dimensões 2 metros de altura por 1.10 de largura.

Tanto na porta norte, antiga porta principal, como na porta sul é visível a utilização da pedra calcaria na sua construção, as pedras foram trazidas de Portugal já que entrementes ainda não existia a extração da pedra calcária na ilha do Maio.

No lado leste da fortaleza, existe a porta da cidade, como é conhecida por “Porton di nôs Ilha”, que significa portão da nossa ilha, essa porta tem 3.30 metros de altura por 2.46 metros de largura, foi restaurada na década de sessenta e serviu de inspiração para o grupo musical os Tubarões cujo vocalista era o falecido cantor Ildo Lobo.



Fig.196



Fig.197



Fig.198

Figs.196, 197 e 198-Imagem acervo do autor, 2018  
Fig.196- Porta Sul, antiga porta principal  
Fig.197- Porta Norte, actualmente utilizada como a porta principal da fortaleza  
Fig.198- Porta Leste, Porta da cidade "Porton di nôs ilha"

Os Pavimentos

No que diz respeito aos pavimentos, verifica-se o calcetamento dos baluartes com a pedra basáltica, extraídos nas proximidades da fortaleza.

No espaço onde se situava a antiga casa do governador, foram utilizados calhaus trazidos da praia. Nos demais espaços da fortaleza não existem quaisquer outras pavimentações, apenas uma grande quantidade de terra castanha, que com a chuva permite o crescimento de alguma vegetação, como se pode verificar na figura abaixo. Segundo o responsável da fortaleza, na época das chuvas obriga a um intenso trabalho de limpeza e manutenção.



Fig.199



Fig.200



Fig.201



Fig.202

Figs.199, 200 e 201-Imagens acervo do autor.  
Fig.202- Imagem fonte: Inypsa,1999.



# As Paredes

Tanto no exterior como no interior, é possível identificar os locais onde a fortaleza foi restaurada. Porque a parede está dividida por diferentes estereotomias, a parede feita antes da década de sessenta, é feita pela colocação de pedras não aparelhadas colocadas por fiadas horizontais, diferentes das pedras colocadas depois do restauro.

Segundo o relatório "Ribeira Grande - Primeira cidade fundada por portugueses no ultramar" pag.16, "Discorda-se apenas da opinião do citado professor da Academia Militar quanto a natureza das alvenarias, porquanto, por exame atente, no local, às muralhas da fortaleza, se verifica serem estas formadas por núcleo, ou alma, de pedra com ligante de barro, e as alvenarias que encostam, ou se encastram, no referido núcleo central, e de ambos os lados, serem efectivamente de pedra disposta em fiadas horizontais separadas por fiadas de pedra muito mais pequena, também horizontais, sendo toda a pedra ligada entre si por argamassas de cal e não de barro".

Conforme as análises feitas no sítio, as paredes foram construídas, utilizando a técnica de construção de duas paredes grossas e paralelas, seguidamente preenchidas por gravilhas e outras rochas de pequenas dimensões ligadas entre si por argamassas de terra e cal, de modo a assegurarem maiores resistências aos impactos dos projecteis.

As paredes restauradas depois da década de sessenta, foram construídas em pedra basalto, em fiadas horizontais de grandes dimensões, separadas por fiadas de pedras muito finas, também horizontais.

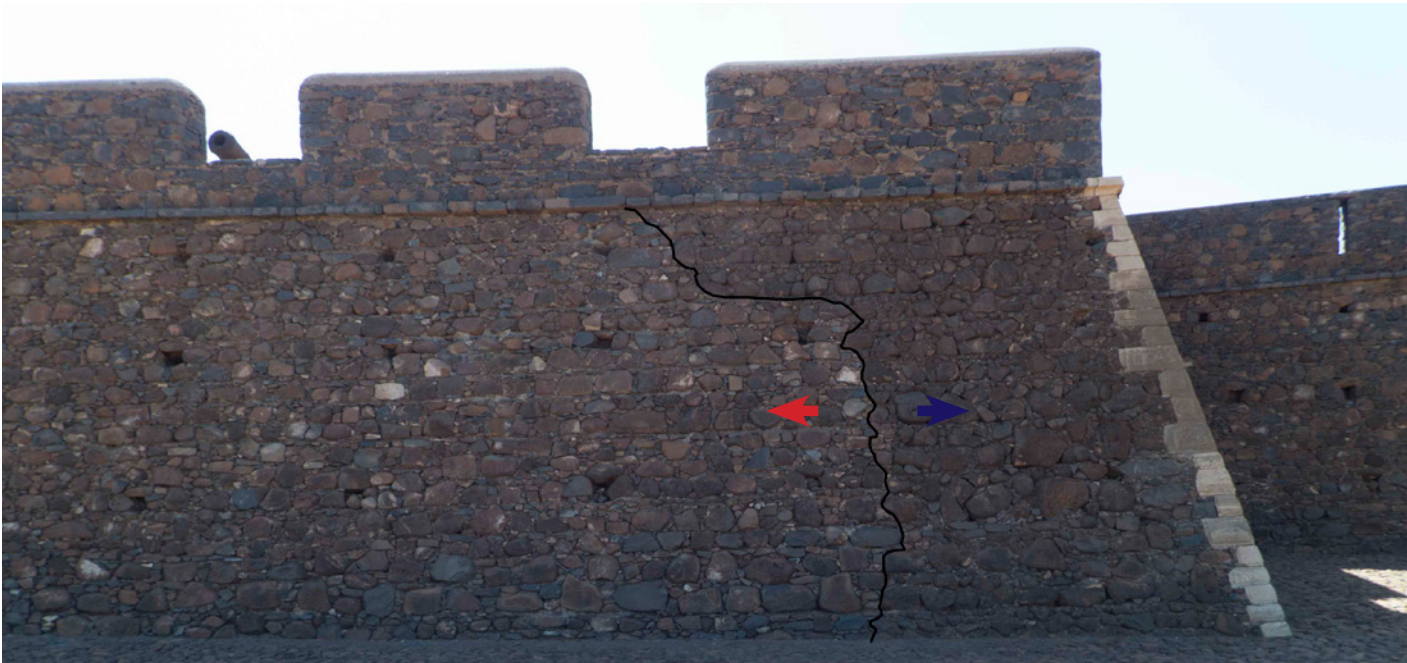


Fig.203

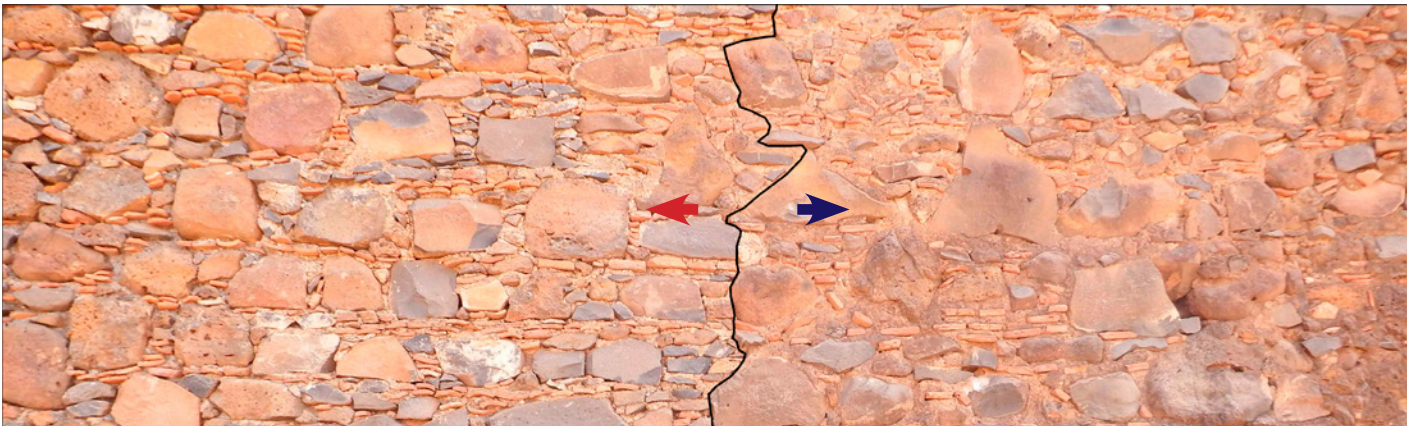


Fig.204



Fig.205

Fig.203 e 204- Fotografias acervo do autor, 2018.  
→ Parede antes da década de 60  
→ Parede restaurada

Fig.205- Fotografias acervo do autor, 2018.



Análise da planta e o Estado actual da Fortaleza

Com a análise feita no sítio, surgem algumas dúvidas do estado actual da fortaleza com os desenhos do engenheiro António Carlos Andreis feitos em 1778. A escada que dá acesso ao meio baluarte do sul, o recorte no terreno existente junto à cisterna, a rampa de acesso ao baluarte junto a porta sul, porta principal, a existência de vestígios de muros e diferentes configurações de muros na fortaleza, são pormenores não representados nos desenhos de Andreis.

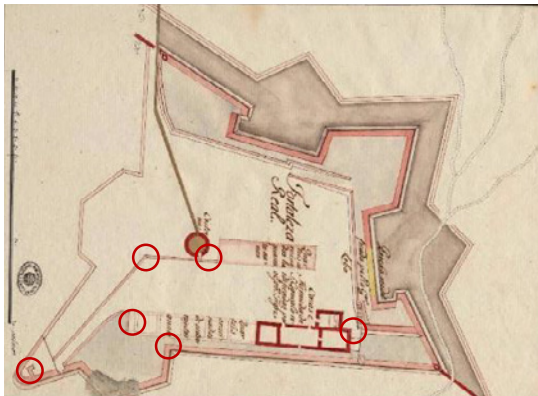


Fig.206



Fig.207



Fig.208



Fig.209



Fig.210



Fig.211

3.3.5. SITUAÇÃO ACTUAL

Figs.206-Planta da fortaleza Real de São Filipe | Autor: Engenheiro António Carlos Andreis | Ribeira Grande na Ilha de Santiago | Cabo Verde | Ano: 1778 | AHU | - Incertezas  
Figs.207- Imagem acervo do autor, produzido juntamente com a equipa WDI4U. | - Incertezas  
Figs.208, 209, 210 e 211-Imagem acervo do autor, 2018



Antes de 1960



"Porton di nós ilha", antes da intervenção

Ano: 2018



Depois da intervenção



Vista do outro lado do "Porton di nós ilha"



Depois da intervenção



Detalhe da porta, antes da intervenção



Depois da intervenção

Todas as fotografias referentes ao ano 2018, foram feitas pelo autor.  
Fotografias antigas, fonte: Relatório "Ribeira Grande - Primeira cidade fundada por portugueses no ultramar"

Antes de 1960



Interior da fortaleza, antes da intervenção

Ano: 2018



Depois da intervenção



escadaria interior, antes da intervenção



Depois da intervenção



Alçado sul, antes da intervenção



Depois da intervenção

Todas as fotografias referentes ao ano 2018, foram feitas pelo autor.  
Fotografias antigas fonte: Relatório "Ribeira Grande - Primeira cidade fundada por portugueses no ultramar"





Alçado norte, antes da intervenção



Depois da intervenção



Baluarte oeste, antes da intervenção



Depois da intervenção



Promenores, antes da intervenção



Depois da intervenção

Antes de 1960



Vista para Este, ante da intervenção



Rampa interior, antes da intervenção



Visão do baluarte, antes d intervenção



Visão da porta norte, antes da intervenção

Ano: 2018



Depois da intervenção



Depois da intervenção



Depois da intervenção



Depois da intervenção

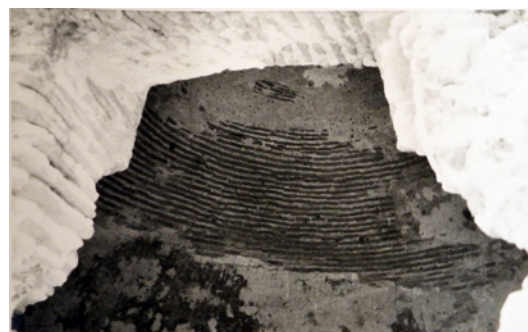
Todas as fotografias referentes ao ano 2018, foram feitas pelo autor.  
Fotografias antigas fonte: Relatório "Ribeira Grande - Primeira cidade fundada por portugueses no ultramar"

Todas as fotografias referentes ao ano 2018, foram feitas pelo autor.  
Fotografias antigas fonte: Relatório "Ribeira Grande - Primeira cidade fundada por portugueses no ultramar"



Antes de 1960

Ano: 2018



Cisterna interior, antes da intervenção



Depois da intervenção



Porta sul, antes da intervenção



Depois da intervenção



Baluarte oeste, antes da intervenção



Depois da intervenção

Todas as fotografias referentes ao ano 2018, foram feitas pelo autor.  
Fotografias antigas fonte: Relatório "Ribeira Grande - Primeira cidade fundada por portugueses no ultramar"

Antes de 1960

Ano: 2018



Interior da fortaleza, antes da intervenção



Depois da intervenção



Porta principal, antes da intervenção



Depois da intervenção



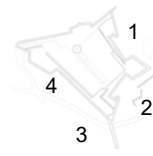
Baluarte nordeste, antes da intervenção



Depois da intervenção

Todas as fotografias referentes ao ano 2018, foram feitas pelo autor.  
Fotografias antigas fonte: Relatório "Ribeira Grande - Primeira cidade fundada por portugueses no ultramar"





1

Fig.212



2

Fig.213



3

Fig.214



4

Fig.215

Figs. 212, 213, 214 e 215- Fotografias acervo do autor, 2018.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS





Fig.216

O trabalho investigativo, teve como principal objectivo a compreensão da arquitectura militar de Cabo Verde, “as fortificações”, e a sua relação com as malhas urbanas nas diferentes ilhas, onde existe uma intensa relação, pois assumiram importantes papéis de defesa das cidades. O foco principal direccionou-se para a Fortaleza Real de São Filipe, localizada na Ribeira Grande de Santiago, actual Cidade Velha, classificada Património Mundial da Humanidade em 2009 pela UNESCO.

No que diz respeito a arquitectura militar, às fortificações, verificou-se o total abandono dessas estruturas e a sua integração com o tecido urbano, tornados em espaços sem funções e utilidades para a sociedade. No decorrer da investigação surgiram alguns obstáculos, como a falta de documentações e as impossibilidades de deslocação para as diferentes ilhas do arquipélago, com o objectivo de fazer um levantamento rigoroso dessas estruturas. Esses obstáculos serviram de motivações, pois apesar da escassez de documentação que retratam essas estruturas e os poucos trabalhos investigativos realizados acerca do tema, criou-se uma base de dados para futuras investigações. A intensa relação entre Cabo Verde e Portugal é marcada não só pela história e pela colonização, mas também pela herança arquitetónica deixada. Prova que, existe uma intensa relação entre o nome, a forma, a localização e o arquitecto responsável na construção da Fortaleza Real de São Filipe com as demais fortificações Filipinas construídas na Dinastia Filipina.

Referentemente a futuras projeções da Fortaleza há que salientar que antes de quaisquer intensões de projecto será necessário um intenso trabalho de arqueologia de modo a clarificar e compreender todo o conjunto arquitectónico. O projecto consiste na transformação da fortaleza Real de São Filipe em um “Centro de Interpretação Cultural e de Reconhecimento Territorial” integrando nele, todo o conjunto do sistema defensivo da cidade velha em diferentes pontos de observação da paisagem. A pequena construção localizada no lado norte da fortaleza, porta traseira, actual centro de interpretação, funcionaria como espaço de apoio a fortaleza já que a estrutura é composta por uma pequena loja de vendas de artesanatos, duas casas de banhos adaptáveis aos deficientes e um pequeno bar. O acesso pedonal que liga a fortaleza à cidade requiere requalificação de modo a reforçar melhor as suas relações e aproximação, fazendo que a fortaleza seja integrada com a vida da cidade. Quaisquer programas implementados na fortaleza, têm de ter como principal objectivo, fazer com que o espaço dê lucros. A fortaleza Real de São Filipe, carece de um programa, não continuando a ser apenas uma “escultura” para a cidade e apenas servindo de visitas turísticas, porque um espaço sem função potencia a sua degradação.

Cabo Verde carece de um intenso trabalho arqueológico, a fim de compreender melhor essas estruturas militares, as fortificações, de modo a criar uma base de dados credível para futuras intervenções arquitectónicas, tendo sempre a preocupação do salvaguarde patrimonial histórico, arquitectónico e cultural. *“Há que parar o martelo que mutila a face do país. Uma lei bastaria. Que se faça. Quaisquer que sejam os direitos da propriedade, a destruição de um edifício histórico não deve ser permitida.”*<sup>45</sup>

45- Choay, 2000, p. 127 | Fig. 216- Imagem acervo do autor, produzido em conjunto com a equipa WDI4U.

## BIBLIOGRAFIA



AARQUITECTURA MILITAR NA EXPANSÃO PORTUGUESA, (1994).

ALBUQUERQUE, Luís de (1990), Dúvidas e Certezas na História dos Descobrimentos Portugueses. Lisboa, Vega, Lda.

ALBUQUERQUE, Luís de (2000), O Descobrimento das Ilhas de Cabo Verde, in História Geral de Cabo Verde, Vol. I. Instituto de Investigação Científica Tropical – Lisboa e Direcção do Património Cultural de Cabo Verde.

ALBUQUERQUE, Luís de (1999), “As ilhas que estavam lá...”, Oceanos, nº5, Lisboa.

ALBUQUERQUE, Luís, (1990), Dúvidas e Certezas na Historia dos Descobrimentos Portugueses. Lisboa, Vega, Lda.

ANDRADE, Elisa S., (1996), As ilas de Cabo Verde, da “Descoberta” à Independência Nacional (1460-1975), Paris.

AREZ, Jorge de Juan y GUITERREZ, Yasmina Cáceres (2000), Restabelecimento do passado: I Investigações Arqueológicas na Fortaleza Real de São Filipe, in VV.AA, CABO VERDE, Fortaleza, Gente e Paisagem, AECl e MCCV, Bilbao

Agência Geral do Ultramar, Cabo Verde Pequena Monografia, 1961

BARATA, Óscar, (1967), O Povoamento de Cabo Verde, Guiné e São Tomé. Lisboa, Assistência do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina.

BARCELLOS, Christiano José de Senna, (1990), Subsidios para a História de Cabo Verde e Guiné, Parte II, Typografia da Academia Real das Sciencias, Lisboa.

BENAVENTE, Luís (1997) Luís Benavente/ arquitecto, Instituto dos Arquivos Nacionais/torre de Tombo, Lisboa

BOLETIM OFICIAL, (2009), Assembleia Nacional, I Série, nº11.

BOLETIM OFICIAL, (2012), Conselho de Ministros, I Série, nº4.

BORGES, Aidil de Carvalho Martins Barbosa (2005), O Património Ecológico e Arqueológico da Cidade Velha: Subsídios para o Uso Sustentável dos Recursos Naturais e do Desenvolvimento Turístico. Universidade de León – Fundação Universitária Ibero-americana (tese de mestrado).

BRÁSIO, Pe. António, Monumenta Missionária Africana, 2ª série, vol. I, II, III e IV, Lisboa, 1958 a 1968

BRITO, Martinho (2011), Reconvensão do Patrimonial do Sítio Histórico – Cidade Velha, Património Mundial – Interpretação da Fortaleza Real de São Filipe.

CARITA, Rui, (2010), Curso de História da arquitectura e do Urbanismo nas ilhas Atlânticas, Universidade de Madeira e IAC-Instituto Açoriano de Cultura, D.L.

CARREIRA, António (1981), “O Tráfico de escravos nos rios de Guiné e Ilhas de Cabo Verde”. Lisboa, Junta de Investigações Científicos do Ultramar – Centro de Estudos de Antropologia Cultural.

CLEMENTINO AMARO E VÍTOR SANTOS, pedra & cal, n.º 15 Julho. Agosto. Setembro 2002.

CHARTIER, Roger (1988), A História Cultural – Entre Práticas e Representações. Memória e Sociedade. Lisboa, Difusão, Lda.

DAVID SANTOS E NUNO AUGUSTO, (2015), Cabo Verde Visto do Ar, Flying Book House.

DOSSIER, Candidatura da Ribeira Grande de Santiago, (2009).

FERNANDES, J.M., (1996), Cidades e Casas da Macaronésia, Porto.

FERNANDES, J. M, “Luís Benavente e as Fortalezas de África (1956-1973)”, Oceanos, nº28, Outubro/Dezembro de 1996

FERNANDES, Sérgio P., Os planos de Urbanização no Contexto Colonial – A Experiência de Cabo Verde, 1934/1974 (Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa), Lisboa, 2007

INFORME SOBRE LA "Intervencione en la Fortaleza Real De San Felipe", 1999.

JOÃO LOPES FILHO E JOÃO PAULO APARÍCIO, O forte do Príncipe Real e a Defesa da Ilha de São Nicolau, 1998

LUÍS BENAVENTE ARQUITECTO (espólio profissional nos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo), 1996 (caixas sobre Cabo Verde, dossiers 493,459,777, 502, 450, 669); Loureiro, J., Postais Antigos de Cabo Verde, Lisboa, 1998

LOPES DOS SANTOS, Manuel Spencer, (2016), Fortificações de Cabo Verde

MATTOSO, JOSÉ (dir.), Património de origem Portuguesa no Mundo arquitectura e urbanismo – África, Mar Vermelho e Golfo Pérsico (coord. Do vol. José Manuel Fernandes), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

MENDES, Maria Clara (coord.), Urbanismo Colonial – os planos de Urbanização nas Antigas Províncias Ultramarinas, 1934-74 (edição policopiada da Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa), Lisboa, 2008.

MINISTÉRIO DA CULTURA (2008), Cidade Velha “Centre Historique de Ribeira Grande Cap-Vert – Proposition d’inscription sur la Liste du patrimoine mondial”. Praia, Ministério de Cultura de Cabo Verde

MILHEIRO, A. V., «Cabo Verde e Guiné-Bissau: Itinerários pela Arquitectura Moderna Luso-Africana (1944-1974)» Atas do Colóquio Internacional Cabo-Verde e Guiné-Bissau: Percurso da Saber e da Ciência, Lisboa, 21-23 Junho de 2012.

MONTEIRO, Felix, (1978), Descrição Corográfica e Estatística das ilhas de Cabo Verde, in Revista Raízes, Ano 2 nº 5/6.

PLANO DE URBANIZAÇÃO DA VILA DA RIBEIRA GRANDE, Lisboa, 1967

PAPINI, Brita (coord.), Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo, Praia, 1984.

PENÃ, Carlos Garcia, (2000), Cabo Verde “Fortalezas, Gente e Paisagem”, Agencia Espanhola de Colaboração Internacional.

PEREIRA, Daniel. (2004). A importancia Histórica da Cidade Velha (Ilha de Santiago - Cabo Verde). (A. M. Enrique Martínez Gálan (Espanhol), Trad.) Praia, Cabo Verde: Alfa-Comunicações, Lda.

PEREIRA, Daniel (2004), A situação da ilha de Santiago no 1º Quartel do século XVIII, Alfa – Comunicações, Lda.

PEREIRA, Daniel A (2004) A Importância Histórica da Cidade Velha (Ilha de Santiago – Cabo Verde). Praia, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

PERES, Damião, História dos descobrimentos portugueses. Porto, Vertente – Dist. De livros Lda, 1859

PEREIRA, Daniel (2009), Marcos cronológicos da Cidade Velha, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro (IBNL) CP 464 – Praia.

REIS PIRES, Fernando de Jesus Monteiro, (2004), da cidade da Ribeira Grande à Cidade Velha em Cabo Verde “Análise Histórica-Formal do Espaço Urbano Séc. XV – Séc. XVIII”, Câmara Municipal da Praia.

RELATÓRIO – “Projecto de Intervenção Arquiológica no forte de S. António, Cidade Velha, Cabo Verde”, 2015.



SANTOS, Maria Emília Madeira, (2007), História Concisa de Cabo Verde, Instituído de Investigação Científica Tropical – Lisboa e Insitituto da Investigação e do Património Culturais – Praia.

SOUSA, H. Teixeira de, Mais de cinco anos na Presidência da Câmara Municipal de São Vicente, Cabo Verde

SEMEDO, Claudino (2010) Cidade Velha: Património, Musealização e Desenvolvimento Turístico em Cabo Verde, Dissertação de Mestrado.

SILVA, A. Correia e, Espaços Urbanos de Cabo Verde, o tempo das cidades-portos, Lisboa, 1998

URBANIZAÇÃO DA CIDADE DA PRAIA – Plano Director Básico, Lisboa, 1969

URBANIZAÇÃO DO MINDELO, Plano Director-Base, Lisboa, 1960

INSTITUIÇÕES PÚBLICAS

- IIPC - Instituto do Património Cultural
- Arquivo Nacional de Cabo Verde
- Arquivo Nacional Torre do Tombo
- Arquivo Histórico Ultramarina - IICT
- Camara Municipal Da Ribeira Grande de Santiago
- Biblioteca Nacional de Portugal
- Biblioteca da Universidade de Évora
- Biblioteca Nacional de Cabo Verde
- Biblioteca da Universidade Nova de Lisboa
- Fundação Calouste Gulbenkian
- Forças armadas de Cabo Verde

ANEXOS



Legenda:

- 1- Fortaleza Real de São Filipe
- 2- Forte de Santo António
- 3- Forte de São João dos Cavaleiros
- 4- Forte do Presídio
- 5- Forte de São Veríssimo
- 6- Muralha do mar
- 7- Forte de São Braz
- 8- Forte de São Lourenço



Fig.217

Fig. 217- Imagem acervo do autor, produzido juntamente com a equipa WDI4U.  
Fortaleza Real de São Filipe e fortificações



Fig.218

Fig. 218- Imagem acervo do autor, produzido juntamente com a equipa WDI4U.  
Muralha à oeste da Fortaleza Real de São Filipe - Ribeira Grande de Santiago / Cidade Velha





Fig.219

Fig. 219- Fotografia acervo do autor, 2018.  
Fortaleza Real de São Filipe - Ribeira Grande de Santiago / Cidade Velha

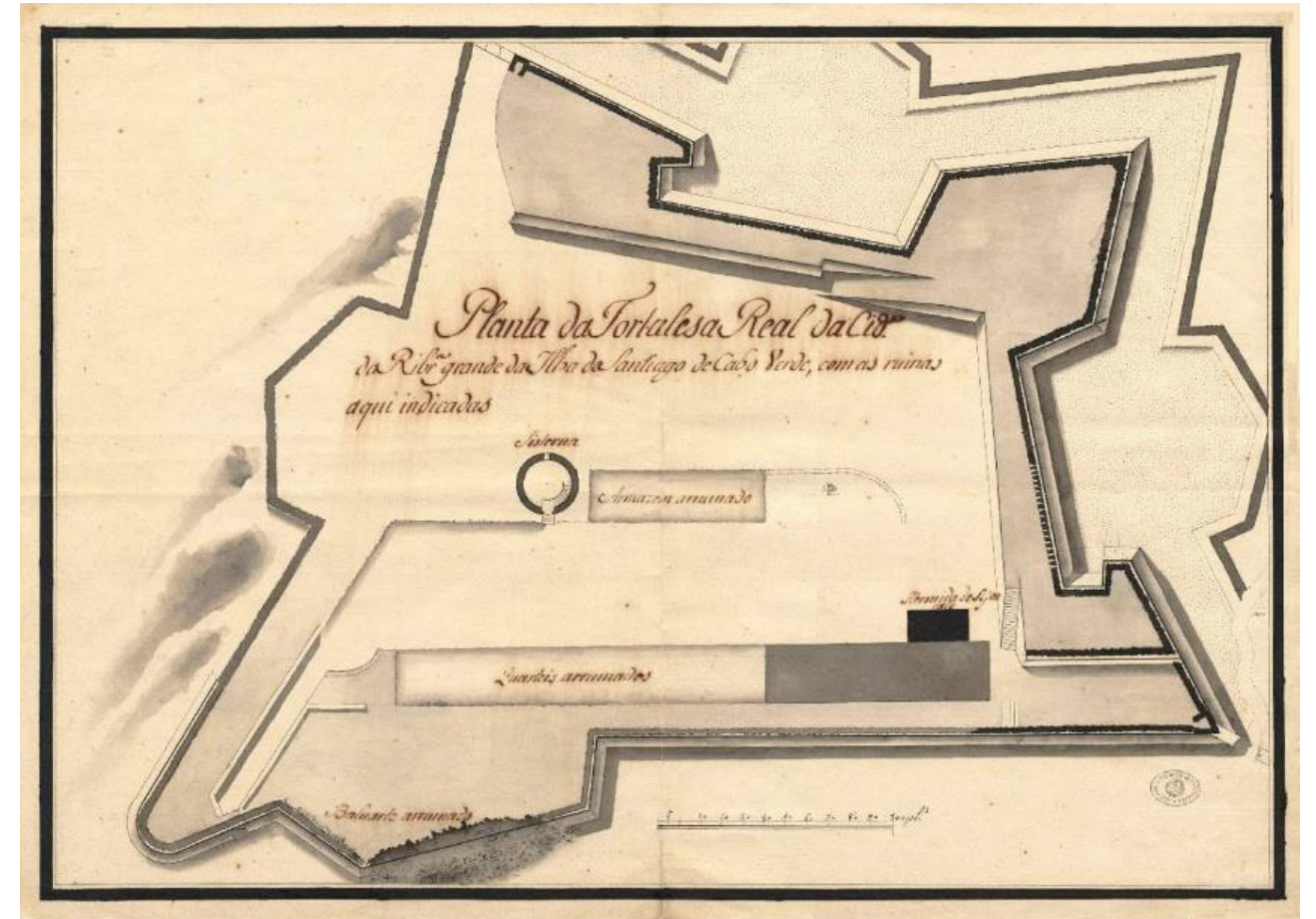


Fig. 220- Planta da fortaleza Real de São Filipe | Autor: Engenheiro António Carlos Andreis | Ribeira Grande na Ilha de Santiago | Cabo Verde | Ano: 1778 | AHU

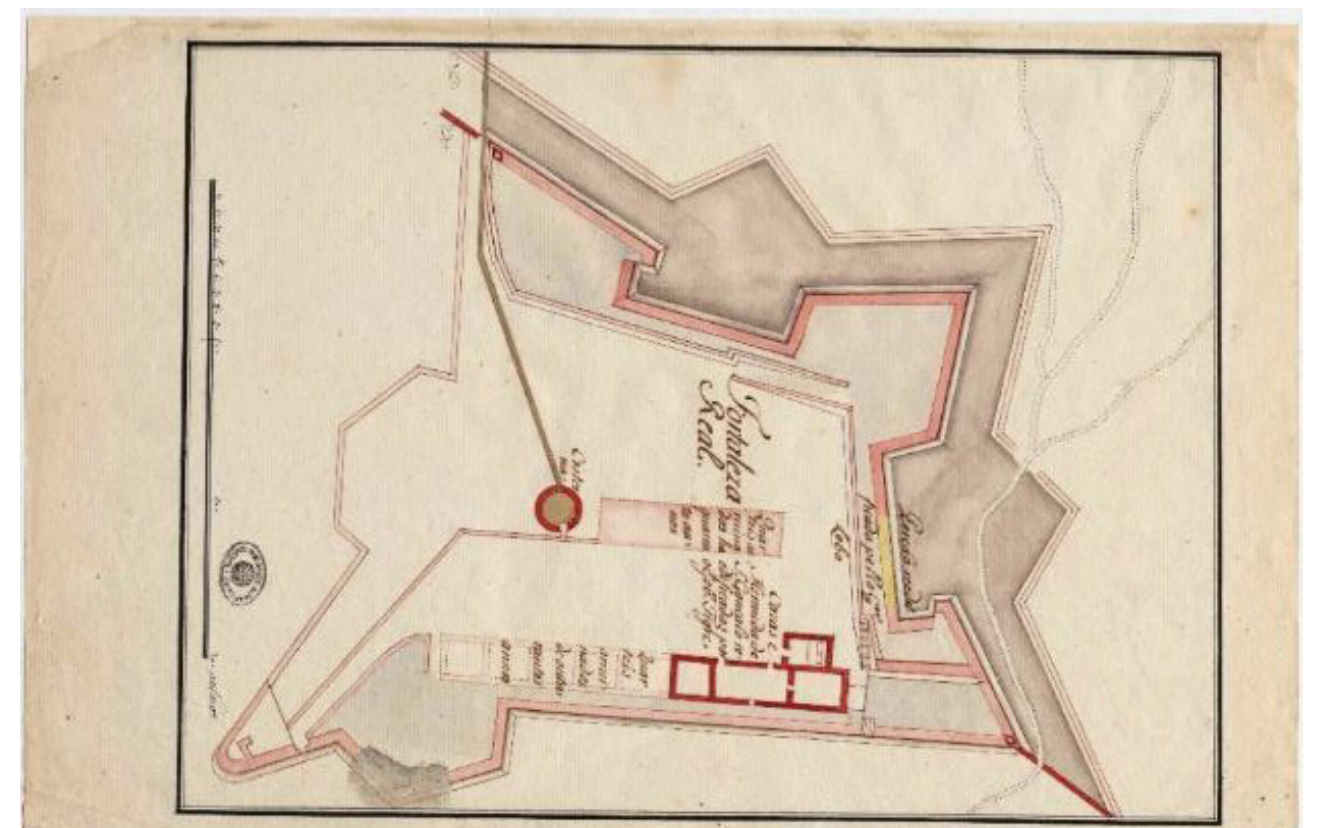


Fig. 221- Planta da fortaleza Real de São Filipe | Autor: Engenheiro António Carlos Andreis | Ribeira Grande na Ilha de Santiago | Cabo Verde | Ano: 1778 | AHU



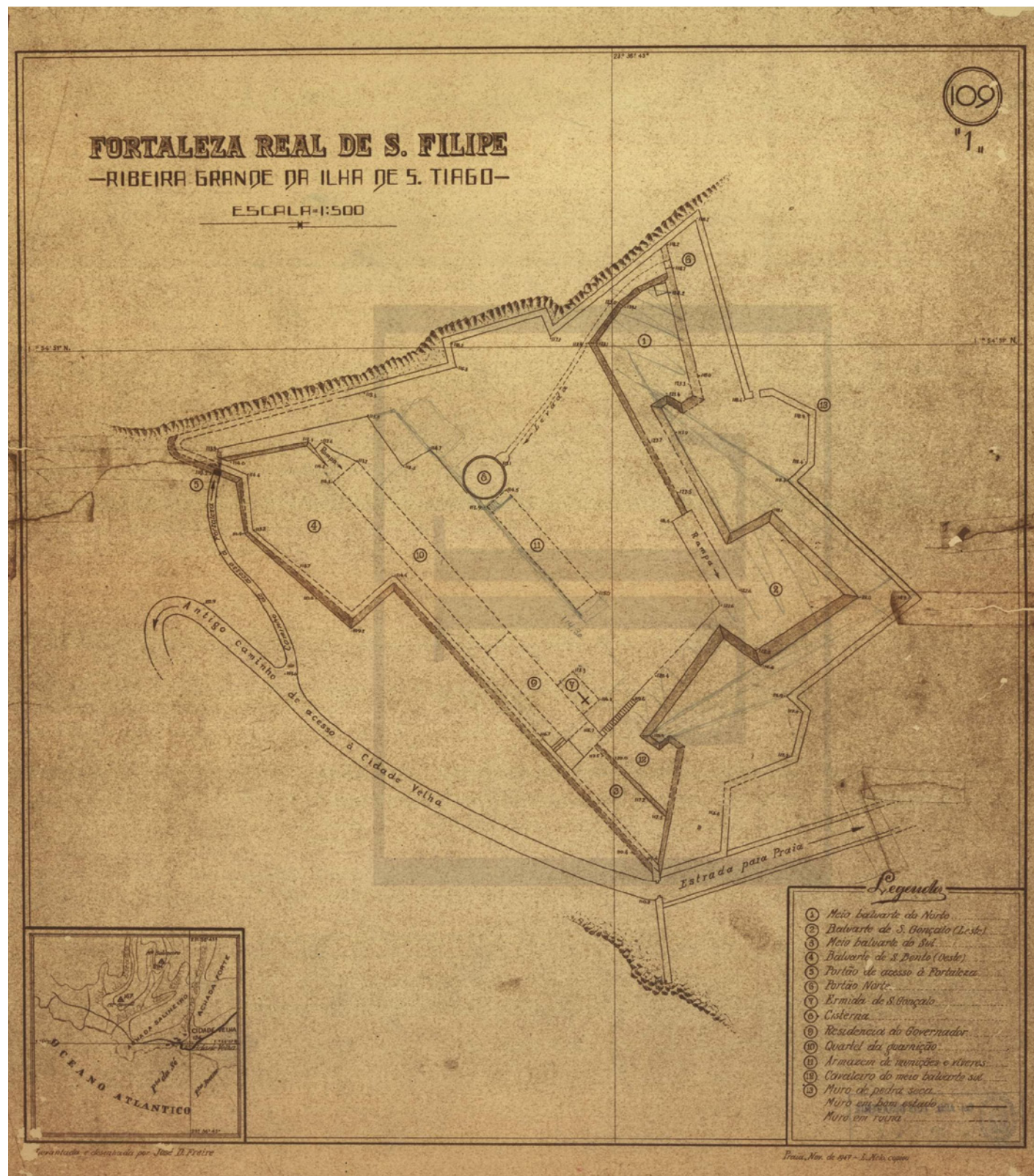


Fig. 222- Planta da fortaleza Real de São Filipe | Autor: José D. Freire | Ribeira Grande na Ilha de Santiago | Cabo Verde | Copiado por L. Melo - Ano: 1947 | IIPC

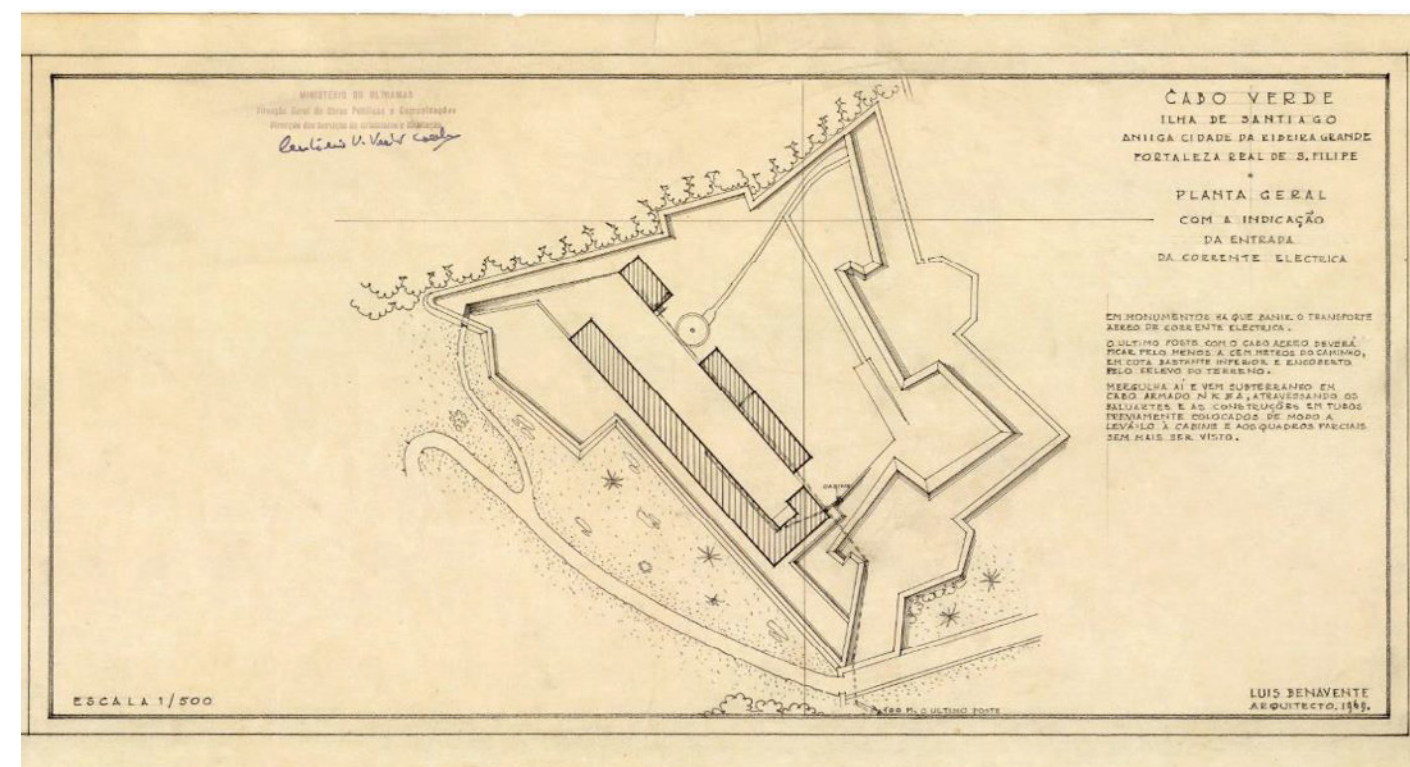


Fig. 223- Planta da fortaleza Real de São Filipe | Autor: Arquitecto Luís Benavente | Ribeira Grande na Ilha de Santiago | Cabo Verde | Ano: 1969 | IIPC

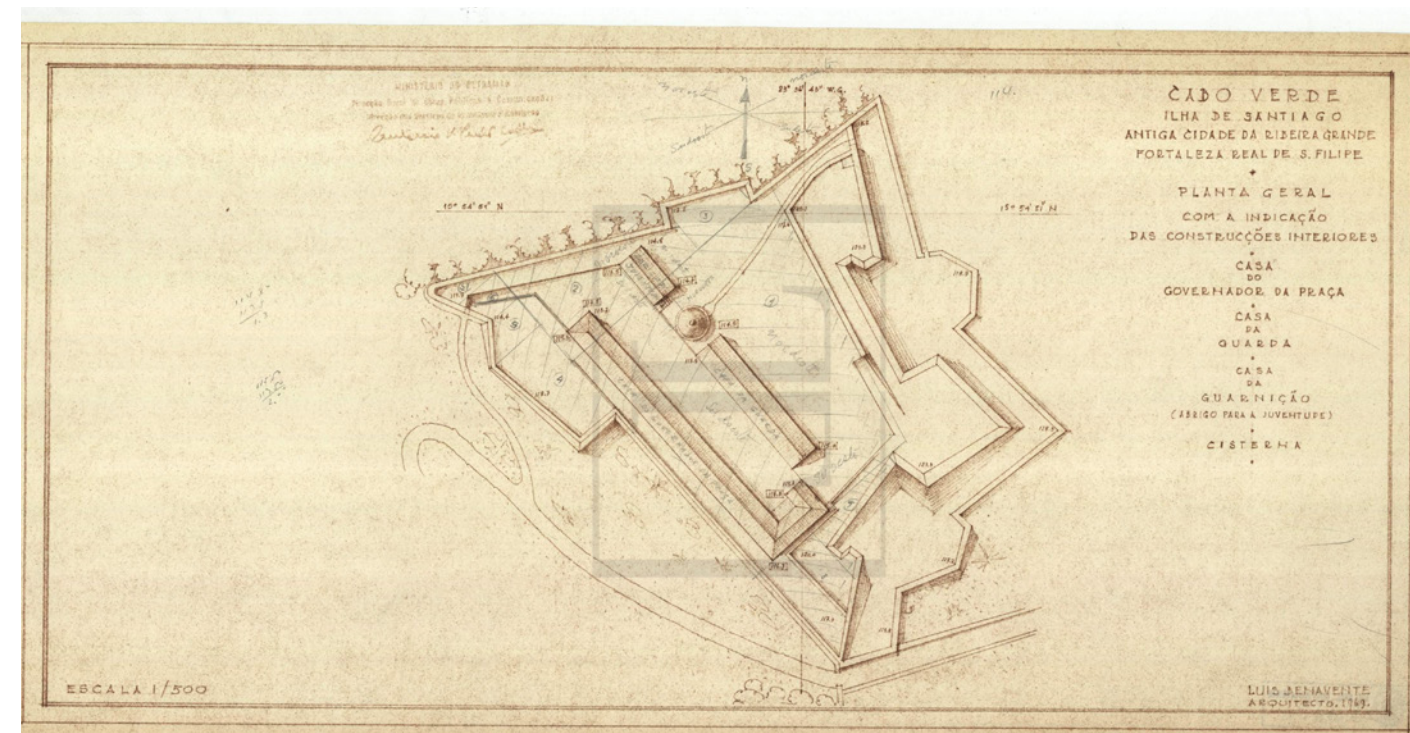


Fig. 224- Planta da fortaleza Real de São Filipe | Autor: Arquitecto Luís Benavente | Ribeira Grande na Ilha de Santiago | Cabo Verde | Ano: 1969 | IIPC



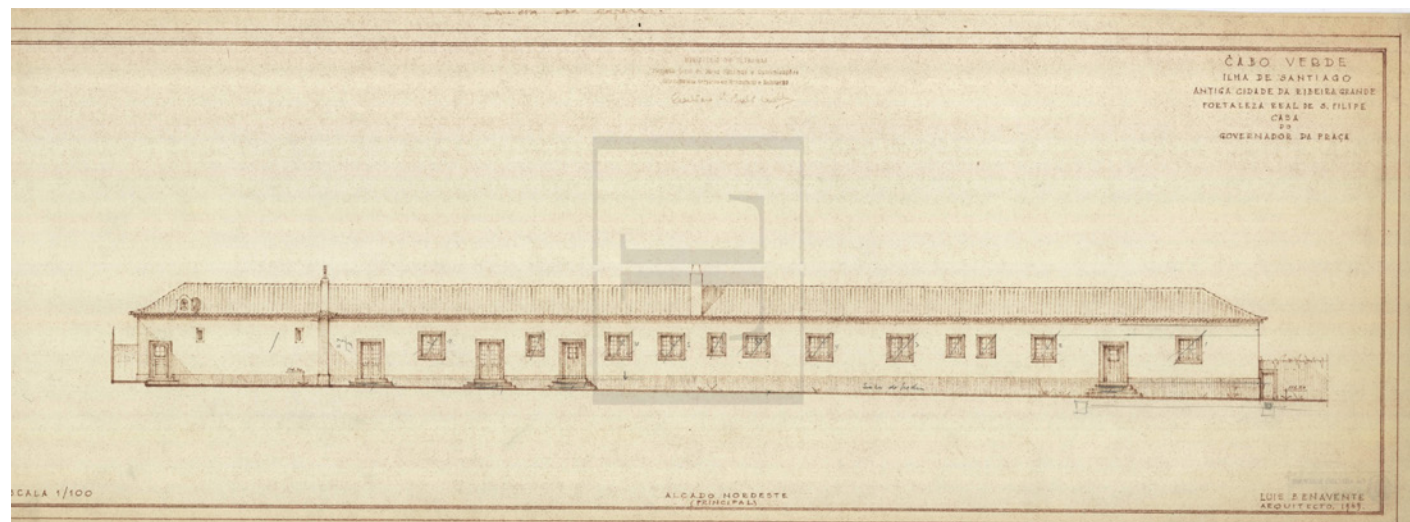


Fig. 225- Alçado interior da fortaleza Real de São Filipe | Casa do Governador | Autor: Arquitecto Luís Benavente | Ribeira Grande na Ilha de Santiago | Cabo Verde | Ano: 1969 | IIPC

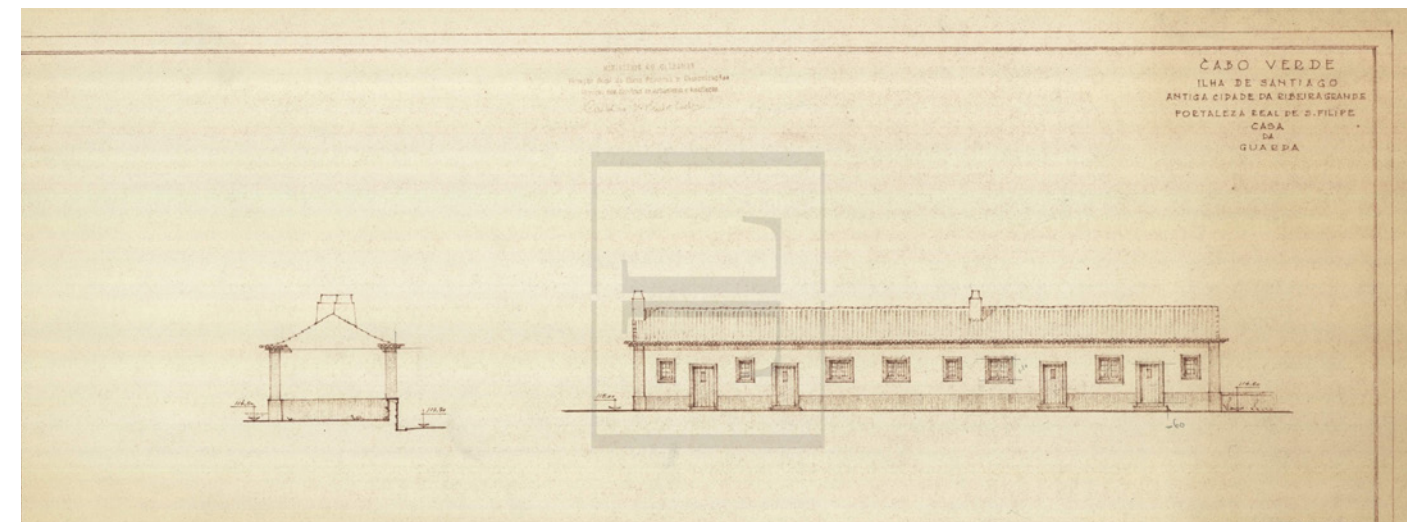


Fig. 228- Planta da fortaleza Real de São Filipe | Autor: Arquitecto Luís Benavente | Ribeira Grande na Ilha de Santiago | Cabo Verde | Ano: 1969 | IIPC

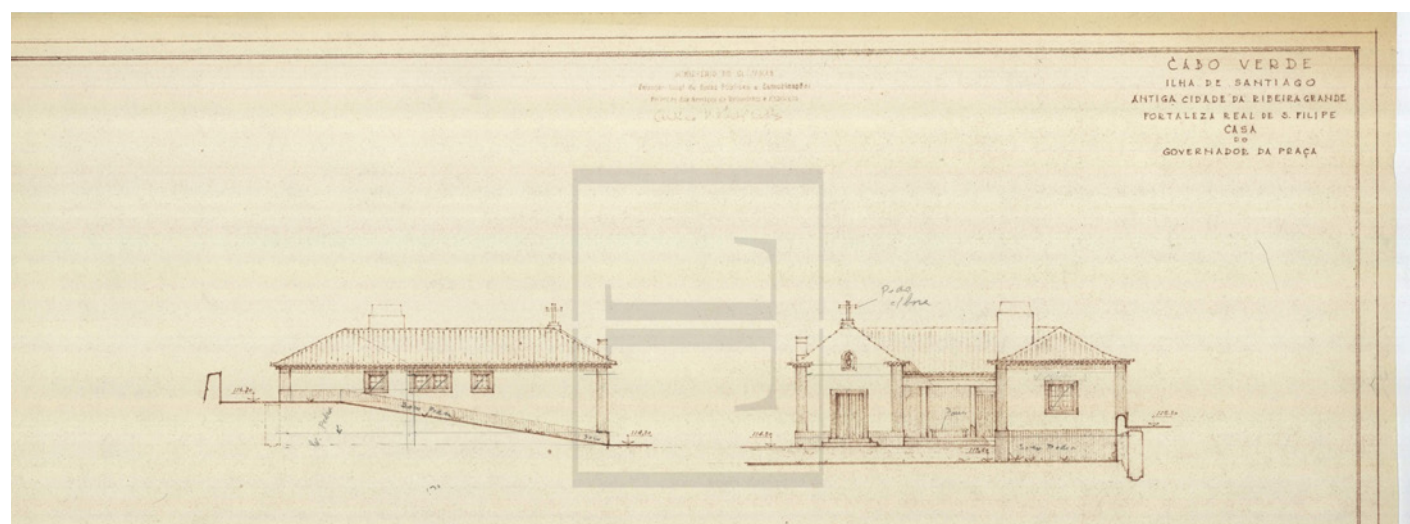


Fig. 226- Alçado interior da fortaleza Real de São Filipe | Casa do Governador da Praça | Autor: Arquitecto Luís Benavente | Ribeira Grande na Ilha de Santiago | Cabo Verde | Ano: 1969 | IIPC

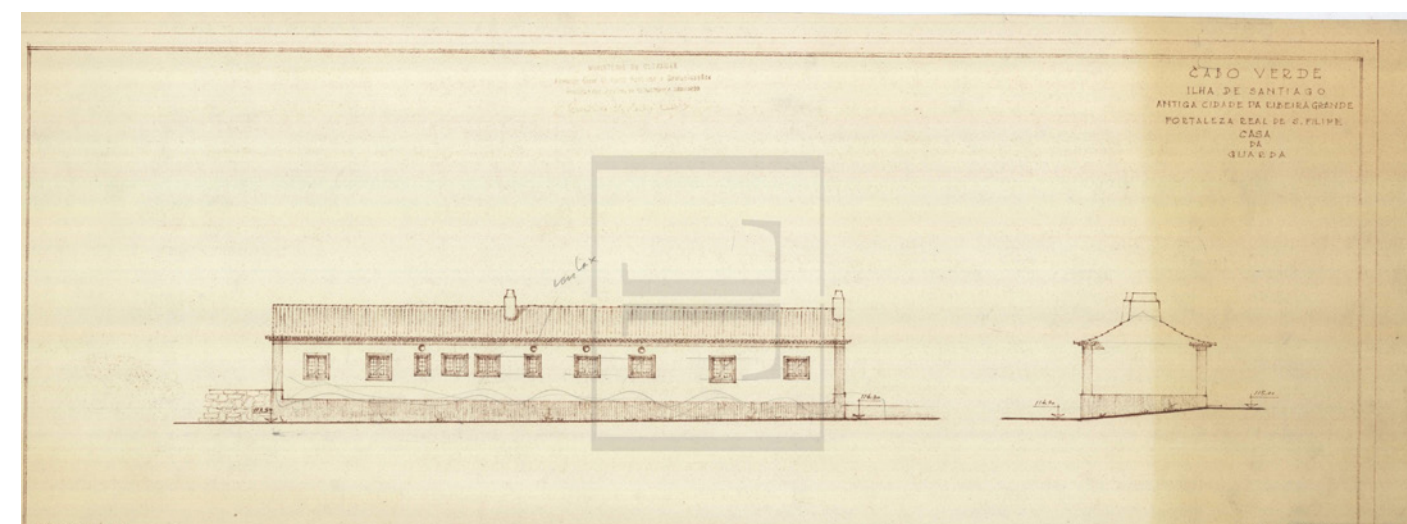


Fig. 229- Alçado Casa do Guarda | Interior da fortaleza Real de São Filipe | Autor: Arquitecto Luís Benavente | Ribeira Grande na Ilha de Santiago | Cabo Verde | Ano: 1969 | IIPC

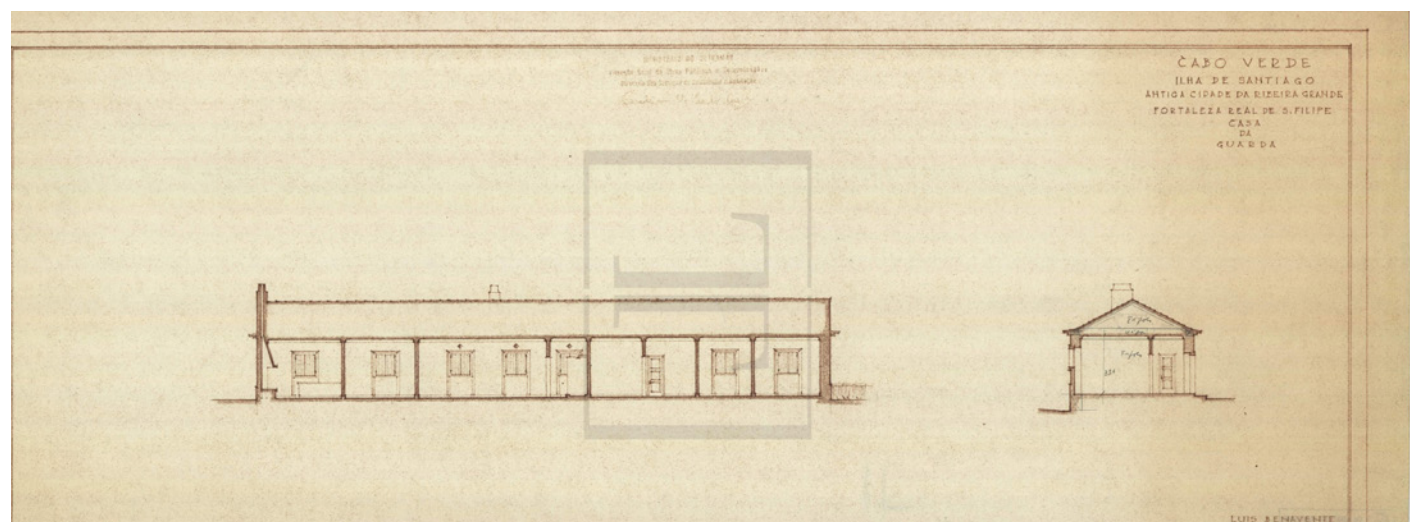


Fig. 227- Corte casa do Governador da Praça | Interior da fortaleza Real de São Filipe | Autor: Arquitecto Luís Benavente | Ribeira Grande na Ilha de Santiago | Cabo Verde | Ano: 1969 | IIPC

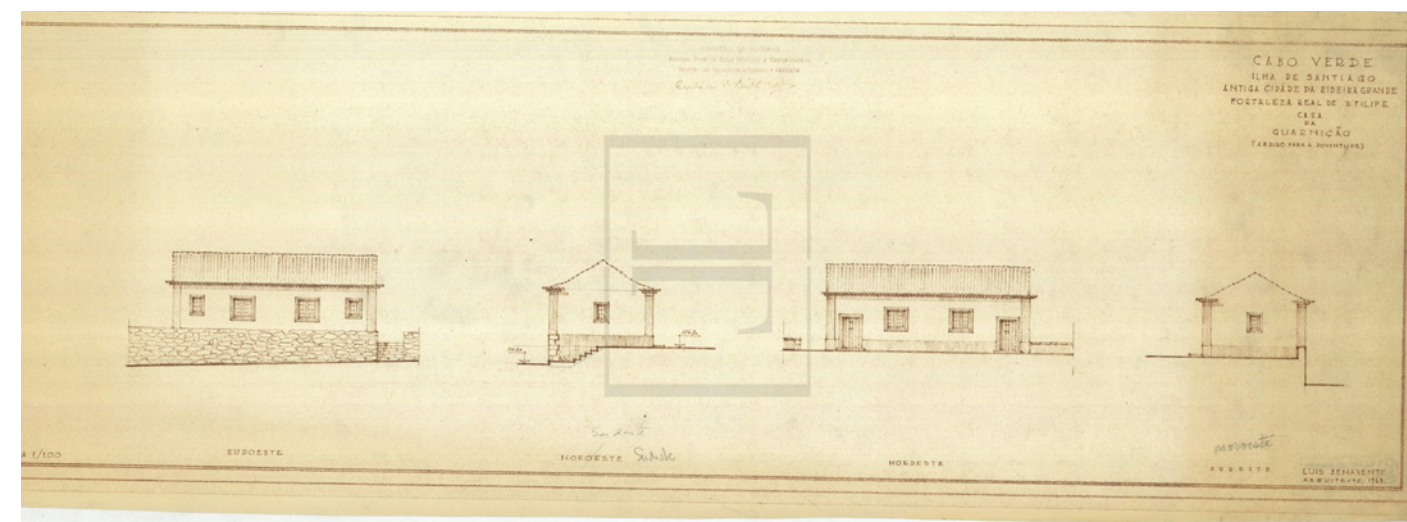


Fig. 230- Alçado Casa da Guarnição | Interior da fortaleza Real de São Filipe | Autor: Arquitecto Luís Benavente | Ribeira Grande na Ilha de Santiago | Cabo Verde | Ano: 1969 | IIPC



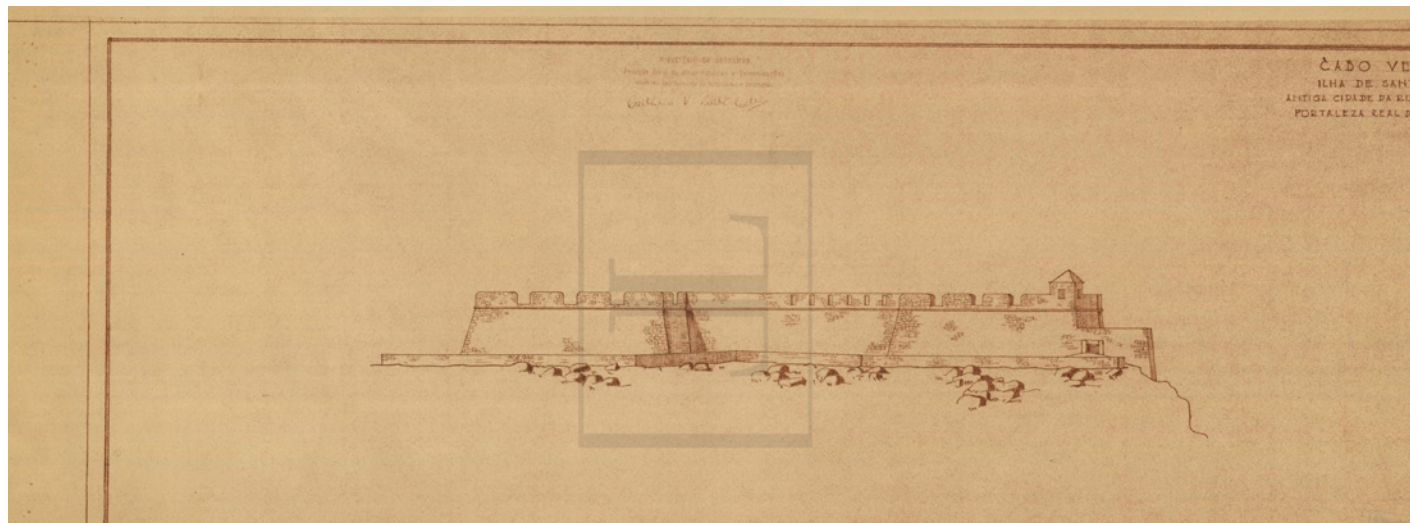


Fig. 231- Alçado Norte da fortaleza Real de São Filipe | Autor: Arquitecto Luís Benavente | Ribeira Grande na Ilha de Santiago | Cabo Verde | Ano: 1969 | IIPC

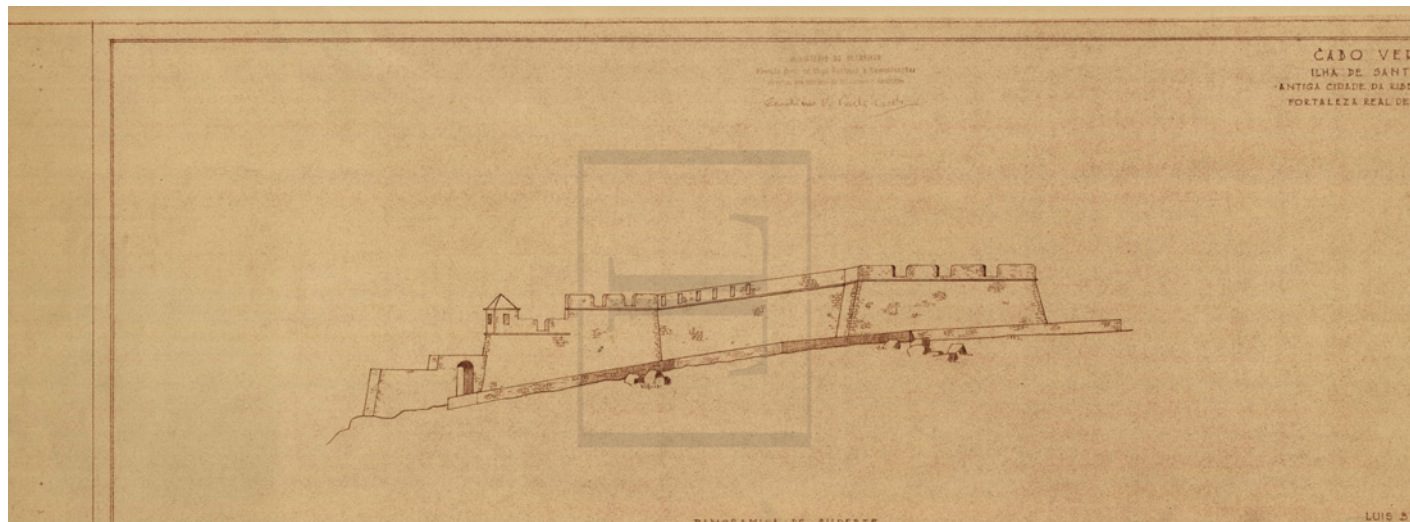


Fig. 232- Alçado Leste da fortaleza Real de São Filipe | Autor: Arquitecto Luís Benavente | Ribeira Grande na Ilha de Santiago | Cabo Verde | Ano: 1969 | IIPC

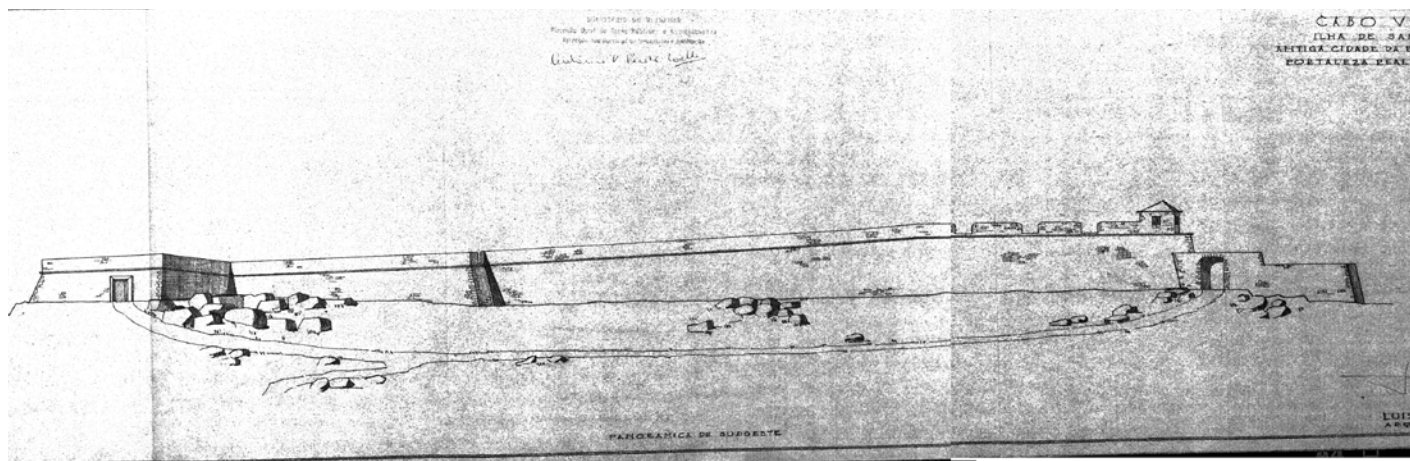


Fig. 233- Alçado Norte da fortaleza Real de São Filipe | Autor: Arquitecto Luís Benavente | Ribeira Grande na Ilha de Santiago | Cabo Verde | Ano: 1969 | IIPC

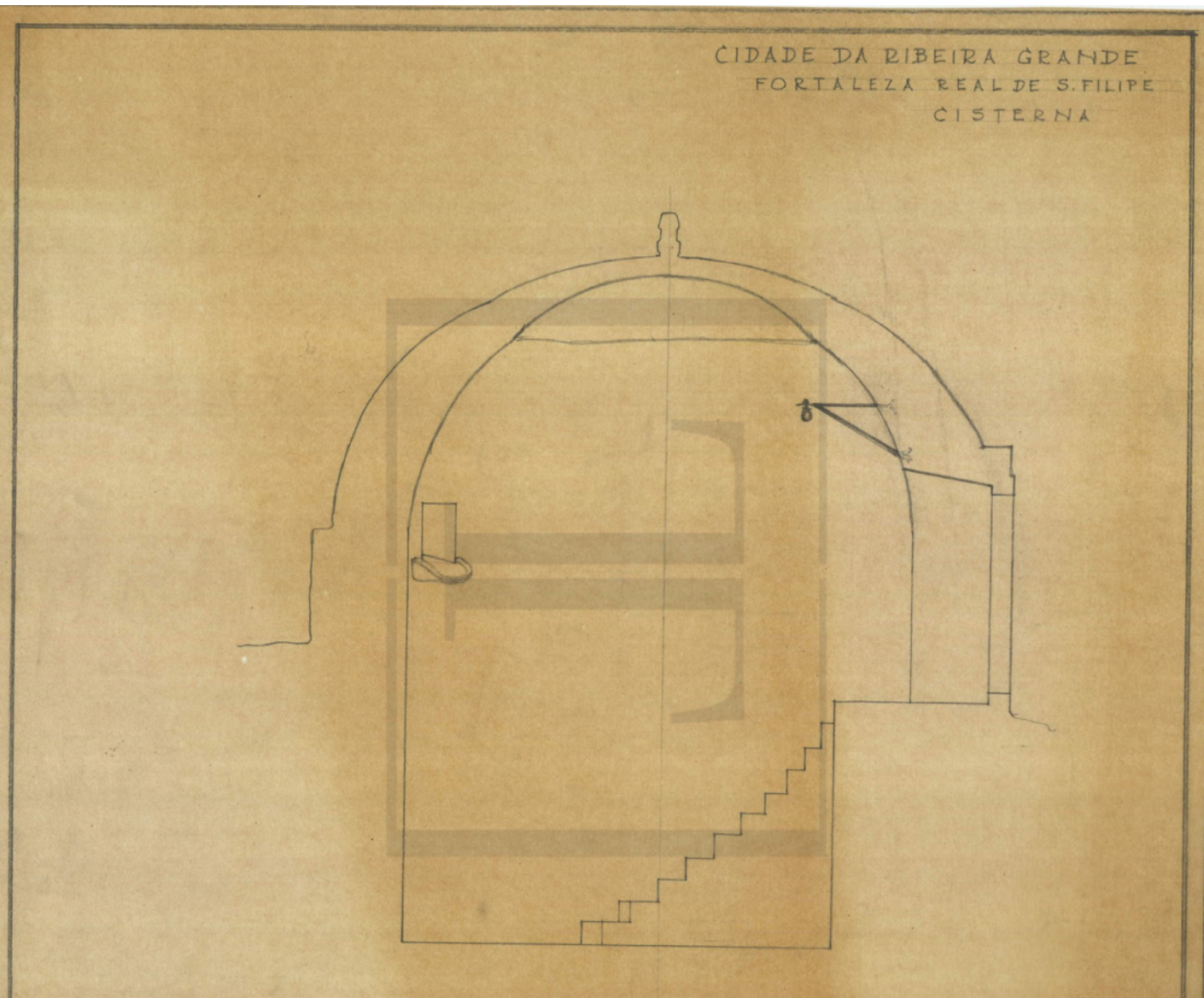


Fig. 234- Corte da Cisterna | Interior da fortaleza Real de São Filipe | Levantamentos para as obras de recuperação | Autor: Arquitecto Luís Benavente | Ribeira Grande na Ilha de Santiago | Cabo Verde | Ano: 1969 | IIPC

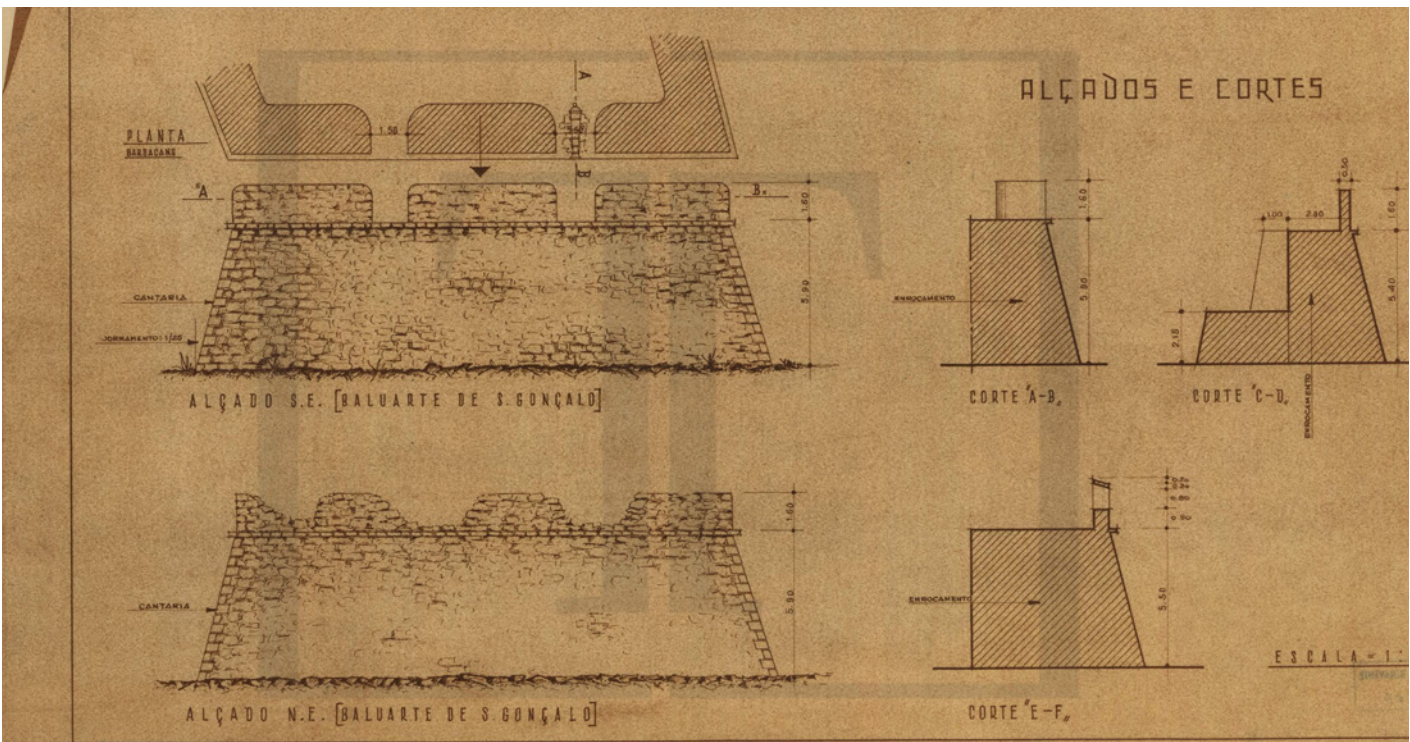


Fig. 235- Alçado e Corte da fortaleza Real de São Filipe | Levantamentos para as obras de recuperação | Autor: Arquitecto Luís Benavente | Ribeira Grande na Ilha de Santiago | Cabo Verde | Ano: 1969 | IIPC



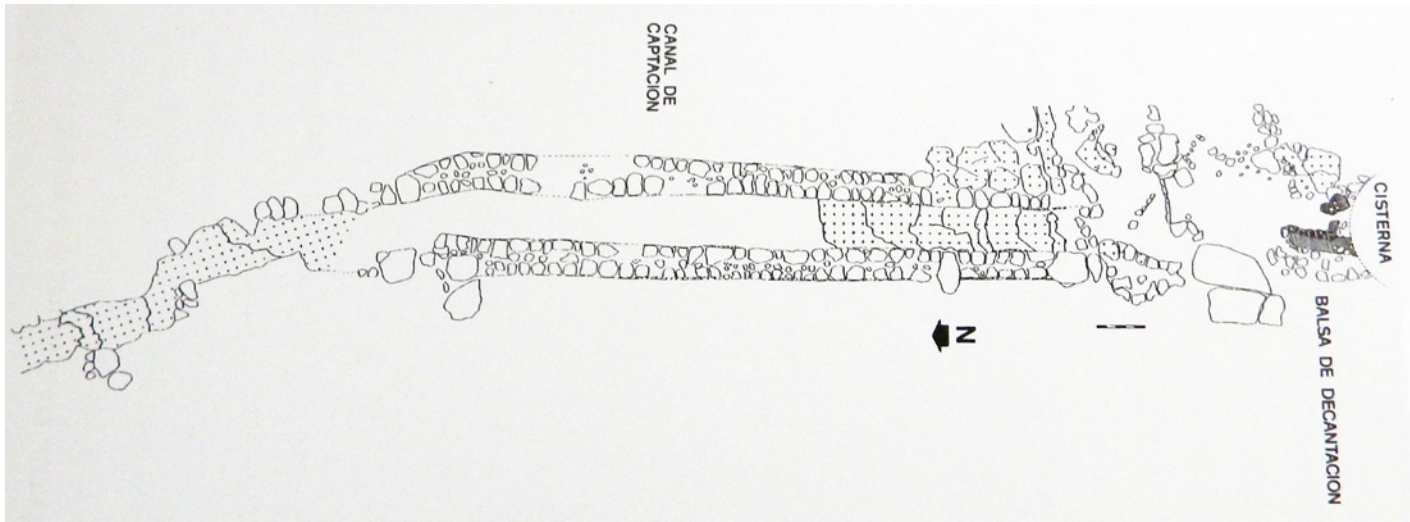


Fig. 236- Canal de captação da cisterna | Fonte: Ares e Gutiérrez, 2000:146



Fig. 237- Explicação da planta da cidade de Ribeira Grande de Santiago - Cabo Verde | Apud Senna Barcellos | Caderno de História Moderna | Vol.27 | 2002: 11-48



Fig. 238- Obras de Pavimentação de arruamento, no alto da colina a fortaleza Real de São Filipe anda em ruínas | Relatório, 1959.



Fig. 239- Panorâmica, vista do forte São Veríssimo para o mar



Fig. 240- Panorâmica da fortaleza Real de São Filipe para a cidade



Fig. 241- Obras de Pavimentação do largo do Pelourinho



Fig. 242- Obras de recuperação do forte São Veríssimo





Fig. 243- Panorâmica interior da fortaleza Real de São Filipe | Visita do arquitecto siza Vieira à Ribeira Grande de Santiago | In Arquivo Nacional de Cabo Verde (Museu de Documentos Especiais).

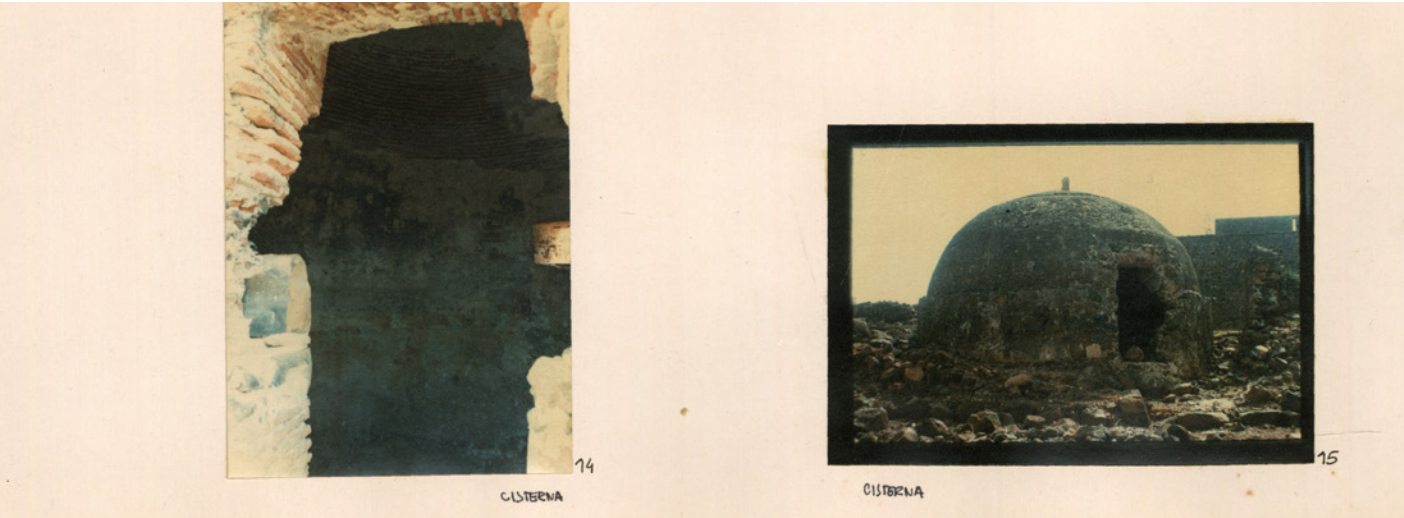


Fig. 244- Cisterna antes da recuperação | In Arquivo Nacional de Cabo Verde (Museu de Documentos Especiais).



Fig. 245- Vista do interior para o lado leste da fortaleza | In Arquivo Nacional de Cabo Verde (Museu de Documentos Especiais).



Fig. 246- Vista interior da fortaleza Real de São Filipe | In Arquivo Nacional de Cabo Verde (Museu de Documentos Especiais).



Fig. 247- Alçado Norte da fortaleza Real de São Filipe | In Arquivo Nacional de Cabo Verde (Museu de Documentos Especiais).



Fig. 248- Panorâmica interior da fortaleza Real de São Filipe | In Arquivo Nacional de Cabo Verde (Museu de Documentos Especiais).

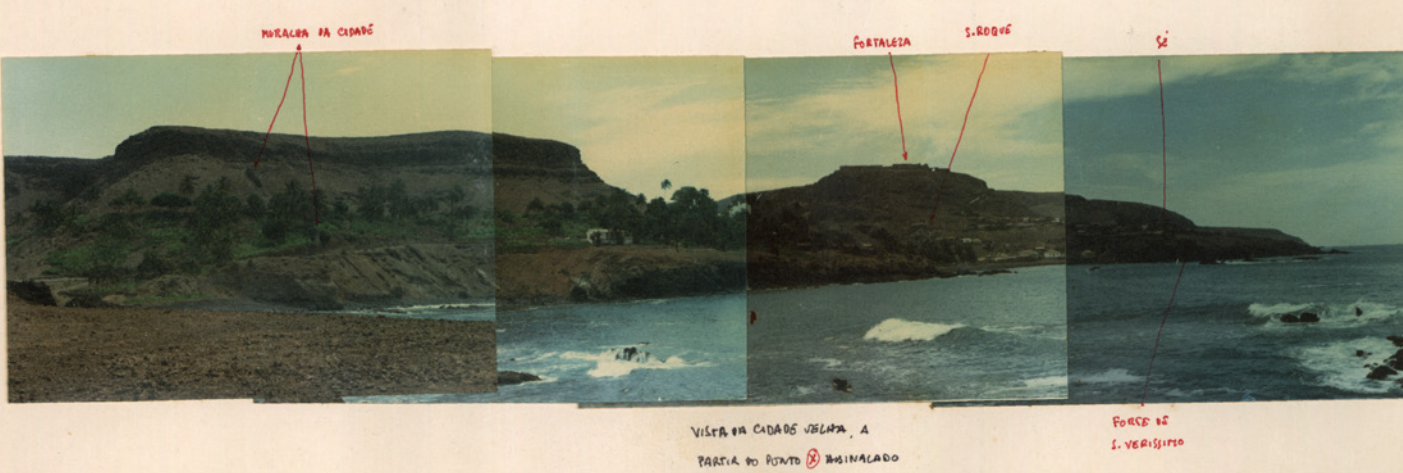


Fig. 249- Panorâmica | Vista para à Cidade | In Arquivo Nacional de Cabo Verde (Museu de Documentos Especiais).





Fig. 250- Panorâmica de Duplessis de 1699 | p.61



Fig. 251- Panorâmica de Duplessis de 1699 | p.59

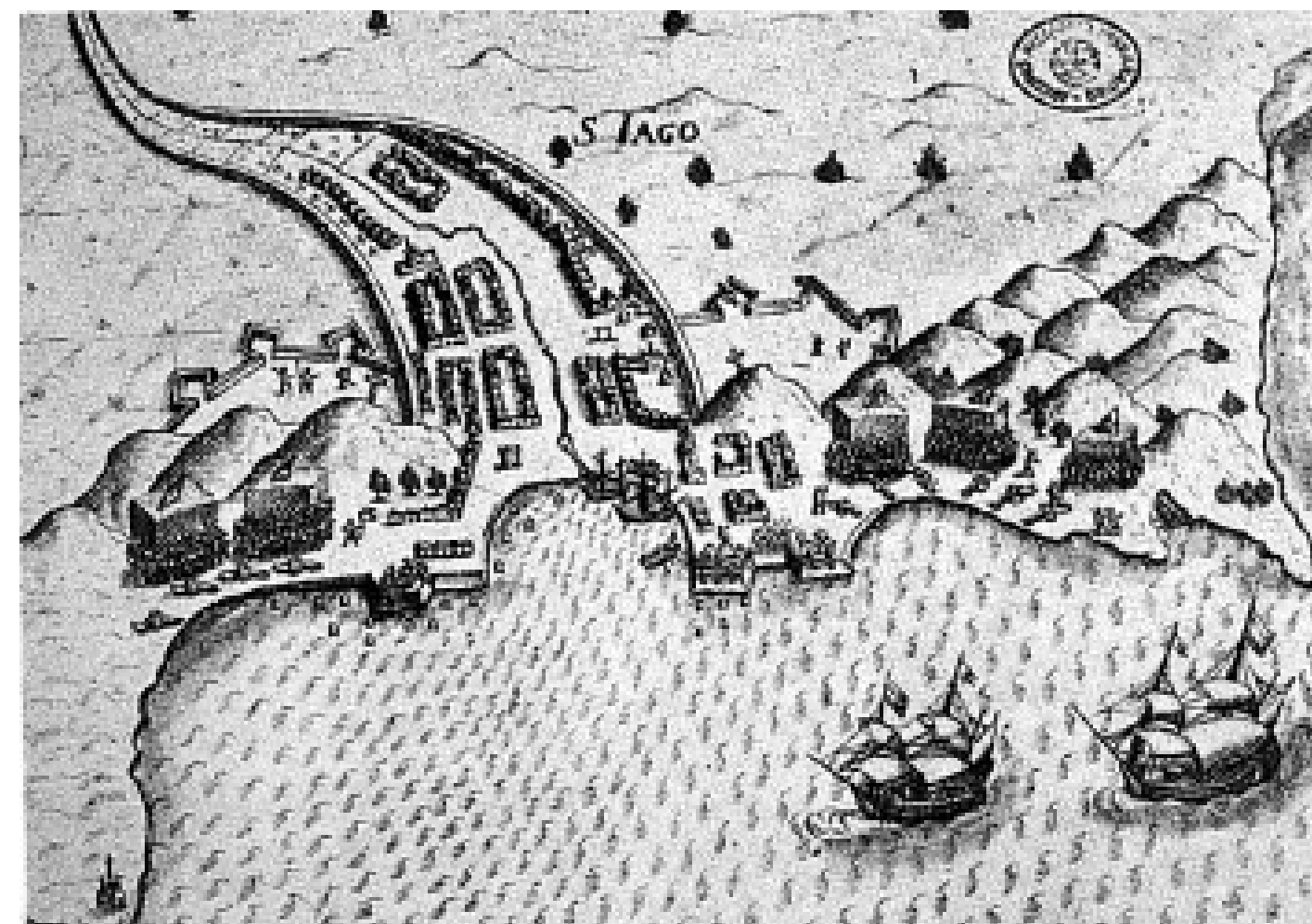


Fig. 252- Espaço urbano da cidade de Ribeira Grande de Santiago | século XVII | Autor: Desconhecido



Fig. 253- Ribeira Grande de Santiago | Ano: 1671 | Autor: J. OGILBY









Fig. 256- Planta da ilha de São Vicente | Sociedade de Geografia de Lisboa | Ano: 1888



Fig. 257- Planta da ilha do Fogo | Sociedade de Geografia de Lisboa | Ano: 1888



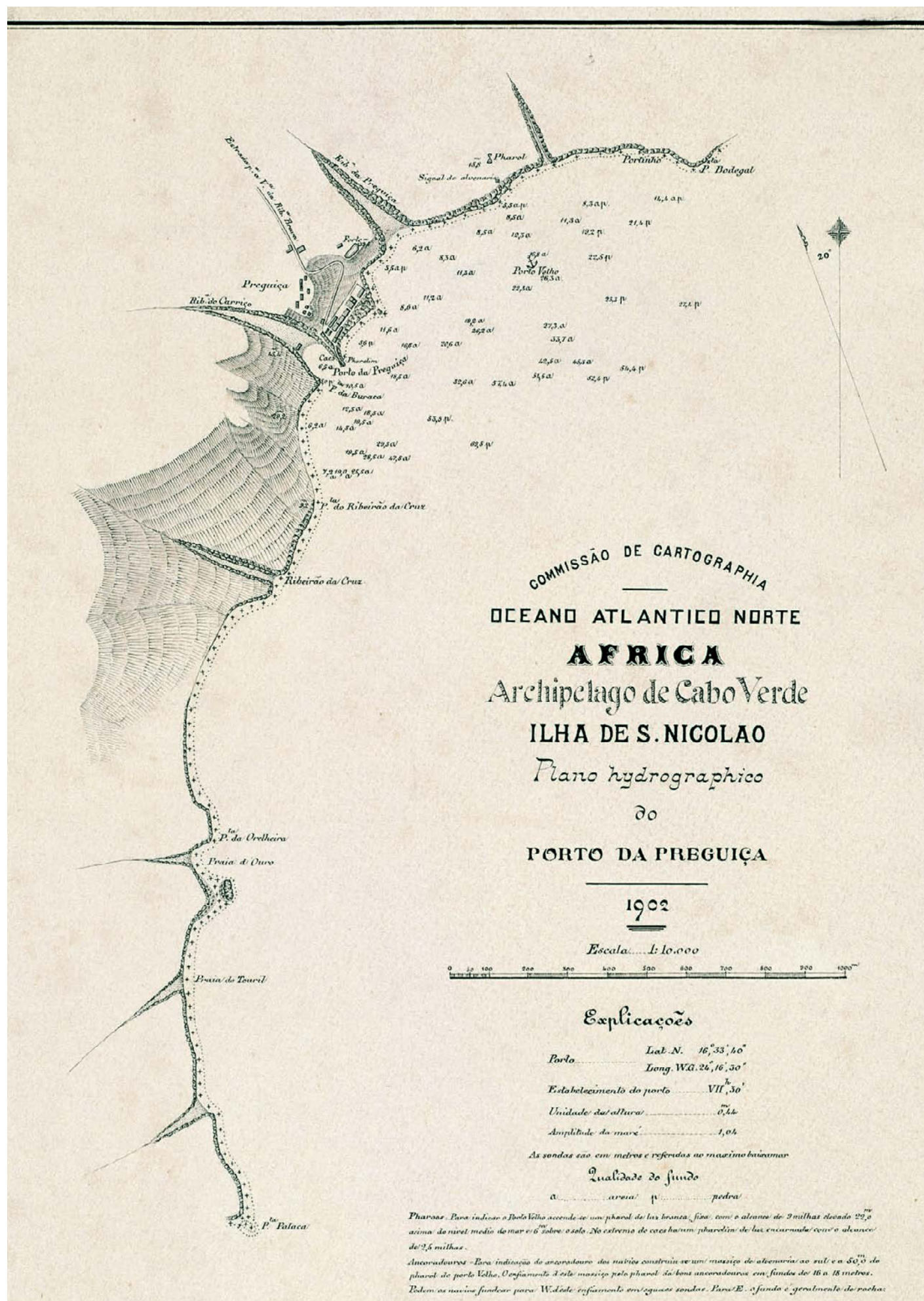


Fig. 258- Planta da ilha de São Nicolau | album cartografico de cabo verde | Ano: 1902